GORBACHEV E O PACTO DE VARSÓVIA: CADA UM ESCOLHE A SUA VIA...

Págs. 14 e 15

Diário de Lisboa

ANO 69 N.º 23 009 Sabado, 8 de Julho 1989 Preço 60$00

Objectivo: negociar tudo para aliança contra Marcelo

CDU VISITA O PS: «GATO» NO RATO

A CDU visitou hoje o Partido Socialista, na sua sede do Rato, encetando uma segunda volta de conversações entre as duas formações. Objectivo: um possível entendimento que permita fazer frente a Marcelo Rebelo de Sousa com a sua candidatura «AD» à presidência da Câmara de Lisboa. O PCP, o «parceiro» mais forte da CDU, reclamou ontem a necessidade de discutir tudo, visando assim, particularmente, a liderança de uma possível lista comum com o PS. Uma forma de se fazer caro face ao anúncio da candidatura de Jorge Sampaio? Uma tentativa de aparecer como «gato» face ao Rato?

Págs. 4 e 5

QUALIDADE NO CENTRO DA DISCUSSÃO

Quebra turística no Algarve está entre 27 e 33 por cento

Pág. 6

EDUARDO DOS SANTOS SUGERE MEDIAÇÃO PORTUGUESA ENTRE O MPLA E A UNITA

Págs. 14 e 15

TURILIS
viagens e turismo

TROIA DESDE 4000.-ESC

PORTUGAL

DESDE 40.750.-ESC

MADEIRA 8 DIAS EM AVIÃO

CIRCUITO AÇOREANO DESDE 73.540.-ESC

ALGARVE DESDE 2200.-ESC

DESTINATION PORTUGAL
Tour Operators

RUA PASSOS MANUEL, 94-D
TELEFS. 538705-534525-547978 – TELEX 12862 TURILI P
1100 LISBOA — PORTUGAL

O «DL» no TROFÉU JOAQUIM AGOSTINHO com o patrocínio

TOITORRES
TOITORRES AUTOMÓVEIS, S.A. TORRES VEDRAS
O SEU CONCESSIONÁRIO TOYOTA NO OESTE
TOYOTA
uma FORÇA para o FUTURO

Banix
B M W

pelo prazer de conduzir
MOTOCICLOS

Pelos deputados do PSD na Comissão de Inquérito Parlamentar

ROSETA ACUSADA DE OBSESSÃO PELOS TÍTULOS

Os deputados do PSD que fizeram parte da Comissão de Inquérito ao adiamento das contrapartidas pela concessão do jogo no Estoril acusaram ontem Helena Roseta de actuar *«apenas para obter títulos dos jornais, não se importando em fundamentar as graves acusações que faz»*.

Numa nota à Imprensa distribuida pelo Grupo Parlamentar da Maioria, aqueles deputados--José Pacheco Pereira, Pedro Campilho, Granja da Fonseca, Vieira de Castro e Belarmino Correia--foram divulgados pormenores sobre a discrepância de números nas contas da Sociedade Estoril-Sol que serviram de matéria de fundo para novas dúvidas levantadas na ponta final do processo pos Helena Roseta. Já noticiada na nossa edição de ontem a interpretação dada pelo PSD a tal discrepância (estão em causa 158 mil contos, diferença entre o dinheiro que a empresa contabilizou inicialmente como tendo saído para liquidar a primeira prestação das contrapartidas e a verba que entrou nos cofres do Estado, através do Fundo de Turismo), ela é agora explicada em pormenor como tendo-se tratado da soma de duas contas diversas, incorrectamente feita no balancete:

«A verba referida com o código 44.401 no balancete consolidado do razão de 31 de Dezembro de 1987 é o resultado da soma das contas 441.401 (Contrapartida Concurso 1ª fase) com a conta 439.301 (Despesas Reestruturação da Empresa), no valor dos 158 mil contos, que Roseta diz faltarem», especifica a nota de Imprensa do Grupo Parlamentar do PSD.

Asssim como Helena Roseta terá notado, também os deputados do PSD na Comissão dizem ter-de dado conta desta discrepância. *«Só que atentaram esclarecer-se consultando os documentos contabilísticos da Estoril-Sol enviados à Comissão o que, como é evidente, Helena Roseta não fez»*.

***Pacheco Pereira** encabeça um grupo de cinco deputados do PSD que diz estarem justificados em documentos constante do inquérito os 158 mil contos a que aludiu **Helena Roseta** nas suas alegações.*

Há, no entanto, um elemento novo nesta argumentação do grupo de deputados do PSD encabeçado por Pacheco Pereira:

«Nos documentos enviados, a pedido da Comissão de Inquérito, pela sociedade revisora de contas encontram-se igualmente as notas de lançamento nº 236/12 e 91/6 que discriminam essas verbas».

Ou seja: segundo esta nota do PSD, os 158 mil contos lançados por erro na conta da 1ª prestação das contrapartidas estarão cabalmente justificados e não terão mesmo passado de um erro contabilístico.

Logo, os deputados da Maioria o dizem, *«com aquelas afirmações pretende-se de forma capciosa reafirmar as acusações iniciais, não desistindo Roseta de continuar a fazer sugestões de falsidade»*.

Indemnizações para oito sobreviventes do «Soviete» da Marinha Grande

Por unanimidade e sob proposta do Partido Comunista, o Parlamento aprovou ontem a concessão de uma indemnização vitalícia aos sobreviventes da revolta de 18 de Janeiro de 1934, na Marinha Grande. São apenas oito cidadãos, entre os 73 e os 83 anos de idade e somam entre si 70 anos de prisão sob a ditadura de Salazar. Todos os outros mem-bros do comité revolucionário da Marinha Grande já foram arrastados na roda da vida pelo que a decisão do Parlamento é apenas um gesto simbólico de reconhecimento para quem se bateu pela democracia. Essa indemnização traduz-se no pagamento pelo Estado de uma subvenção mensal idêntica ao salário mínimo, isenta de quaisquer deduções e concedida a pedido dos interessados.

De acordo com o texto aprovado no Parlamento, a subvenção poderá ser transmissível ao cônjuge sobrevivo *«nos termos da legislação subsequente para as pensões por serviços excepcionais e relevantes prestados ao País»*. A base de atribuição desta indemnização prende-se com precedentes invocados pelo Partido Comunista e, através dos quais, o Estado já terá expressado em diversas ocasiões *«o reconhecimento da Comunidade para com os cidadãos que se distinguiram na defesa da liberdade democrática»*.

«Seria uma injustiça não o fazer neste caso», sublinhou o PCP na defesa da sua proposta.

O Partido Comunista já tinha tentado fazer passar uma disposição idêntica quando foi discutido o Orçamento do Estado para 1989. Mas suspendeu-a, a pedido do deputado Vieira de Castro, da Maioria, com a promessa de apoio posterior a uma lei avulsa a aprovar no Parlamento. Foi o que aconteceu ontem , na prática, com as bancadas todas a viabilizarem esta iniciativa do Partido Comunista.

Texto revisto da Constituição está pronto para publicação

Muito mais cedo do que o prazo limite que a lei lhe impunha, o Presidente da República promulgou o decreto da revisão constitucional, faltando agora, apenas, a publicação no Diário da República para o novo texto da Constituição entrar em vigor.

Soares recebeu no passado dia 5 o texto assinado, poucas horas antes, pelo Presidente da Assembleia da República, Vitor Crespo. A lei facultava-lhe reservar a promulgação até ao dia 25; mas como não se oferecessem quaisquer dúvidas sobre a legalidade do processo, despachou-o quiçá mais rapidamente do que se pensava.

Antes da aposição das duas assinaturas essenciais--do Presidente da Assembleia e a do Presidente da República--o texto final saido dos serviços de apoio da Assembleia foi conferido por uma Comissão formada por António Vitorino, do PS, Assunção Esteves, do PSD, e José Magalhães, do PCP.

Trata-se, como se sabe, da mais profunda revisão introduzida na Constituição de 1976 e que permite a abertura da televisão privada e consagra, nomeadamente, a eliminação do socialismo das tarefas do Estado e o fim da irreversibilidade das nacionalizações operadas após 25 de Abril de 1975.

Tensões internas atenuaram-se ao almoço

A semana parlamentar que hoje termina caracterizou-se pelo abrandamento das tensões entre o Presidente da Assembleia e o respectivo Conselho de Administração e que entroncavam na forte concentração de poderes a que o presidente Vitor Crespo estava a recorrer e nas interpretações divergentes, pelo Presidente e pelo Conselho, do regulamento das despesas na casa comum de S. Bento.

Esse abrandamento das tensões foi conseguido à volta da mesa de almoço, na passada quarta-feira, e permitiu desbloquear as verbas para as próximas viagens dos deputados ao estrangeiro. Essas verbas, em consequência de casos menos claros de despesas detectados pelos serviços, estavam bloquedas por Vitor Crespo.

Segundo transpirou dessa reunião ao almoço, os deputados passarão a contar com um determinado número de senhas anuais para deslocações no País e no estrangeiro e administrá-las-ão pessoalmente, libertando os serviços do controle casuístico que gerou algumas divergências no passado.

*O Presidente da Assembleia da República, **Vitor Crespo**, está a ser alvo de contestação por concentração de poderes.*

Subsídios aos agricultores prejudicados pelas trovoadas

O Partido Comunista apresentou uma proposta de resolução no sentido de a Assembleia da República se pronunciar pela adopção imediata de medidas que minorem os prejuízos sofridos pelos agricultores em resultado dos temporais do mês de Junho, nomeadamente trovoadas de granizo que destruiram muitas colheitas.

«A ausência, em muitos casos, de cobertura dos prejuízos pelo seguro agrícola de colheitas--dizem os deputados subscritores desta iniciativa--*corre o risco de deixar milhares de agricultores em completa ruina, pelo que urge a adopção de medidas de emergência que reparem ou, no mínimo, compensem os prejuízos verificados»*.

Os prejuízos principais resultaram, segundo o texto, de *«ventos ciclónicos e granizo que derubaram árvores, destruiram telheiros de instalações agrícolas e diversas culturas, com relevo para a vinha, o olival, o milho e árvores de fruto, e mataram dezenas de cabeças de gado»*.

O Grupo Parpamentar do PCP pretende que a Assembleia se pronuncie a favor da concessão de um subsídio a fundo perdido, em função dos prejuízos efectivos e da expectativa de receitas não realizadas, e o protelamento por dois anos, sem lugar ao pagamento de juros, dos débitos contraidos junto de empresas públicas ou outras na aquisição de factores de produção, pelos agricultores atingidos pelos temporais.

A resolução aponta para que seja o Estado a subrogar-se nos créditos das empresas em causa.

Durão Barroso marca pontos em Luanda

DÍVIDA DE ANGOLA A PORTUGAL EM VIAS DE RESOLUÇÃO

A questão da dívida de Angola a Portugal está a caminho de ser solucionada, ainda que o secretário de Estado português dos Negócios Estrangeiros e da Cooperação e o ministro angolano das Finanças, num encontro realizado ontem, em Luanda, não tenham chegado a um acordo definitivo sobre o assunto. Hoje, Durão Barroso debaterá o problema com o presidente José Eduardo dos Santos.

Além da dívida - que Angola está a amortizar a vários países, inclusive Portugal, através do envio de remessas de petróleo - Durão Barroso voltou a discutir com Augusto Teixeira de Matos a situação dos pensionistas do Caminho de Ferro de Benguela, que não recebem pensões há vários meses.

Na anterior visita do governante portugês a Angola, o problema do pagamento dessas pensões ficou praticamente resolvido tendo-se determinadoque uma delegação visitaria Portugal para tratar o dossier.

Durão Barroso explicou ainda ao responsável angolano o programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e a realização, em 1990 de uma conferência internacional de doadores organizada por Portugal no âmbito do Programa de Apoio à Reconstrução Económica de Angola (PAREA).

O secretário de Estado português avistou-se ainda com o vice-ministro do Comércio, Alves Primo, e com o ministro da Energia e dos Petróleos, Zeferino Cassa Yombo, com quem discutiu a possiblidade de Angola reforçar o envio de ramas para Portugal de forma a amortizar a sua dívida.

Mais tarde, Durão Barroso foi recebido pelo ministro das Relações Exteriores, Pedro de Castro Van-Dunen, num intervalo da reunião da comissão tripartida entre Angola, Cuba e África do Sul e que conta com observadores dos EUA e URSS.

Hoje, após o encontro com José Eduardo dos Santos, o governante português deverá avistar-se com o ministro do Plano, Henriques da Silva, para abordar, de novo, a questão da organização da conferência de doadores. Admite-se também que Durão Barroso possa reunir-se com o seu homólogo norte-americano, Herman Cohen, que se encontra em Luanda onde, aliás, se encontra igualmente o vice-ministro sovético dos Negócios Estrangeiros, Anatoli Adamishin.

Deus Pinheiro em Paris na reunião dos «Doze»

O tema África Austral fará igualmente parte de uma reunião bilateral entre o ministro português dos Negócios Estrangeiros e o seu homólogo britânico, sir Geoffrey Howe, durante a a qual deverão analisar os últimos desenvolvimentos ocorridos em Angola, Moçambique e África do Sul.

João de Deus Pinheiro encontra-se em Paris para participar,na próximas segunda e terça-feira, na reunião ministrial da cooperação do «Doze». Naquela reunião deverá ser dado particular destaque à avaliação dos últimos acontecimentos que se enquadram na conferência sobre a segurança e cooperação na Europa.

Aguarda-se ainda o relato que o ministro Geoffrey Howe fará da sua recente visita a Hong Kong. E é natural - considerou o serviço de imprensa do Ministério dos Negócios Estrangeiros português - que a presidência francesa da Comunidade Europeia suscite um debate alargado quanto à situação no Líbano e ao processo de paz para o Camboja.

Entretanto, o vice-primeiro ministro e ministro da Defesa, Eurico de Melo - que ontem teve alta do Hospital Militar onde esteve internado desde terça-feira devido a problemas de saúde - chega amanhã a Casablanca, a convite do rei Hassan II de Marrocos.

Eurico de Melo é convidado pelo soberano marroquino para assisitr às cerimónias do seu 60º aniversário e que

coincidemcom a Festa da Juventude. O governante português deve ser também manter conversações com o primeiro-ministro Azzedine Laraki e o ministro do Interior Driss Basri, de quem é amigo pessoal.

«Momento histórico» para a Hungria

Por seu lado, o ministro português da Justiça regressou ontem de uma visita à Hungria, tendo considerado que a sua viagem se verificou «num momento histórico» para aquele país Leste europeu. Em Budapeste, Fernando Nogueira foi recebido pelo Conselho Superior da República (Presidente da República), manteve conversações com o seu homólogo e com dois partidos históricos oposicionistas, tendo ainda contactado com outros sectores da vida do país.

O ministro português ficou alojado no mesmo complexo residêncial em que permanecerá o presidente norte-americano ,George Bush, que terça-feira inicia uma visita de três dias à Hungria, acompanhado por uma comitiva de 800 pessoas e dois mil jornalistas.

«Fui à Hungria num momento histórico para aquele país e que pode ser também um momento histórico de abertura para o Leste europeu aos valores de há muito perfilhados pela Europa Ocidental», frisou Fernando Nogueira. Acrescentou que« há efectivamente um grande empenho no processo político actual por parte de alguns políticos reformistas do Partido Socialista Operário Húngaro (POSH) e que, do meu ponto de vista, têm como principal adversário a ala conservadora do partido e a situação económica do país».

Conselho Nacional do PSD reunido no Porto

Críticas muitas, Cavaco sem «beliscadura»

O Conselho Nacional do PSD reune-se hoje, no Porto, pela primeira vez, depois das eleições europeias, que o penalizaram o partido significativamente. Segundo fontes social-democratas, «Cavaco Silva deverá sair desta reunião sem beliscadura». No entanto, isso não invalidará as críticas aos seus ministros e quadros partidários. A principal linha de ataque incidirá mesmo sobre a necessidade uma remodulação governamental. As autárquicas também não serão esquecidas.

O jornal «Semanário» adianta que não é a contestação à liderança que se vai tratar no Porto. Cavaco Silva continua pois coberto por uma «redoma à prova de bala». O mesmo já não se poderá dizer dos seus fiéis ministro. Por esse motivo, o primeiro-ministro terá que ouvir os avisos dos críticos de que a liderança não está rodeada dos melhores colaboradores para ser exercida da forma mais eficaz.

Segundo o mesmo semanário, os principais nomes em foco serão os de Dias Loureiro e Fernando Nogueira, que não serão poupados. O primeiro pelo seu papel à frente do aparelho partidário, o segundo por uma dispersão no seio do Executivo - ele desempenha as funções de ministro da Presidência e da Justiça - que retira a força a qualquer dos sectores em que se movimenta.

A política geral será a outra linha de ataque - refere o «Semanário» - pretendendo os críticos demonstrar «a necessidade absoluta de uma remodulação governamental. Neste sentido, não faltarão a vontade de afastar os titulares de alguns ministérios, como os da Justiça, Negócios Estrangeiros, Finanças, Saúde, Administração Interna e Defesa. Os defensores da remodulação não perdoam a Deus Pinheiro a actuação face a Angola, que dizem ser uma «mancha negra» na actividade do Executivo. Já a Miguel Cadilhe e Beonor Beleza, a tónica vai incidir no facto da suas imagens estarem «altamente» desgastadas. O mesmo se passa com o titular da Administração Interna, Silveira Godinho, que é acusado não ter agido bem no problema do Terreiro do Paço, que envolveu a PSP.

Por outro lado, as autárquicas serão também um ponto de destaque na reunião do Porto. A escolha de Marcelo Rebelo de Sousa será , segundo o «Semanário» devidamente elogiada, mas neste campo entrarão o «aliancistas», ou os adeptos do retorno à AD. Irão defender, sem grande veemência, uma coligação PSD/CDS/PPM para Lisboa, Porto e Coimbra.

Julio Sanguinetti visita Lisboa

Revitalizar as relações entre Portugal e Uruguai

A revitalização das relações bilaterais entre Portugal e o Uruguai é o principal motivo da deslocação do presidente Júlio Sanguinetti, que chega a Lisboa na segunda-feira. Esta visita segue-se às reuniões do dia 17 e 18 de Abril, na capital portuguesa, em que reponsáveis dos dois países discutiram o estreitamento da cooperação entre os dois países.

No âmbito da visita a Lisboa, o presidente uruguaio será recebido na Câmara Municipal da cidade, numa cerimónia a decorrer no -Salão Nobre dos Paços do Conselho, no decorrer da qual Júlio Sanguinetti receberá a chave de ouro da cidade.

Aliás, o incremento do diálogo político entre Portugal e o Uruguai, face à Comunidade Europeia, e intensificação das relações bilaterais nas áreas económica, técnico-ciêntifica e cultural tinham sido já os principais objectivos da visita de trabalho, efectuada em Abril pelo ministro ururguaio dos Negócios Estrangeiros, Barrios Tassano.

Nessa altura, o secretário de Estado português dos Negócios Estrangeiros e da Cooperação, Durão Barroso, lamentava o facto de não existirem maiores laços económicos bilaterais, apesar de considerar que do ponto de vista político, as relações eram excelentes.

Entretanto, no mesmo mês, realizou-se em Granada, Espanha, uma reunião, em que estiveram presentes para conversações os chefes da diplomacia da Comunidade Europeia e do chamado «grupo dos oito» latino-americanos, conversações cujo «tema forte» foi a dívida externa daquele área.

Após essa reunião, Durão Barroso realçava a contribuição que Portugal tem vindo a dar para uma maior abertura e compreensão dos «Doze» países comunitários perante os problemas da América-Latina e, nomeadamente o Uruguai

Por outro lado, Portugal registou em 1988 um défice de 1,9 milhões de contos na balança comercial com o Uruguai, o que significou um agravamento de 355 por cento em relação ao saldo negativo do ano anterior.

Apesar uma subida nas exportações portuguesas para aquele país da latino-americano, estas foram muito inferiores às importações de produtos do Uruguai, que ascenderam a 2,04 milhões de contos, em 1988, mais 310 por cento do que o ano anterior.

PS e PCP estão reunidos para debater coligação

ACORDO DA «GRANDE ESQUERDA» AVANÇA A PASSO DE CARACOL

Uma ampla coligação de esquerda para a Câmara de Lisboa avança a passo de caracol. Restam poucas dúvidas de que se concretizará, mas falta acertar os termos do entendimento entre as diversas forças. O PCP faz-se caro, recusando aceitar Sampaio na liderança como facto consumado. MDP e PRD são, naturalmente, mais modestos: «basta-lhes» a unidade.

Enquanto esperava pela reacção dos comunistas ao «golpe de teatro» de Jorge Sampaio, o PS conversou ontem com outros parceiros potenciais da grande frente de esquerda que deseja para Lisboa. Lopes Cardoso, Ferro Rodrigues, António Costa e Vasco Franco encetaram contactos com o PRD e o MDP.

Os renovadores disponibilizaram-se de imediato para apoiarem uma «alternativa credível» para o município da capital, considerando «positiva» a candidatura de Jorge Sampaio. Aos olhos dos dirigentes do MDP, por outro lado, o nome em si é menos relevante do que o princípio de unidade já consagrado. Daí que também tenham anuido. Falta - porventura - o PPM. E o PCP, naturalmente um caso mais «bicudo».

Antes do anúncio da candidatura do líder socialista, eram precisamente os monárquicos que dispunham da carta mais forte: Ribeiro Teles. O arquitecto, vereador da Câmara de Lisboa, aparecia como a figura a lançar, por forma a não ferir susceptibilidades, caso se optasse por um membro de um dos grandes partidos em presença.

Com o «volte-face» de quinta-feira à noite, o «jogo» baralhou-se completamente. O PCP foi «obrigado» a efectuar nova conferência de Imprensa, quando no dia anterior tinha anunciado nova investida junto do PS para coligação formal.

PCP quer discutir «tudo»

No encontro com a Comunicação Social, o PCP divulgou um comunicado da Comissão Política em que reclama a necessidade de discutir «tudo». «No caso de o PS, finalmente, admitir a realização de uma coligação, toso - mas todos - os aspectos da sua concretização cabeça-de-lista, composição da lista, programa, etc. - têm à partida de se considerar em aberto e carecendo de ulterior definição e acordo das principais forças envolvidas no processo», lê-se no documento.

O PCP, que considera a admissão, por parte do PS, de coligação em Lisboa como «facto político da maior importância», não põe em causa o direito daquele partido de designar o primeiro candidato da sua lista. Do que discorda é da susceptibilidade de - unilateralmente - Jorge Sampaio ser apresentado como cabeça-de-lista de eventual coligação alargada à esquerda. É essa política do facto consumado que os comunistas temem, conscientes de que, com a sua atitude, o líder socialista deixou ao PCP uma apertada margem de manobra.

Por um lado, não é sequer concebível que Sampaio se coloque em pé de igualdade com o candidato da CDU, Rui Godinho, na mesa das negociações, admitindo descer do pedestal. Por outro, o PCP, que clama há seis meses pela necessidade de uma coligação, fica sem argumentos para a recusar, nesta altura do «campeonato».

Além disso, parece subsistir entre os comunistas o receio de que, aos olhos da Opinião Pública, a candidatura de Sampaio no seio de uma coligação seja tão só interpretada como «do PS com alguns PC's, PRD's e MDP's», em função do peso político do secretário-geral socialista. Daí que a Comissão Política, tenha ontem lançado o aviso: «devem perder as ilusões os que continuam a sonhar ver o PCP envolvido em processos de mera angariação de apoios para a lista do PS e para o seu primeiro candidato».

Na prática, porém, o PCP está apenas a vender cara a sua pele, uma vez que diversos meios do partido admitem que venha a aceitar Sampaio, embora com condições. Um dos pômos de discórdia, no entanto, poderá ser o segundo nome da lista, que os socialistas, aparentemente, querem atribuir a João Soares, para que não lhes «fuja» a liderança camarária quando Jorge Sampaio abdicar para se dedicar às batalhas políticas de âmbito nacional. Na reunião entre os dois partidos que está a realizar-se á hora de fecho desta edição, é natural que algum avanço no processo seja obtido.

«Dedo de Belém: PS e Soares desmentem

Do lado do PS, uma notícia ainda. Perante as insinuações da Comunicação Social de que na tomada de posição de Sampaio houve «dedo de Belém», o Gabinete do secretário-geral foi obrigado a emitir uma nota na qual desmente que durante o encontro realizado esta semana entre Soares e Sampaio tenha sido abordada a candidatura socialista à Câmara de Lisboa. O comunicado assegura que só esteve em discussão a questão da data das eleições autárquicas e o preenchimento de lugares no Tribunal Constitucional.

Também o Presidente da República, em declarações ao semanário «O Liberal» afirmou que a decisão de Sampaio o apanhara de surpresa, tendo tomado conhecimento dela pela rádio. Em causa, sobretudo, insinuações de diversas fontes segundo as quais Soares terá exercido pressões sobre a direcção do PS de ser viabilizada a candidatura de João Soares, em troca da (re)abertura de alguns canais financeiros para o partido. Esta versão fora aliás transmitida ao «DL» pouco tempo antes do início da reunião da Comissão Política, na noite de quinta-feira.

Partidos reagem com «sim», «não» e «talvez»

As reacções dos vários partidos políticos face aos mais recentes acontecimentos relacionados com as autárquicas em Lisboa não se fizeram esperar.

O Partido «Os Verdes» afirmou «existirem condições em Lisboa para a construção de um espaço alternativo mais vasto do que o preenchido pela CDU», no que respeita às próximas eleições autárquicas.

«Os Verdes» manifestaram a sua «total disponibilidade para encarar novas soluções políticas» para «dar corpo a uma resposta global e inadiável por parte dos partidos com condições reais para conter o frentismo demolidor e gerador do caos urbano protagonizado pela presidência Abecasis e pela candidatura Rebelo de Sousa».

Depois do anúncio da candidatura de Jorge Sampaio à Câmara de Lisboa, a Comissão Executiva de «Os Verdes», esteve reunida para analisar a «evolução do complexo processo que até agora produziu as diversas candidaturas conhecidas».

Para «Os Verdes» existe agora uma «necessidade evidente de fazer face a uma candidatura apoiada pelo PSD/CDS em condições reais de poder travar a dinâmica da destruição e descaracterização da cidade de Lisboa e de iniciar uma vida nova com dignidade e em equilíbrio para a população do concelho».

A Comissão Executiva de «Os Verdes» reafirmou, entretanto «o seu respeito pelo compromisso assumido anteriormente com o PCP no sentido da constituição da Coligação Democrática Unitária e do apoio ao ao seu candidato, Rui Godinho».

UDP analisa candidatura de Jorge Sampaio

Segundo a UDP, a candidatura do secretário-geral do PS, Jorge Sampaio, à presidência do município lisboeta visa «responder a problemas internos do Partido Socialista» e «revela a tendência para a imprevisibilidade das decisões de forças que, como o PS, apresentam grande fraqueza no seu projecto político».

A União Democrática Popular defendeu uma candidatura unitária de esquerda, argumentando que a candidatura de Sampaio «é imposta pela importância da disputa pela Câmara de Lisboa, onde se jogam importantes interesses do grande capital».

PRD:candidatura de Sampaio é positiva

Os renovadores consideraram já que a candidatura de Jorge Sampaio «é positiva» e manifestaram-se «disponíveis e empenhados» para encontrar uma alternativa credível para o município lisboeta.

De acordo com o PRD, a candidatura de Jorge Sampaio «pode potenciar uma alternativa credível à gestão da Câmara de Lisboa».

Em comunicado, divulgado após um encontro com o Partido Socialista, aquele partido anunciou estar «disponível e empenhado, conjuntamente com o PS e outras forças interessadas na prossecução daquela finalidade, em contribuir para o desenvolvimento da solução que melhor garanta a plena satisfação das necessidades e justos anseios da população lisboeta».

A corrida da «AD» para a Câmara de Lisboa

ABECASIS APOIA MARCELO MAS... QUER ESCOLHER VEREADORES DO CDS

Luisa Alexandra Botinas

Depois de ter prometido esclarecer muita coisa e pôr tudo em pratos limpos, Nuno Abecasis, ao fim da manhã de ontem, após demorados encontros com Cavaco Silva e Freitas do Amaral, confirmou o seu apoio incondicional à candidatura de Marcelo Rebelo de Sousa.

Aguardadas com bastante expectativa, as declarações do actual presidente da Câmara Municipal de Lisboa vieram esclarecer algumas dúvidas levantadas após os acontecimentos mais recentes da cena política. A apresentação da candidatura de Jorge Sampaio e a possível interrupção das negociações entre PSD e CDS, pedida pela Comissão Concelhia deste partido constituiram igualmente alguns dos pontos abordados.

«É preciso que se torne claro que a coligação que estamos a formar é uma coligação sólida e o professor Rebelo de Sousa é um candidato ganhador». Nuno Abecasis, confirmou assim, claramente o seu apoio ao candidato PSD/CDS.

A coragem de Sampaio e a mãozinha de Soares

Para Abecasis, o facto de Jorge Sampaio se ter apresentado como o candidato do PS ao município de Lisboa, denota «uma grande coragem».

«Mas Jorge Sampaio não é nenhum talismã e nós vamos partir para esta campanha e vamos ganhá-la. Que ninguém tenha dúvidas disso», afirmou.

Quanto a ser uma «candidatura do desespero», como lhe chamou António Pinto Leite. Abecasis não foi tão longe. «A Câmara tem uma dimensão nacional e internacional que justifica a candidatura de um chefe de um partido».

Desmontando a nomeação de Sampaio e a estratégia que a rodeou, Abecasis afirmou: «Não tenho dúvida que esta estratégia partiu de Belém. E tem um preço: a segundo figura ser João Soares».

Uma derrota de Sampaio que, na opinião de Abecasis, será «inevitável», «só o poderá dignificar porque correu riscos».

O autarca sublinhou que o seu apoio e do CDS a Marcelo Rebelo de Sousa, nunca esteviveram em causa. Contudo, Krus Abecasis não deixou de referir que o que esteve em causa «foi a forma como algumas coisas foram feitas». Tais «coisas» poderiam, ter dado uma noção de fragilidade. Mas enfim, «tudo está bem quando acaba em bem» e mais uma vez Abecasis recordou que «a primeira pessoa que se lembrou de Rebelo de Sousa» foi ele. «É um candidato excepcional à Câmara», acrescentou. «Tem o perfil de gestor que queria. Não tem experiência autárquica mas eu também não tinha experiência autárquica quando cheguei à Câmara e bastaram-me 15 dias para a dominar. Marcelo Rebelo de Sousa não é mais burro do que eu. E a partir de agora andará comigo em muitas que dizem respeito à Câmara. Não jogo aos berlindes com coisas sérias», rematou.

Pais e Filhos

Porém, Nuno Abecasis não tem dúvidas: com Marcelo tudo será diferente-«Somos completamente diferentes. Ele não vai ser meu filho nem eu pai dele. Vai continuar o que foi iniciado mas vai ter o seu caminho e os seus projectos e além disso, não é um verbo de encher».

O edil, mostrou-se assim confiante na escolha e afirmou que desta forma poderá sair da Câmara descansado, «com a consciência tranquila» já que o Município fica nas mãos de alguém «que com o seu espírito cristão lhe dá completas garantias» de continuar o trabalho que desenvolveu até aqui.

Cargos menores? Não

Abecasis vai mesmo sair da sua cadeira alta. Para onde vai ainda não quis dizer, mas não será seguramente para um cargo menor, pois como disse, «quem foi presidente de Câmara não pode diminuir de forma nenhuma o cargo que ocupou». Assembleia Municipal é uma hipótese que para já não encara, embora Freitas do Amaral e Marcelo Rebelo de Sousa lhe tenham pedido que aceitasse ser candidato àquele órgão.

Vereador nem pensar. E além do mais « quem ganhou por três vezes a Câmara de Lisboa, só deve ser eleito para cargos em que o povo vota», como por exemplo deputado ou Presidente da República...

PS/PCP:«não tenho medo deles»

Para Abecasis, a possível coligação PS/PCP «já está feita», mas pouco mais adiantou. Nem tão pouco comentários profundos sobre as movimentações partidárias que na área da esquerda se têm intensificado nos últimos dias. Na sua opinião, «a coligação já está feita há muito tempo, desde que foi anunciada a candidatura de Rui Godinho. E no seu tom habitual afirmou: «não me mete medo».

O pedido de interrupção das negociações PSD/CDS, aventado pela concelhia deste último partido foi na opinião do actual presidente da Câmara, um «mal entendido». Os seus amigos da conaelhia, como lhes chamou, interpretaram mal as coisas. «Eu disse que irir endireitar tudo quando chegasse, já o fiz. Temos uma coligação sólida. Quem duvidar disso vai-se arrepender». Eis o aviso.

Negociações

Abecasis, durante o encontro de ontem com a Imprensa, informou que o seu papel nas negociações vai ser importante e que também ele não vai ser esquecido facilmente:«Quem vai indicar os vereadores do CDS, sou eu, quem vai indicar o presidente da Assembleia Municipal sou eu, e quem vai indicar os membros da Assembleia Municipal sou eu». E pronto.

Marcelo lançou candidatura na muralha do Castelo de S. Jorge

Numa operação de charme para com a Imprensa, que teve o pontapé de saída, ontem, junto à muralha do Castelo de São Jorge, Marcelo Rebelo de Sousa lançou a sua candidatura.

O dia 7 de Julho foi assim o dia D de Marcelo porque na sua opinião só agora «estão preenchidas as condições» que entendeu «necessárias para a realização do seu projecto para Lisboa».

Disse que já tem apoios que cheguem para obter a maioria absoluta, tão desejada. Além disso, Marcelo anunciou que dispõe de «inteira liberdade» para formar a sua equipa «na base da honestidade, da competência e da dedicação a Lisboa».

Quanto a projecto e ideias para a cidade, o professor universitário e ainda director da Faculdade de Direito de Lisboa, afirmou que também os tem. «Tenho ideias claras e ambiciosas para transformar Lisboa numa metrópole sem miséria e numa capital da qualidade de vida, da cultura ao ambiente, do trânsito à gestão urbanística», continuou.

Marcelo sublinhou ainda que a sua candidatura está «para além de preconceitos caducos à direita e à esquerda. Democraticamente aberta, socialmente avançada, popularmente participada».

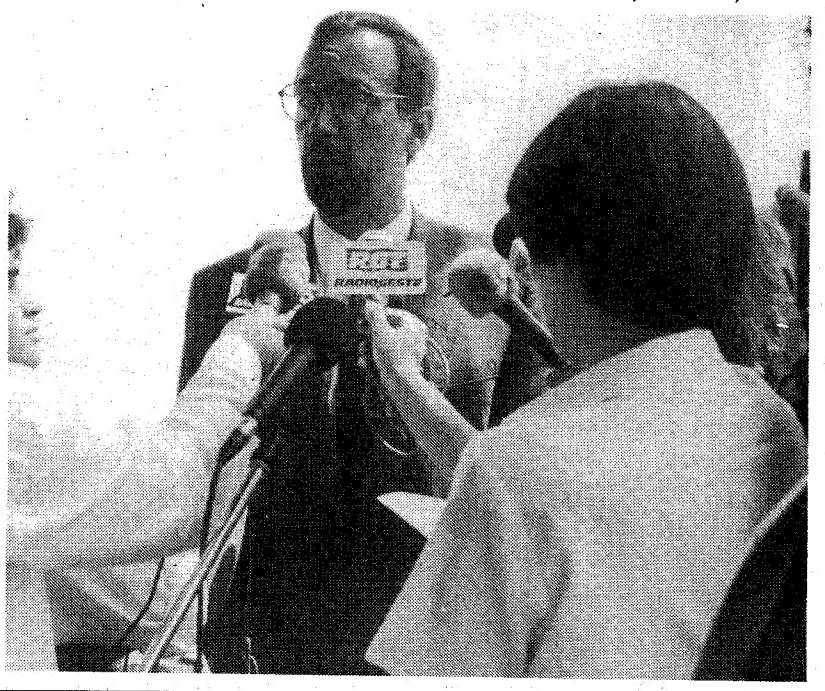
O candidato PSD/CDS anunciou que irá iniciar contactos com «individualidades representativas de interesses culturais, sociais e económicos lisboetas». Que personalidades? Marcelo não quis dizer mas prometeu que nos próximos dias revelará.

O «Gabinete do cidadão»

Convicto de que será o «responsável por dois milhões de pessoas que vivem nesta cidade», Marcelo Rebelo de Sousa prometeu que procurará corresponder às expectativas, nomeadamente através de um «Gabinete do Cidadão» que irá criar -uma das inovações da sua candidatura-sublinhou.

De acordo com Marcelo Rebelo de Sousa, o facto de Jorge Sampaio, líder de partido, se ter candidatado, significa «o reconhecimento da força da sua própria candidatura».

Rebelo de Sousa, eufórico, talvez motivado pela paisagem de Lisboa «a seus pés», fez notar que na sua perspectiva, a candidatura de Sampaio é uma candidatura «kamikaze». «O PS teve de sujeitar o seu secretário-geral ao risco de uma derrota», já que «Lisboa foi um pretexto forçado por questões internas do PS». De qualquer modo, Marcelo não deixou de demonstrar que também tem sentido de humor, talvez influência do actual edil. «Terei o maior dos prazeres em tê-lo como vereador», afirmou.



Acabar com a miséria

Projecto ainda não anunciou mas Marcelo disse que pretende «acabar com a miséria, criar condições para o desenvolvimento da qualidade de vida além de dar atenção às questões do ambiente, património e gestão urbanística».

O candidato apoiado por Abecasis disse que terá «maioria absoluta», pois como afirmou tem «condições objectivas- apoios económicos- e subjectivas, também. «Tenho determinação, capacidade».

Liberdade para escolher a equipa, Marcelo assegurou que a tem, muito embora Abecasis tenha afirmado que «quem escolhe os vereadores do CDS sou eu». Rebelo de Sousa, habilmente escapou-se à questão quando confrontado com este facto, afirmando que irá ouvir várias pessoas e «ponderar depois».

L.A.B.

Trocas e baldrocas em várias câmaras de Norte a Sul

Noutros pontos do País as eleições também estão na ordem do dia e os órgãos dos partidos intensificam os anúncios dos candidatos. Começa agora a saber-se quem entra e quem sai.

Por exemplo, em Castelo Branco a Comissão Concelhia do PSD propôs na passada sexta-feira e por unanimidade, o actual presidente da Câmara local, César Vila Franca para cabeça-de-lista do partido. Aquele órgão disse que a recandidatura de Vila Franca assenta no facto de se «estar numa fase de transição em que o desenvolvimento industrial é o grande impulsionador do aumento da riqueza e do bem-estar social».

Negrão Belo não volta

Em Faro, o impasse no PSD quanto à nomeação do candidato à presidência do município parece ter sido ultrapassado já que a Comissão Política Concelhia local dos social-democratas votou ontem por maioria o nome de Afonso Brito caiado para cabeça-de-lista do PSD à Câmara de Faro.

Brito Caiado, de 53 anos, director de serviços da Comissão de Coordenação da Região do Algarve, recolheu 10 dos 13 votos da Comissão, contra o outro candidato concorrente, João Negrão Belo, actual presidente da edilidade.

Cristóvão Norte, presidente da Concelhia do PSD de Faro, subilnhou o «trabalho positivo» realizado por Negrão Belo mas não especificou as razões da rejeição do seu nome.

Para dar continuação à actual maioria absoluta na Câmara, o PSD de Faro proporá brevemente negociações com o CDS com vista à constituição de listas conjuntas.

Na próxima sexta-feira, o PSD local irá escolher os cabeças-de-lista para as freguesias do concelho.

Autarca do PSD passa para o PS

O actual vice-presidente da Câmara Municipal das Caldas da Rainha, José Valente, do PSD, será o cabeça-de-lista do PS àquela autarquia.

António Marques, ex-PRD e apoiante da lista do PS às autárquicas, anunciou que José Valente concorrerá como independente, abandonando o PSD.

Para o ex-deputado renovador, «isto revela que nas autárquicas é muito mais importante resolver os problemas do concelho, do que pensar na lógica partidária».

A recandidatura de Fernando Costa, o actual presidente do município caldense é quase dado como certa, mas ainda não foi anunciada oficialmente.

A Câmara das Caldas da Rainha, maioritaraiamente social-democrata, sendo composta ainda por elementos PRD, CDS e PS, com um vereador cada.

Uma região à procura da fama perdida

CRISE DO TURISMO NO ALGARVE: PELO MENOS HÁ LAMENTOS...

Julio Rodrigues

«O que o Algarve atravessa uma crise de crescimento, e não de recessão ou coisa que se lhe pareça», afirma o presidente da Associação dos Industriais de Hotelaria e Similares do Algarve a propósito das notícias vindas a público nos últimos dias sobre os problemas da região.

Considerado o «motor económico» do Algarve, o turismo volta a estar em causa, como acontece todos os anos pelo Verão.

Com ele, e a ele indissociavelmente ligado, está o Hospital Distrital de Faro. Não como presidente da AISHA, mas como Governador Civil de Faro, Cabrita Neto assegura que o estabelecimento reúne condições para atender o público em condições normais.

«Tem de funcionar, contudo, como centro de urgências que é, e não como centro de saúde. As pessoas não podem ir à urgência do Hospital Distrital por causa de um dente ou porque lhe dói a cabeça», sublinha.

Problemas não faltam ao Algarve, por mais que se queira encobrir ou reduzir essa imagem: a água é um outro, o ruídos também (sobretudo no Verão), e a construção desorganizada não fica atrás de nenhum dos anteriores.

Cabrita Neto, ainda na sua qualidade de Governador Civil de Faro, manifesta ao «Diário de Lisboa» o seu espanto pelo crescimento de obras autárquicas este Verão.

Dirigente de um partido que lidera a maioria das Câmaras Municipais da região, Cabrita Neto insurge-se contra esse facto, admitindo que o fenómeno tenha fundamentalmente a ver com as eleições autárquicas de Dezembro.

O Algarve é o centro das preocupações turísticas nacionais: o ministro do Comércio e Turismo recomenda que se eliminem «as razões de desconforto», considerando esta acção prioritária. Chama também a sua atenção para o crescimento demasiado rápido. Revolta-se contra o que considera «tendência negativa para a crítica sistemática sempre que se fala no Algarve».

O presidente da Região de Turismo propõe que a oferta se adapte às novas solicitações do mercado, sublinhando que «o futuro do sector passa pela qualidade».

A Associação dos Hotéis de Portugal ainda recentemente manifestou a sua preocupação sobre a forma como está a desenvolver-se a temporada turística, sobretudo no Algarve - a região mais importante-, num encontro entre os seus dirigentes Manuel Telles e Stéfano Saviotti com o secretário de Estado doTurismo.

Número de camas duplicou em 3 anos

O número de camas no Algarve duplicou em menos de quatro anos - afirma Cabrita Neto ao «DL». Das 130 mil em 1985, a região pasou [illegible]nor de 250 mil este ano.

«É uma crise de desenvolvimento, de crescimento», salienta, tanto mais - acrescenta - que, como é óbvio, os turistas não aumentam na mesma proporção. Mas o seu número aumenta, apesar da ligeira quebra do contingente britânico.

Os países da zona do Mediterrâneo estão a receber cerca de mais 5/6 por cento de turistas, número que no Algarve aumenta para cerca de 8%. É nesse desfasamento de números e percentagens que a «crise» se consubstancia.

Cabrita Neto adverte: «Os empresários decidiram investir de maneira rápida, espero que tenham feita contas à vida», diz.

As taxas de ocupação são, por isso - segundo ele - baixas. Pelos primeiros resultados - o Sotavento apresentava a semana passada um índice ocupacional escassíssimo, idêntico ao do Barlavento -, receando os hoteleiros que haja uma quebra entre 27 e 33 por cento.

As camas clandestinas vieram também acentuar o receio de quebra e crise, que todos esperam que, a verificar-de de facto, seja passageira.

Quando, por outro lado, o mês de Julho, como ainda há dia constatamos num salto rápido ao Algarve, não ocupa mais de metade das camas legais e restaurantes e lojas êm empregados de mãos a abanar, mal vai o negócio.

«O que acontece é que em Julho temos tempo para atender devidamente a clientela e, em Agosto, por mais que queiramos, não temos é mãos a medir. Ora, nem sempre os clientes são devidamente atendidos, porque não há tempo», disse um restaurador de Monte Gordo ao «Diário de Lisboa».

Para Vicente Seminário é o que neste momento acontece em boa parte do região, sobretudo nas zonas que acolhem muitos portugueses, que no Algarve começam a ser vistos, finalmente, como turistas, como potenciais clientes da região:

«Estamos todos de braços abertos agora, mas em Agosto nem temos tempo para estender as mãos aos amigos. Cada vez mais, o Algarve se coloca como um destino turístico excessivamente procurado em Agosto, embora também frequentado noutros meses. Mas aqui, no Sotavento, o turismo estende-se por três meses, sendo sobrecarregado no de Agosto», conclui.

Quebra previsível do mercado britânico

O Governador Civil de Faro considera «normal» a quebra de turistas britânicos, por ira na ordem dos 15 por cento. Chama-lhe «quebra previsível» que prejudica não apenas Portugal, mas também Grécia, a Espanha e a Itália, na faixa da nossa concorrência directa, e os Estados Unidos. O mercado britânico contribuiu com 70 por cento dos turistas que nos visitaram em 1988.

«Isso tem a ver com a política restritiva britânica», acrescenta Cabrita Neto, que contrapõe, por outro lado, o aumento de turistas de outros mercados tradicionais portugueses, designadamente a RFA, Bélgica, Itália e Escandinávia.

O mercado britânico perdeu turistas para todo o mundo, pelas razões atrás apontadas, muito embora se saiba que outros destinos estão a acolher mais turistas. É o caso do Norte de África, principalmente Marrocos, Tunísia e Argélia, a que se podem juntar, sem grandes contas, Jamaica, Tailândia, EUA (Flórida) e Hawai.

O aumento de turistas de outros mercadis tradicionais portugueses não é, contudo, suficiente para equilibrar a subida da oferta hoteleira. «Como tal - acrescenta Cabrita Neto - as previsões de ocupação não são famosas».

O Governador Civil de Faro assegura que o Algarve é, ou deve ser, o grande destino (natural) dos turistas nacionais, bem mais tentador que a Espanha, onde as férias - diz - são mais caras, por mais que pretendan dizer o contrário.

A chegada previsível de turistas ao Algarve, além de redobrados cuidados e reforço do pesoal médico dos hospitais da região, em particular do HDF (Hospital Distrital de Faro), traz também o aumento dos efectivos da GNR e da PSDP (Corpo de Intervenção).

Desde Maio que há mais gnr's (destacados) na região. Só a partir de 15 do corrente haverá mais polícias, que terão o seu «quartel-general» numa escola de Portimão.

COTAÇÕES DE NOTAS E MOEDAS

Companhia Geral de CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS — 125 ANOS

(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	45$30	51$30
ALEMANHA FED. (marco)	82$75	83$95
ÁUSTRIA (xelim)	11$75	11$95
BÉLGICA (franco)	3$756	4$006
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	131$40	134$00
(notas de 5 a 1000)	132$00	134$50
DINAMARCA (coroa)	21$50	21$90
ESPANHA (peseta)	1$278	1$398
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	156$75	160$25
(notas de 5 a 1000)	157$25	160$75
FINLÂNDIA (marka)	36$65	37$25
FRANÇA (franco)	24$40	25$00
HOLANDA (florim)	63$40	64$50
IRLANDA (libra)	222$60	226$70
ITÁLIA (lira)	$104	$119
JAPÃO (iene)	1$083	1$138
NORUEGA (coroa)	22$55	23$05
REINO UNIDO (libra)	254$80	259$30
SUÉCIA (coroa)	24$20	24$60
SUÍÇA (franco)	96$30	97$50
VENEZUELA (bolívar)	3$956	4$756

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

Hospital com muitos, água para poucos

Muitos no hospital (de Faro, naturalmente), poucos com água: é a face crua do drama algarvio, no Verão. Apesar da garantia de haver mais água este Verão, a ameaça da sua escassez incomoda. Como incomoda a ideia, que este ano ainda não está provada, de que o HDF poderá não responder às necessidades. A população algarvia cresce três e mais vezes no Verão: de 200 mil passa para um milhão. Há quem afirme mais: que um décimo do País se muda para lá entre Junho e Setembro, alternadamente.

Por isso se recomenda que os condutores tenham um redobrado cuidado no Verão, nas estradas algarvias, para evitar entrar no suiperlotado Hospitaç Distrital de Faro. «Doentes graves só de hora a hora e nunca mais de três, de cada vez», disse o director clínico do HDF à Lusa, emitindo opinião corroborada pelo presidente do Conselho de Administração e ops chefes dos serviços de medicina e de enfermagem.

Preparado para atender 200 mil habitantes, o HDF chega a receber, nos meses de Verão, uma população três vezes superior, exigindo cuidados especializados de medicina, que só ali são prestados. Exemplos: comas, enfartes e outros acidentes cardiovasculares, bem como polimautrizados. Enfim: funciona como hospital central, centro de saúde, posto de socorros e asilo, apesar da sua valência distrital.

Quanto à água, e assegurado que está o abastecimento do Sotavento - onde a sua falta era mais sentida - a partir de Castro Marim, a última informação de carência vem de Lagoa, através, ainda, da Lusa. Sabe-se concretamente que as as zonas mais afectadas são as de maior concentração populacional, junto ao litoral. Casos da Praia do Carvoeiro, Quinta do Paraíso, Sesmarias, Praia do Carvalho, Vale de Centares, Vale de Milho e Moínhos.

Juvemedia promove viagem a nove cidades do País

Luso: o comboio da juventude

Mais de 200 jovens de todos os distritos do país vão visitar, durante sete dias de Setembro, nove cidades portuguesas, viajando no comboio «Luso 89», anunciou, a Juvemedia, associação promotora da iniciativa.

Lisboa, Coimbra, Porto, Régua, Vila Real, Castelo Branco, Évora, Beja e Lagos são as cidades a visitar, entre 5 e 11 de Setembro, por uma composição de oito carruagens com jovens de idades compreendidas entre 15 e os 25 anos, inclusivé.

O objectivo é permitir o contacto com a «realidade do país» e fomentar o convívio e o diálogo entre os jovens. «Não respeitamos pedidos para juntar amigos, que já se conheçam, num mesmo compartimento» - informou um membro da Juvemedia. «Vamos procurar misturar pessoas de distritos diferentes»- adiantou. A disposição indiferenciada dos jovens nas carruagens visa promover novas amizades e evitar o «fechamento» no grupo de amigos habituais.

Esta iniciativa reveste-se, para além do seu aspecto cultural, de um carácter iminentemente lúdico, com o objectivo primordial de despertar o jovem para «o outro» (outras pessoas, outras cidades, outros hábitos).

O único critério de distruibuição de lugares é a discriminação sexual: rapazes para um lado, raparigas para o outro. A separar as carruagens femininas e masculinas, funcionará uma carruagem-salão, elo de ligação e de concentração de todas as actividades.

É sobretudo nessa carruagem que terão lugar várias iniciativas, como concertos, «performances», concursos e algumas surpresas que os organizadores se escudaram a revelar.

No chamado furgão do comboio funcionará um bar, um corpo médico e um pequeno secretariado destinado a fornecer informações sobre a Comunidade Europeia, cuja comissão, em Portugal, deu uma importante ajuda para a realização desta viagem.

Durante sete dias, o comboio será a casa desses jovens. Os compartimentos do «Luso», que era um comboio normal de pequenas viagens, foram transformados em «wagons-lit». É no comboio que se passará quase tudo, à exepção das refeições que serão fornecidas pelas Câmaras Municipais das cidades visitadas.

Além da Comissão das Comunidades Europeias e da Câmaras Municipais, a Juvemedia contou com o apoio da CP e de várias outras empresas privadas e públicas. O Instituto da Juventude, por sua vez, constituiu a mais importante ajuda, com o seu alto patrocínio.

Para cada distrito será selecionado um número de jovens, a definir em função da densidade populacional. Quando o número de candidatos for superior aos lugares, a selecção será feita pelo delegado regional do Instituto da Juventude, com base nos seguintes critérios: os antecedentes do jovem em termos de vida associativa e capacidade de dinamização e as suas condições económicas, dando-se prioridade a quem, doutra maneira, não teria possibilidades de viajar.

Cada seleccionado pagará a quantia de 10.000 escudos que, para além de todas as despesas, inclui o preço de um seguro. A participação de jovens de vários distritos leva a que cada representante seja um pouco embaixador da sua terra.

De salientar que no programa estão previstos vários tempos livres para cada um preencher como quiser. Outra vantagem: as estações de paragem, onde o comboio fica estacionado numa linha de resguardo, não fecham durante a noite. Assim,não se tem de ficar a dormir no jardim nem se é obrigado a deitar cedo. Diz um organizador: «podem divertir-se o tempo que quiserem».

O organismo promotor da iniciativa iniciou as suas actividades há cerca de ano e meio e, neste momento, conta já com 500 sócios e várias delegações por todo o país. A ideia de formar esta organização partiu de três jovens jornalistas, daí o nome Juvemedia. Actualmente, a direcção de Lisboa é constituida por sete elementos, cada qual responsável por uma área de actuação.

Sindicalistas da PSP já têm delegações em todo o País

«Há delegações sindicais da PSP em todo o País» - afirma a Pró-Associação Sindical dos Profisionais da PSP depois da eleição da delegação distrital de Vila Real e de haver procedido, por outro lado, à reestruturação de algumas direcções distritais.

«O processo do sindicalismo é irreversível, só avança», acrescenta a ASP/PSP em comunicado, a propósito do adiamento, para 15 do corrente, da reunião do Secretariado Nacional, destinada a fazer o ponto da situação organizativa e discutir as acções futuras.

A reunião estava inicialmente marcada para amanhã, domingo, vindo a ser adiada devido à votação, na próxima terça-feira, na Assembleia da República, dos três projectos de lei relativos ao estatuto dos agentes da PSP.

A Pró-Associação Sindical dos Profissionais da PSP considera que «qualquer recusa em se aceitar a consagração legal do nosso direito sindical é apenas uma posição política que atropela a Constituição da República», razão por que «qualquer acção disciplinar movida por motivo sindical assume uma natureza forçada, não tem fundamento legal, é mesmo incosntitucional».

Face à votação, anunciada para terça-feira, dos três projectos de lei acima referidos, a Pró-Sindical dos Profissionais da PSP recusa admitir que se fale de «braço de ferro» entre o Governo e a ASP, porque «a força está do nosso lado, do lado do associativismo sindical».

Iniciativa · Experiência · Participação

* Aplicações alternativas de poupanças em depósitos, obrigações, acções, títulos de participação, certificados de depósito, obrigações de caixa e outras;
* Crédito a médio, longo e curto prazo;
* Crédito à produção e à venda a prazo;
* Crédito à exportação e à importação de bens de equipamento e serviços;
* Prestação de garantias bancárias;
* Concepção e realização de operações nos mercados de capitais;
* Operações do euro-mercado, a taxa fixa ou flutuante;
* Adiantamentos sobre remessas de exportação e financiamento de importações;
* Operações cambiais;
* Apoio à realização de «joint ventures»;
* Promoção de missões empresariais.

INICIATIVA, EXPERIÊNCIA e PARTICIPAÇÃO, nas áreas de *poupança, investimento, mercado de capitais* e *comércio internacional,* apoiadas por um conjunto diversificado de produtos e serviços, quer através de meios próprios, quer em conjugação com empresas associadas do sector financeiro.

Banco de Fomento Nacional
O investimento como força criadora

Na cerimónia comemorativa, Roberto Carneiro apelou à «compreensão» das suas reformas

PRIMEIRA FORMA DE MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO FAZ 230 ANOS

«Faço saber aos que este alvará virem, que tendo consideração a que da cultura das Ciências depende a felicidade das monarquias (...) e sendo o estudo das Letras Humanas a base de todas as Ciências (...) sou servido da mesma sorte ordenar, como por este ordeno, que no e nsino das Classes, e no estudo das Letras Humanas, haja uma geral reforma, que se pratica actualmente pelas Nações polidas da Europa». **Foi assim que, em 1759, no Palácio de Nossa Senhora da Ajuda, D. José, Rei de Portugal, consagrou o estabelecimento da Directoria-Geral dos Estudos. Quinta-feira, na Reitoria da Universidade de Lisboa, o Ministério da Educação iniciou o programa de comemorações do 230º aniversário da criação daquela instituição, que teve em D. Thomaz de Almeida o primeiro funcionário de um cargo de que Roberto Carneiro é o seu último sucessor.**

A criação da Directoria-Geral dos Estudos e a nomeação do seu primeiro director-geral, D. Thomaz de Almeida, no dia seis deste mesmo mês do ano de mil setecentos e cinquenta e nove, foram o pretexto para a realização de uma sessão solene comemorativa do 230º aniversário daquele acto Real, que decorreu quinta-feira no Salão Nobre da Reitoria da Universidade de Lisboa e que contou com a presença do Ministro da Educação e das mais destacadas personalidades do domínio da cultura e das artes instituídas.

Cerimónia que serviu igualmente para Roberto Carneiro empossar treze altos funcionários do Ministério de que é responsável, a sessão de quinta-feira revestiu-se de um carácter predominantemente "histórico", socorrido pelas alocuções de alguns dos convidados da mesa de honra, que abordaram e perspectivaram, quase à luz da situação que se vive nos nossos dias no sector educacional, a importância da criação daquela Directoria no quadro das convulsões políticas e sociais dos meados do século dezoito.

Um ensino superior a cargo (exclusivo) do então Reitor da Universidade de Coimbra, uma educação primária (ainda) muito mal cotada, a contemporaneidade de um Rousseau de leitura só acessível ao esclarecimento dos mais iluminados, a proibição da Companhia de Jesus em exercer o ensino e a consequente crise resultante do corte com uma longa tradição, todas estas condições teriam levado o rei D. José (ou Sebastião José, o marquês) à promoção de uma instituição especialmente vocacionada para a supervisão daquilo a que hoje se chama o "ensino secundário" e que assumiu a primeira forma do que veio a ser, mais tarde, o Ministério da Educação, independentemente das variantes designativas que lhe têm sido apostas (e antepostas).

Hoje, decorridos duzentos e trinta anos sobre a criação da Directoria-Geral dos Estudos e a nomeação do seu primeiro Director-Geral, genericamente considerado o grande obreiro da (efémera) importância que a instituição veio a alcançar - ao fim de doze anos, segundo referiu Rómulo de Carvalho na sua alocução, Thomaz de Almeida foi afastado da sua função e a Directoria diluída, tendo a Educação ficado a cargo da Real Mesa Censória - é unanimente reconhecido que aquele foi o «primeiro organismo oficial exclusivamente dedicado ao ensino», ainda que de um modo parcial.

Responsável por uma das mais importantes reformas do ensino oficial português, o exemplo de D. Thomaz de Almeida, quando dirigia a Directoria-Geral dos Estudos, foi usado pelo seu último sucessor neste «reino», Roberto Carneiro, para o apelo à compreensão das reformas que se impõem no domínio educacional.

Com a tónica sempre posta no sistema educativo português e na «urgência» das medidas que se impõem para a sua «necessária» reforma, o Ministro da Educação aproveitou a cerimónia de quinta-feira para reflectir sobre os (seus) projectos e programas, alguns já em curso, abordando as grandes linhas condicionantes da Educação nos últimos anos, nomeadamente as «faltas de visão estratégica, recursos, mobilização, estabilidade política e liberdade que, ao longo da nossa história, perturbaram ou inviabilizaram até a concretização de muitas reformas educativas».

Reconhecendo o «baixo índice» de escolarização por que se tem caracterizado o crescimento do sistema educativo nacional, Roberto Carneiro acentuou igualmente a «marcada diferenciação» qualitativa e quantitativa, ao nível educacional, que se regista entre Portugal e a Europa comunitária, fundamentalmente caracterizada pela existência de «carência de recursos humanos qualificados», «elevada taxa de analfabetismo», «altos níveis de insucesso escolar» e «assimetrias regionais».

«Vivemos um sentimento de insatisfação motivado pelo estado de coisas existente - afirmou o Ministro da Educação - mas também, consonante com ele, um irreprimível impulso de mudança e de transformação que permite abris novos horizontes e encontrar um rumo definido e seguro».

Este é o quadro em que, segundo sustentou, «mais do que condição essencial da plena e harmoniosa integração nas comunidades europeias, a reforma da Educação é indispensável para que daquela Portugal possa extrair reais vantagens, rentabilizando os recursos postos à sua disposição e aproveitando integralmente as oportunidades que nesse contexto lhe são proporcionadas».

Afirmando que «o prazo mínimo do trabalho educativo é o tempo de uma geração», Roberto Carneiro viria ainda a apontar como fonte de uma certo «constrangimento» para a concretização das mudanças no plano educativo, o facto de os seus resultados se conhecerem apenas a «longo termo», pelo que se «compreende» que, na «ausência de um pertinaz sentido estratégico, se corra o risco de privilegiar a afectação de recursos a objectivos de directo e imediato efeito reprodutivo na vida económica e social».

«Estruturante» mais que «estrutural», a reforma educativa - «e do mesmo modo a Educação como acto permanente» - não é possível «sem liberdade» e traduz-se num «pacto de sociedade», instância onde este «fundamento» encontra a sua «plena justificação política e a metodologia de diálogo aberto e consciencioso».

Roberto Carneiro, na cerimónia comemorativa dos 230 anos da criação da Directoria-Geral dos Estudos, teria, pelo menos em intenção, passado aos dias do Portugal de hoje as preocupações genéricas dos reformadores de "horizontes alargados", atópicos e intemporais, que, "no alto das suas alturas", esquecem ou ignoram as convulsões dos sectores mais de ponta que são da sua própria tutela. As lutas, tal como as reformas, não são inócuas. Mas a sua resolução, pelo equilíbrio e estabilidade desejadas, não se compadece com um posicionamento marcado pela incomensurabilidade, se não marcada pelo menos aparente, destes dois momentos. E aqui, Roberto Carneiro opta pelo discurso do "genérico", aquele que, menos na forma que no conteúdo, se situa nas malhas da mediania - a abordagem do geral ignorando, ou esquecendo, muitos dos "dividendos" que continuam por pagar.

M.A.M.

Em Portalegre

«Projecto Minerva» realiza primeiro encontro regional

Encerra hoje, em Portalegre, o primeiro encontro regional do «Projecto Minerva», uma iniciativa da Escola Superior de Educação (ESE) daquela localidade, que conta com a participação de duzentos professores dos distritos de Évora, Beja e Portalegre.

De acordo com os organizadores deste encontro, a sua realização tem por objectivo central a «promoção de uma troca de experiências entre os docentes de todos os graus de ensino envolvidos neste projecto de âmbito nacional», que tem como finalidade a introdução e aproveitamento pedagógico de meios informáticos e outros auxiliares tecnológicos nas escolas.

Para além das comunicações e análises das experiências que têm sido realizadas nas escolas envolvidas no «Projecto Minerva» desta região, o programa das actividades contou com a realização de diversas conferências plenárias, em que participaram convidados nacionais e estrangeiros, e exposições de material informático e vídeo, com demonstração de «software educativo», venda de livros e sessões de animação musical e cultural.

A implementação do «Projecto Minerva» na região do Alentejo verificou-se no ano lectivo de 1986/87, através da actividade desenvolvida pela ESE de Portalegre em colaboração com três estabelecimentos de ensino da cidade.

No presente ano escolar, o número de escolas envolvidas no projecto ascendeu a dez, distribuídas por sete concelhos do distrito, abrangendo um total de oitocentos alunos e cinquenta professores dos ensinos primário, preparatório, secundário e especial.

Segundo o responsável pelo núcleo coordenador do programa na ESE de Portalegre, Manuel Minguens, este ritmo de crescimento - da ordem dos cem por cento - deverá manter-se no próximo ano lectivo, em que se espera vir a incluir no «Minerva» cerca de vinte escolas «e a quase totalidade dos concelhos do distrito».

«Será dado prosseguimento à política de colaboração com as autarquias, o que permitiu, já no presente ano, o estabelecimento de protocolos com diversas câmaras, tendo em vista o financiamento para aquisição e garantia de segurança dos equipamentos colocados nas escolas», referiu Manuel Minguens.

«O computador pode contribuir de uma forma profunda para a renovação do sistema educativo», sublinhou o responsável do «Projecto Minerva» de Portalegre, que realçou igualmente as «possibilidades deste instrumento de trabalho na valorização de uma aprendizagem essencialmente baseada na descoberta e na iniciativa pessoal».

Empresas apoiam escolas primárias

Vinte e seis das trinta e sete escolas primárias do concelho da Lousada têm, desde o passado dia 1 de Julho, um novo «padrinho» no âmbito de um protocolo assinado com empresas da região, que faculta diversos apoios para actividades curriculares.

Apesar de não existirem ainda valores fixos para os patrocínios a conceder, o contributo de algumas empresas a estabelecimentos de ensino básico, ao abrigo da Lei do Mecenato, ultrapassará os duzentos contos anuais que englobam, genericamente, a utilização de meios como fotocopiadores e viaturas para actividades pedagógicas, fornecimento de mobiliário e arranjo de espaços para a prática desportiva.

Durante a cerimónia solene de assinatura do protocolo, que foi presidida pelo secretário de Estado Adjunto do Ministro da Educação, Alarcão Troni, o director escolar do Porto, Braga da Costa, sublinhou que estes acordos «estão a ultrapassar as expectativas mais optimistas», lançando um desafio à imprensa nortenha no sentido de apoiar os jornais escolares, por forma a que «permita o aparecimento de um jornal em cada concelho».

Linha de crédito para estudantes eborenses

A Associação de Estudantes da Universidade de Évora (AEUE) e o Banco Nacional Ultramarino (BNU) celebraram um protocolo que estabelece a abertura de uma linha de crédito bancário para alunos deste estabelecimento de ensino.

O documento, assinado pelos responsáveis da AEUE e pelo gerente da agência eborense do BNU, possibilita a todos os estudantes até aos vinte e cinco anos, a utilização duma linha de crédito, cujo valor poderá ascender a quatrocentos e cinquenta contos, destinada à aquisição de computadores pessoais.

Os pedidos de empréstimo, depois de canalizados para o BNU de Évora, serão realizados sob a forma de contrato em conta corrente, caucionada por livrança subscrita pelo beneficiário que, obrigatoriamente, terá que ser titular duma «Conta Contigo», produto daquela instituição de crédito destinada aos estudantes.

O valor mutuado e os juros e encargos respectivos serão depois liquidados em prestações mensais mínimas de cinco mil escudos durante os primeiros cinco anos, e de vinte contos nos anos subsequentes, até ao integral pagamento do saldo da conta.

Para os seus subscritores, o protocolo «tem em atenção a necessidade que há de apoiar, clara e decididamente, a juventude universitária, face aos grandes desafios que se deparam à Universidade e ao país por força da plena adesão comunitária».

A assinatura do protocolo foi antecedida de negociações entre a AEUE e a empresa «Equiplis», que irá colocar à disposição dos interessados trezentos equipamentos informáticos da marca «Unisys», ao preço unitário de 450 contos.

Previsível a manutenção da conflitualidade

SALÁRIOS CONTINUAM A PERDER VALOR REAL

– conclui um estudo da FETESE

Os salários dos trabalhadores de escritórios e serviços acentuaram, no primeiro trimestre do ano, a tendência para perderem valor real, crescendo menos do que a inflação, revela um estudo da FETESE (UGT).

O documento da Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores de Escritório e Serviços (FETESE) apresenta para o ano de 1988 um balanço negativo, que se manteve no início deste ano e se agravou em alguns casos.

De Janeiro a Março deste ano foram concluídas 39 negociações colectivas, com uma variação real dos salários negativa, na ordem de 2,1 por cento.

Os aumentos salariais verificados no primeiro trimestre de 1989 foram de 9,8 por cento, em média, quando haviam sido de 8,5 por cento no ano passado.

No entanto, os salários do sector de escritórios e serviços apenas perderam 0,3 por cento do seu valor em 1988, ao passo que no primeiro trimestre deste ano a variação real tem sido, em média, de -2,1 por cento.

As perdas no corrente ano têm sido generalizadas, não havendo qualquer excepção, contrariamente ao ano de 1988, em que houve algumas convenções colectivas com acréscimos reais.

Segundo a FETESE, os resultados negativos devem-se à «recusa governamental de permitir a correcção dos salários negociados com base em previsões da inflação largamente ultrapassadas».

Excepção a essa política foi a correcção parcial de 1,5 por cento acordada para a Função Pública, ainda que em parte tenha sido paga em poupança forçada.

A FETESE indica que «os poucos casos de correcção salarial correspondem a soluções de compromisso, em que a correcção não é assumida».

Desta forma, a correcção aparece como um crescimento salarial para o ano em curso, e não como decorrência dos acordos de política de rendimentos do ano anterior.

Prejuízo dos trabalhadores

Assim, a FETESE considera que há «um prejuízo ilegítimo para os trabalhadores».

O documento da Federação dos Sindicatos de Escritórios e Serviços considera ainda que os resultados das negociações refletem as dificuldades criadas pela política governamental de repressão da procura interna, baseada na redução generalizada do poder de compra dos salários.

Segundo aquela estrutura da UGT, uma das principais dificuldades das negociações colectivas tem sido «a inexistência de referenciais credíveis quanto à evolução futura dos preços».

A meta de seis por cento está já ultrapassada, passando o Governo a aplicar um «tecto salarial clandestino».

A FETESE refere que os salários do Metro, Carris e CP foram fixados em 8,7 por cento, por acto de gestão, tendo sido encerradas diversas negociações com valores na ordem dos 9 por cento.

Assim, refere a FETESE que «é de prever que a negociação colectiva se mantenha num ambiente de crescente conflitualidade, latente ou explicita».

Esta conflitualidade deverá manifestar-se pela redução do número de acordos celebrados, pelo prolongamento das negociações, e pela ausência de modificações significativas nas matérias não salariais.

Desta forma, a FETESE conclui que «é previsível que a conflitualidade se centre na questão salarial, retomando-se em alguma medida a pressão para o crescimento nominal dos salários que, para não se traduzir em nova redução real do poder de compra, deveriam subir para níveis claramente superiores aos actuais».

STCP: greve até segunda-feira

A greve que afecta o Serviço de Transportes Colectivos do Porto (STCP) prolonga-se até segunda-feira, segundo afirmou uma fonte do Sindicato dos Trabalhadores de Transportes Rodoviários e Urbanos do Norte (STRUN).

Face ao «impasse negocial» existente entre o Cosnelho de Gerência dos STCP e o STRUN, a mesma fonte acrescentou que os trabalhadores daquela empresa mentêm a paralisação por turnos diários de duas horas.

De acordo com o plano de luta para hoje e domingo, os STCP serão afectados pelo serviço de turnos (duas últimas horas de cada um), enquanto os bares, rede e telecomunicações e movimento páram nas duas últimas horas de serviço.

Para segunda-feira mantêm-se paralisações em todos os serviços dos STCP, igualmente pelo período de duas horas.

CGTP e PCP concertam acções

A defesa dos direitos dos trabalhadores será alvo de uma acção concertada do PCP com a Intersindical, segundo afirmou Álvaro Cunhal no final de uma reunião mantida com a central sindical.

Para o secretário-geral do Partido Comunista Português, «a revisão constitucional que teve lugar abre caminho ao Governo para intensificar a sua ofensiva contra os trabalhadores e os seus direitos».

Carvalho da Silva, coordenador nacional da CGTP, salientou, por sua vez, a análise das questões com que se debatem actualmente os trabalhadores.

«Lei laboral, em geral, e lei dos despedimentos, em particular, foi um dos temas deste encontro com o PCP», adiantou.

A Intersindical reafirmou que «a lei dos despedimentos não é um facto consumado, os parâmetros da sua aplicação vão sendo punidos pela prática e os aspectos da sua constitucionalidade ainda estão para definir».

Álvaro Cunhal reiterou o apoio da sua bancada parlamentar à CGTP na luta pela definição de inconstitucionalidade da lei dos depedimentos. O coordenador da CGTP considera que este é o momento de promover uma melhoria do nível salarial, tendo em conta que «se verificou um desvio claro na política económica, no comportamento da inflação e dada a fase de evolução do mercado interno que se experimenta».

Na reunião foram também abordados os problemas do trabalho infantil e da redução dos horários de trabalho.

MUNICÍPIO DE LISBOA
EDITAL
N.º 80/89
OBRAS PRECONIZADAS NO AUTO DE VISTORIA E POSSE ADMINISTRATIVA

Faço saber que correm éditos de 30 dias, contados da data da segunda publicação deste edital intimando nos termos do artigo 10.º do Regulamento Geral das Edificações Urbanas e por meu despacho de 4 de Maio de 1989, por delegação de competência de Sua Ex.ª O Presidente (Despacho 62/P de 10 de Janeiro de 1986), MARIA CÂNDIDA DA SILVA FREDRICO MARQUES, na qualidade de herdeira de António Júlio Frederico proprietário do prédio situado na Rua do Forno do Tijolo, n.º 24, em Lisboa, ausente em parte incerta, a cumprir com as conclusões do auto da Comissão Permanente de Vistorias de 16 de Novembro de 1983.

As obras deverão ser iniciadas no prazo de 15 dias findo o dos éditos e concluídas nos 30 dias seguintes.

Foi determinada a ocupação do prédio para execução coerciva ao abrigo do disposto no artigo 166.º do Regulamento Geral das Edificações Urbanas, no caso de as obras não serem iniciadas ou concluídas nos prazos para o efeito respectivamente fixados.

NOTA I: Para a realização das obras intimadas deverá ser levantada uma licença nas condições 1.ª à 3.ª e que será passada pelo prazo de 30 dias e que se encontrará a pagamento na Repartição de Impostos e Licenças desta Câmara Municipal, durante 5 dias a contar do 10.º dia da data da intimação, devendo juntar um termo de responsabilidade no prazo de 8 dias.

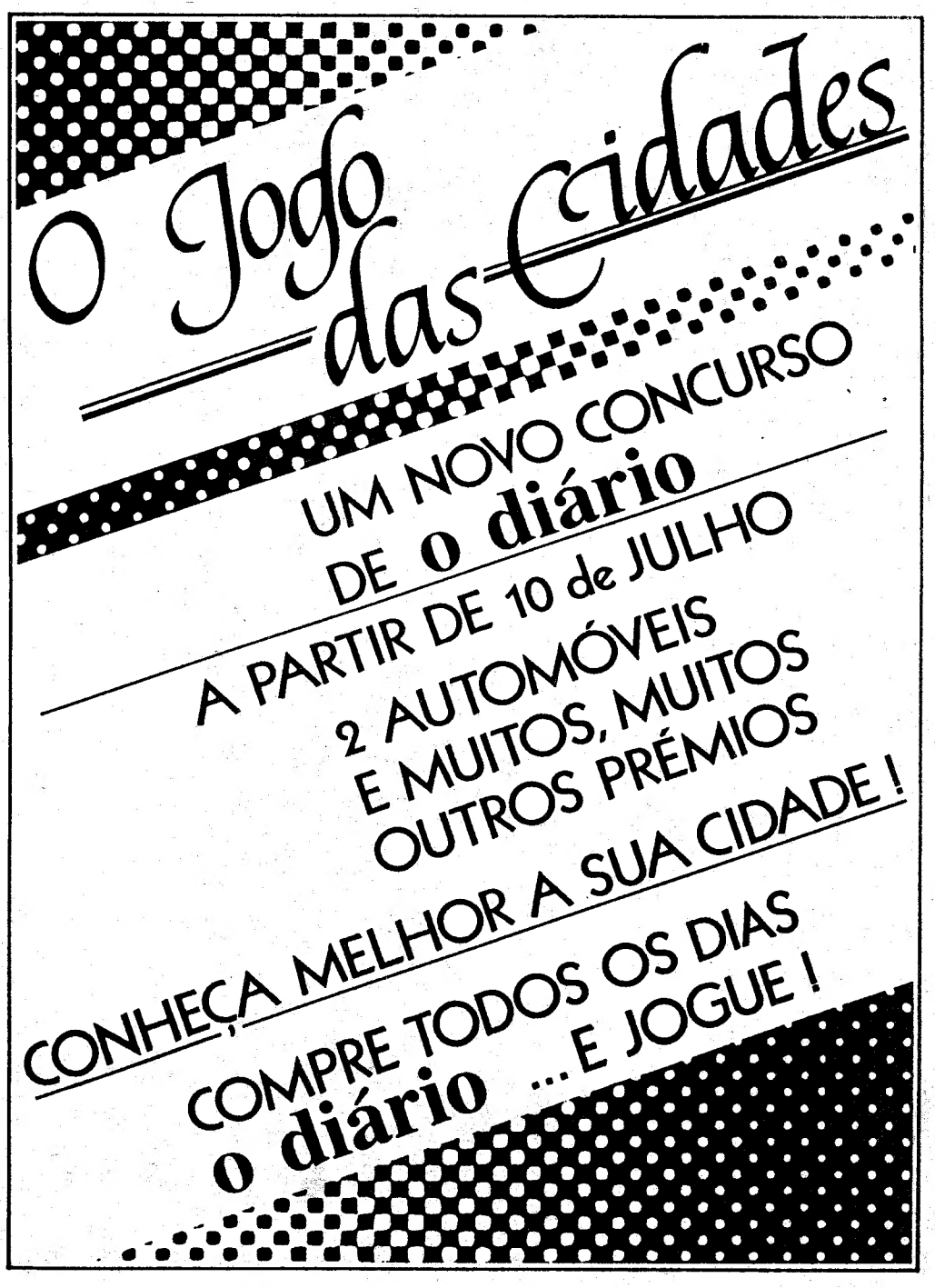
NOTA II: O auto de vistoria faz parte do processo 1362/1/83 e encontra-se à disposição do intimado, para efeitos de consulta, na respectiva Zona dos Serviços de Fiscalização de Obras — Rua 1.º de Dezembro, 120.

Paços do Concelho de Lisboa, em 5 de Junho de 1989.

Por delegação do
Presidente da Câmara Municipal
O Vereador,
Vasco Franco

EMERGÊNCIA 115

O primeiro gesto é seu



CAMINHO
NOVIDADES

Isabel Cristina Pires

A ÁRVORE DAS MARIONETAS

«Um escocês sem nome vive na Escócia-de cada um de nós. Surgem afectos estranhos que lhe rasgam o pensamento, amores não correspondidos, dragões, uma mulher de madeira que o enleia nos seus ramos de árvore e uma outra que nunca encontrará. A charneca e o mar espreitam no cimento da cidade, rugem e assobiam no sótão, gargalham na lareira, e os afectos a pouco e pouco devoram este homem que não pode amar nem ser amado, despegam-lhe a carne dos ossos, aniquilam e sugam, por entre os suspiros de um Cão que se desvela e de um Gato estranho e forte que raramente fala. Porque na Árvore das Marionetas todos os desencontros são possíveis, ou mesmo obrigatórios.»

Cód. 3.09.049/132pp./900$00

Steve Chaple

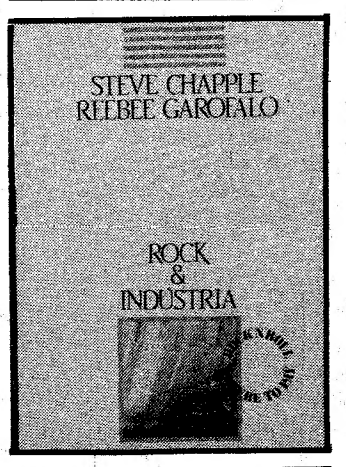
Reebee Garofalo

ROCK & INDÚSTRIA
(História e Política da Indústria Musical)

Livro único, fala com grande clareza do fenómeno rock em todos os seus aspectos. Do seu ascenso, do racismo e do sexismo que os músicos mais autênticos tiveram que enfrentar, do grande negócio em que se tornou (a billion dollar baby), das suas ramificações e de seu vivo interesse. Enfim, de uma história tantas vezes ignorada, que em parte é também a do nosso tempo e dos nossos gostos.

Sempre perspicaz, é um livro sem paralelo, repleto de pormenores, que não perderá a actualidade e que merecerá a tensão calorosa de todos os que se debruçam sobre uma música que marca indelevelmente a nossa época e de todos os que se preocupam com o fenómeno musical em geral.

Cód. 2.28.004/418 pp./1900$00



José Tengarrinha

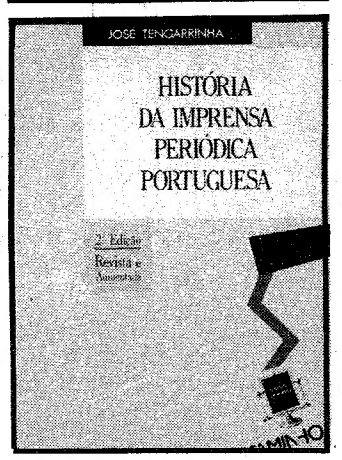
HISTÓRIA DA IMPRENSA
PERIÓDICA EM PORTUGAL

Sendo geralmente reconhecida como o único estudo crítico de conjunto da história da nossa informação periódica escrita, esta edição entrelaça-a ainda mais estreitamente com as múltiplas vertentes da sociedade nos aspectos político, ideológico, literário e cultural em geral, ampliando o âmbito do seu interesse.

Trata-se, pois, no conjunto, de um traçado de grandes linhas da representação que, desde o séc. XVII, a nossa sociedade se fez dela própria através da Imprensa.

Obra esgotada logo após o seu aparecimento em 1965, a grande procura que sempre continuou a ter há muito justificava a sua reedição.

Cód. 3.11.039/356 pp./2000$00



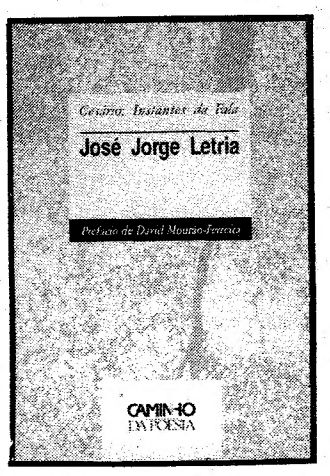
Armando de Castro

CONHECER O CONHECIMENTO

Esta colectânea reúne textos que, tendo por denominador comum os problemas de conhecimento do conhecimento, abarcam temas tão variados como a teoria e a prática no acto cognoscitivo, a epistemologia geral na crítica do preformismo cognitivo, a revolução científica contemporânea e as leis epistemológicas, ou ainda a teoria das ideologias.

É uma obra em que o autor procura documentar algumas das intervenções que proferiu ao longo de quase duas décadas, e que se insere na batalha de conhecer o conhecimento que vem travando desde há, pelo menos, um quarto de século.

Cód: 3.11.035/244pp./1300$00



José Jorge Letria

CESÁRIO: INSTANTES DA FALA

«Um discurso marcadamente disfórico, assistido de fora e de dentro por um desprazer e uma tonalidade lírica muito pessoal e sempre à beira da nossa intemporalidade colectiva.»

JOÃO DE MELO (sobre O Desencantador de Serpentes)

«Trata-se de uma poesia que facilmente reclama vários atributos: é descritiva, sim, mas também evocativa e invocativa, é contida e parca, mas também densa e recôndita.»

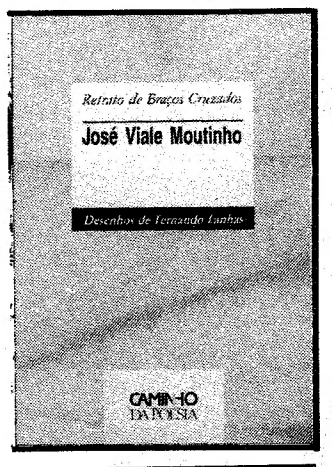
WANDA RAMOS (sobre Adivinhação do Azul)

«É precisamente através da simplicidade que nos oferece que somos induzidos a irmo-nos até à clareira ampla da poesia.»

PEDRO ALVIM (in Ler/Escrever — Diário de Lisboa, 24 de Novembro de 1988) *«Poeta de sínteses que o colocam nos antípodas da escassez imaginativa do actual verso português.»*

ERNESTO RODRIGUES («Europeu», 29 de Janeiro de 1989)

cód. 3.20.018/112 pp./1100$00



José Viale Moutinho

RETRATO DE BRAÇOS CRUZADOS

«A poesia de José Viale Moutinho compreende-se numa linguagem como que comum, isto é, exposta como se não pertencesse ao domínio da arte poética. Como se, repare-se. É que de súbito isso deixa de verificar-se, dado o efeito de inesperadas sequências imbuídas já de plenitudes poeticamente sígnicas.»

Fernando Alvarenga («Jornal de Notícias»)

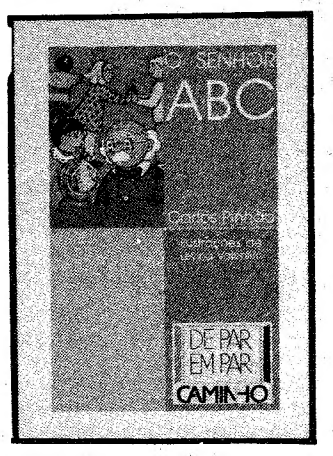
...entre lírico e épico, experimental com frequência

Félix cucurrull (Enciclopédia Espasa-Calpe)

Uma atitude memorialista intencionalmente assimilada à reportagem, à explicação que dá credibilidade. Os seus poemas fixam um valor documental e propõem preliminares interpretações. José Emílio-Nelson («O Comércio do Porto»)

Com Piano Bar, Viale Moutinho continua a dar à poesia o seu carácter comunitário Vítor Pinto Basto («o diário»)

Cód. 3.20.019/132 pp./1100$00



Carlos Pinhão

O SENHOR ABC

O Senhor ABC vive das letras e para as letras e, por isso, lhe puseram esse nome. Faz com elas jogos, passatempos, adivinhas, tem artes de falar com as letras e de as pôr a falar umas com as outras e artes também de interessar nesses jogos a meninada que sempre o rodeia e que, assim, a brincar, muito aprende.

Mas o Senhor ABC, quando está maldisposto, também não é para brincadeiras e, a fechar esta história, nem queiram saber o castigo que ele aplica à letra «A» por ter a mania que é mais do que as mais.

Cód. 1.31.005/52 pp./450$00

Manuela Alves

SALPICO

Prémio O Ambiente na Literatura Infantil 1988

Ao chegar à idade de entrar na escola primária, Salpico deixou a paz da quinta dos avós, onde crescera em contacto com a natureza e os animais, para se juntar aos pais e irmãos na casa que habitavam nos subúrbios de uma grande cidade.

O contraste deixou-o de início profundamente angustiado, desinteressado da escola, porque não só à paz se opunha agora o ruído, o frenesi, a confusão e os atropelos da vida urbana, mas também porque os pais e os irmãos, absorvidos pelas suas próprias vidas, mal reparavam nele.

Embora pequeno e aparentemente indefeso, Salpico dá a volta à situação e, ao chamar a atenção da família para a sua incapacidade de comunicar, consegue que todos se disponham a humanizar a vida dentro e fora de casa.

Cód. 03.049/27 pp./450$00

o prazer de ter bons livros para ler
CDL a distribuição

DEFENSORES DE PASSARINHOS E DOS PASSARÕES EM GUERRA PELO CAMPO DE TIRO DE ALCOCHETE

De um lado, diz , estão os defensores dos «passarinhos», «os ecologistas», do outro, os que, pendendo mais par os passarões de asas de aço, defendem o alargamento do Campo de Tiro de Alcochete como alternativa ideal para apoiar o desenvolvimento das indústrias nacionais de defesa. Assim parece colocar-se a questão, para o coronel Maia e Costa, um oficial de Engenharia na reforma e o coordenador do grupo de trabalho nomeado pelo Governo para fazer o estudo de impacto (ambiental, social e económico) do alargamento do Campo de Tiro de Alcochete - trabalho agora concluído e a entregar este mês ao Executivo.

No meio, no entanto, estão também interesses económicos, públicos e privados, que se consideram ilegalmente lesados, nomeadamente os das câmaras abrangidas pela ampliação do campo de tiro, e os dos expropriados, que mantém em Tribunal processos de impugnação do despacho que declarava em 1987 a expropriação urgente de quase 5000 hectares de terrenos.

Com um ano de atraso em relação ao prazo inicialmente fixado, o relatório final do grupo de trabalho nomeado pelo Governo «deverá apontar alternativas», outros territórios onde, à semelhança do que se pretende fazer em Alcochete, existem «campos adequados à experimentação» dos novos produtos das indústrias nacionais de defesa.

Mas essas alternativas «são impraticáveis» em termos de custos, e «só aparecem no relatório final porque o despacho determinava que elas fossem estudadas» - sublinha o coronel Maia e Costa, acrescentando: «deslocação do campo de tiro para outra zona custaria dezenas de milhões de contos».

Na região de Alcochete e Benavente, contudo, reina ainda a esperança de que uma dessas seis alternativas, nomeadamente uma «a sul, embora com mais custos», possa impedir o prosseguimento do alargamento do campo de tiro, dos seus actuais 2000 hectares para cerca de 8000 hectares, com 50 quilómetros a ganhar à «charneca», territórios na sua maioria pertencentes ao concelho de Benavente.

«Se eu fosse ecologista também me preocuparia...»

«Se eu fosse ecologista também me preocuparia» - diz o coronel Maia e Costa a propósito de alguns problemas levantados acerca do alargamento do campo de tiro, nomeadamente à possibilidade da passagem dos aviões afectar o «habitat» das dezenas de espécies de aves que habitualmente sobrevoam a Reserva Integral do Pancas, incluída na Reserva Natural do Estuário do Tejo.

Para o coronel Maia e Costa, o único possível óbice a levantar ao alargamento do campo de tiro diz respeito à reserva, salienta: «A rota dos aviões não passa na reserva e o campo de tiro situa-se a quase dez quilómetros de distância».

No entanto, para o presidente da Câmara de Alcochete: «As aves não conhecem os limites fixados pelo «Diário da República» para a área da reserva».

A preocupação justifica-se porque se o alargamento do campo de tiro afectar a reserva - como inicialmente o admitiram Carlos Pimenta e Macário Correia - Portugal estará não só a infringir legislação nacional, como directivas comunitárias e desrespeitará a Convenção de Ramsar, que o País subscreve - o que lhe poderia custar um processo no Tribunal Europeu.

Mas, se para as aves «há ainda que definir ao certo se o volume de ruído dos voos rasantes vai perturbá-las ou não» - conforme salienta o coronel Maia e Costa, apesar do estudo estar concluído - já quanto às pessoas, ele está seguro: «Os aviões não se ouvem em Alcochete, só se o vento estiver de feição».

Ouvem-nos contudo os habitantes de povoações como Aldeia Nova da Aroeira - onde a professora pára de dar aulas para deixar os aviões passar, ou ainda, na Malhada de Meias, propriedade onde segundo António Mineiro, um dos expropriados em disputa nos tribunais, «em dias de exercício verificam-se 300 passagens aéreas, em voos rasantes».

Para o coronel Maia e Costa, no entanto, o alargamento do campo de tiro justifica-se por uma «procupação» exclusiva: «A segurança das populações», que «eventualmente poderiam ser vítimas de ricochetes» das cargas disparadas pelos aviões da Força Aérea portuguesa ou alemã, as que de momento utilizam as instalações de Alcochete.

Ampliação sem contrapartidas ou impactos positivos

«É certo que essa ampliação não trará regionalmente contrapartidas ou impactos positivos» - afirma. «Mas o que parece é que também não vai produzir impactos negativos» - salienta, a propósito dos problemas que diz terem levantados pelos «ecologistas».

Mas o que mais parece indispor o coronel Maia e Costa, é que a questão seja também já abordada por «estrangeiros». Em declarações à agência Lusa queixou-se, nomeadamente, do facto de «diariamente lhe choverem, em cima da secretária, protestos de ecologistas espanhóis».

Outros protestos surgiram também de organizações ecologistas da Alemanha Federal ou internacionais, como a Green Peace, que sustentam os seus protestos nos previsíveis impactos do alargamento nos «habitats» de espécies protegidas por directivas comunitárias e conenções.

Mas para o coronel Maia e Costa, «o que acontece é todas essas cartas de protesto dizem a mesma coisa», acrescenta, «não apresentam posições consubstanciadas em estudos técnicos».

Contudo, nem só os ecologistas têm manifestado preocupações quanto aos efeitos negativos da ampliação, e essa hipótese já levou autarcas de mais de 30 câmaras municipais a constituírem uma frente contra o alargamento do campo de tiro, sobre o qual se tem manifestado também as populações do Montijo, Alcochete e Benavente, os três concelhos situados na zona abrangida por aquele campo de treino militar.

Até aqui, aliás, nada neste processo tem sido pacífico e, no seio do próprio grupo de trabalho, não ligavam», como salientou o coronel Maia e Costa, daí que com conclusão prevista para Julho de 1988, só um ano depois o «estudo prévio» esteja agora em fase final para entregar ao Governo.

Incluindo representantes de três ministérios diferentes, o da Defesa, o do Planeamento e Administração do Território e o da Agricultura, o grupo de trabalho produziu ao longo de um ano e três meses vários documentos, alguns deles críticos quanto à solução que o coordenador agora entende ser a melhor.

Mais de 30 impactos negativos contra apenas 30 positivos

Embora para alguns dos elementos do grupo de trabalho o alargamento do campo de tiro vá produzir mais de 30 impactos negativos, contra apenas três positivos, já para o coordenador do grupo de trabalho, tudo parece estar salvaguardados.

Isto porque, acrescenta o coronel Maia e Costa, lhe «foi garantido» que «não haverá uma maior utilização deleteria ou prejudicial» do campo de tiro, ou experimentação de armamento de natureza diferente do que até aqui tem sido utilizado.

No entanto, um artigo publicado na revista «Baluarte», das Forças Armadas Portuguesas, afirma que ali passará a ser possível nomeadamente o «disparo de mísseis ar-solo, de curto alcance», e de «ataque multidireccional», o que implica «aproximação ao alvo segundo o máximo de direcções variadas e a qualquer altitude», não se garantindo assim que se vão manter apenas as rotas actualmente efectuadas, como afirma o coordenador do grupo de trabalho.

Para o coronel Maia e Costa «não está em causa pretender rentabilizar a utilização do campo de tiro», a questão é proporcionar «maior segurança» do que aquela que existe actualmente e «que não permitiria o treino e tiro ar-solo com as modernas armas, de maior alcance».

No entanto, o artigo publicado na revista «Baluarte», que justifica o interesse do alargamento do campo, salienta: «As solicitações que tem vindo a ser efectuadas nos últimos tempos indiciam uma ocupação muito razoável do Campo de Tiro de Alcochete pelo que os investimentos que venham a ser efectuados poderão ser recuperados a prazo, não só no plano nacional, como em termos internacionais».

Idêntico raciocínio foi aliás exposto pelo próprio director do Campo de Tiro de Alcochete ao presidente da Câmara de Benavente.

Óptimo para o país e para a economia nacional

«O coronel Messias tentou justificar o alargamento do campode tiro, afirmando que seria óptimo para o País e para a economia nacional, dadao que os aviões estrangeiros que ali forem treinar vão pagar e bem essa possibilidade» - disse à agência Lusa o presidente da Câmara de Benavente.

Mal pagos consideram-se entretanto alguns dos expropriados dos terrenos abrangidos pelo alargamento. Se a Companhia das Lezírias aceitou vender os seus terrenos naquela zona ao preço de 200 contos/hectare, quando actualmente eles já valem cerca de 2000. contos/hectare, já outros proprietários abrangidos não se conformaram com as expropriações e lutam, ainda hoje, em Tribunal para recuperar os seus terrenos.

Um outro óbice encarado pelo coordenador do grupo de estudo diz respeito ao previsível aumento de fogos florestais, na área do campo de tiro. «Isso admito que sim. Mas também nunca os bombeiros estiveram tão perto» - acrescenta, numa alusão que não ficou explícita se se referia aos bombeiros de Alcochete e Benavente, os mais próximos, ou se eventualmente aos próprios militares, utilizadores do campo de tiro.

Abrangendo a ampliação prevista solos da reserva agrícola de Benavente e abrangidas pelo plano de regadio dos terraços do Tejo para o coronel Maia e Costa os terrenos que o campo de tiro irá incluir «não tem qualquer vocação agrícola».«São solos pobres e que tem sobretudo uma vocação florestal e pastorícia, actividades que aliás, o Ministério da Defesa tem manifestado disposição de apoiar» - afirma.

Já os presidentes das autarquias cujos territórios foram abrangidos por expropriações não partilham a mesma opinião.

O presidente da Câmara de Benavente, contesta essa afirmação, salientando que a reconversão da «charneca» é possível e está a fazer-se, nos limites das áreas expropriadas, com a hortícultura.

«Dentro do próprio Campo de Tiro de Alcochete existe uma exploração agropecuária» e «nas propriedades limítrofes está a fazer-se produção intensiva de hortícolas» - acrescenta o autarca.

Há no Campo de Tiro solos da reserva agrícola do concelho

Entre os terrenos expropriados «há solos incluídos na reserva agrícola do concelho, classificados, alguns de classe A, e muitos solos de classes C, D, e E, como boa capacidade para culturas de regadio» - acrescenta o presidente da Câmara de Benavente, para quem o alargamento representa «um atentado do ponto de vista económico» para o concelho.

Já para o coronel Maia e Costa o solo a ganhar é «ideal para um campo de tiro» porque «ali não existem praticamente ricochetes», dado «ser muito arenoso».

«Só na orla marítima há aquelas condições mas aí a ocupação humana é muito grande, enquanto na zona de Alcochete a densidade populacional é muito fraca» - salienta aquele oficial de Engenharia.

«Se for a Alcochete verá, é uma vila muito simpática, mas pouco desenvolvida, parece que estagnou no tempo» - sublinhou.

Entretanto, e apesar da suspensão das obras de alargamento decretada pelo Governo em 1988, uma área de montado de sobro foi já destruída na área do concelho de Benavente, para ali ser instalada uma pista de ensaio de viaturas militares.

Suspensas ficaram em contrapartida as obras de construção de uma torre de controle, iniciadas em 1988 na Malhada de Meias, numa das parcelas de terreno que já foi duas vezes expropriada e permanece ainda em disputa.O empreiteiro encarregue da construção da torre conta ter sido impossível arranjar naquela zona pessoal para trabalhar na empreitada, o que o obrigou a recrutar trabalhadores noutras áreas do País.

Este facto denota, segundo o presidente da Câmara de Benavente, a oposição manifesta das populações ao alargamento do campo de tiro, facto relativamente ao qual, lamenta que o Governo nunca tenha consultado as câmaras, nem atendido aos pedidos de audiência dirigidos ao ministro da Defesa nacional e ao Primeiro-Ministro.

Mas a questão tem sido colocada não só a nível nacional - em Portugal o alargamento do campo de tiro mereceu o protesto da Associação Nacional de Municípios e requerimentos na Assembleia da República - como foi já apresentada à Direcção-Geral do Ambiente da CEE (DGXI) que questionou a Secretaria de Estado do Ambiente e Recursos Naturais sobre a posição do Estado português a este respeito.

Uma vez informada, aquela Comissão considerou haver «desrespeito de diversas directivas comunitárias», procedimento que Portugal tem adoptado aliás noutros casos, como relativamente à Marina de Tavira e à Auto-Estrada Lsboa-Cascais, entre outros.

Uma posição difícil de compreender, porque silenciosa, é a do secretário de Estado do Ambiente e Recursos Naturais, que, pouco depois de tomar posse criticou o alargamento e actualmente, contactado pela agência Lusa sobre o assunto afirmou «não ter nada a dizer».

«Quem cala consente», costuma dizer o povo, mas após a entrega do relatório do grupo de trabalho, a palavra final será do Governo, a menos que a questão seja entretanto levantada no Parlamento Europeu.

Enguias, torricado, bucho, pezinhos e molhata

O ESPECTÁCULO DA LEZÍRIA À MESA

Julio Rodrigues

Três culturas gastronómicas se cruzam na Lezíria Ribatejana: a deste espaço propriamente dito, a alentejana e a dos «filhos do rio», também ditos «avieiros». No entanto, quando nos apresentam Samora Correia como centro dessas três culturas - no que não há qualquer inverdade -, fácil é admitir que elas passam por Porto Alto. Não há camionistas nem viajante experimentado que não conheça o Porto Alto do seu famoso ensopado de enguias.

Desde tempos - há meio século - em que as enguias já se saboreavam (pois então)) com gosto e requinte na Murtosa e no Furadouro (zona de Aveiro, no coração da sua ria), eram a cinco escudos o quilo (um espanto) e o mais aureolado dos restauradores locais («Vira Milho», alcunha do beirão Mário Delgado) vendia cem (quilos) por dia.

Hoje não há centena que baste: nem sempre um milhar de quilos chega para saciar exigentes gostos e apetites que propositadamente, ou de passagem, não faltam no Porto Alto.

Mas outros pratos, outras especialidades estarão, naturalmente à mesa, amanhã e dia 15, neste Festival: arroz de sarrabulho, tripas e bucho assados, torricado com bacalhau, arroz de feijoca e pezinhos e orelha de coentrada. Chega ?

Há, por tudo isso, justificação, pelo menos em jeito reivindicativo e de homenagem a «Vira Milho» e aos primeiros fazendeiros e campinos de sempre, para o I Festival de Gastronomia da Lezíria Ribatejana que Samora Correia promove desde ontem, sexta-feira (7) e até dia 16, quer através da clássica proposta do almoço regional, quer das já tradicionais tasquinhas que Santarém lançou e o Ribatejo trata com particular carinho.

Ponto de convergência entre três culturas gastronómicas, Samora Correia, cerca de dez mil habitantes, com 6 291 eleitores, é a mais importante freguesia de Benavente.

É aí que hoje abrirá o I Festival de Gastronomia da Lezíria Ribatejana, meio caminho andado entre Lisboa e a capital do Ribatejo (Santarém), a que Samora pertence no quadro das regiões turísticas portuguesas. Claro: para todos quantos atravessam a ponte Marechal Carmona, que sobre o Tejo liga Vila Franca ao Porto Alto.

As migrações internas para

esta horta portuguesa -a Lezíria Ribatejana - trouxeram a Samora alentejanos (do celeiro da nação), e beirões, destes emergindo os «avieiros». Migrantes alentejanos e «filhos do rio» que as jornas agrícolas ou o cruzamento de outras águas das Beiras atrairam e fixaram em Samora, juntando-se ao indígena residente.

Numa terra em que se cruzam as vias terrestres do Norte e Centro para o Sul, do Ribatejo para o Alentejo.

É desta convergência de cultu#ras que que surgi uma gastronomia rica e variada: os pratos de honra deste I Festival que amanhá terá o seu primeiro almoço regional, ao preço de milhar e meio de escudos por cabeça, num espaço reservado apenas para uma centena delas, no Largo da Igreja de Samora.

Daí que a organização advirta que, para garantir mesa, o mais indicado seja ligar para o (063)62063.

Amanhã, 8 em que Mário Mendes Delgado, o «Vira Milho», já com oito dezenas e meia de anos e mais de meio século de pratos e petiscos, terá a grande homenagem. Antes das tasquinhas abrirem e numa jornada que continuará à noite na Praça da República com a exibição do Grupo Etnográfico «Samora e o Passado» e o Rancho Folclórico Ceifeiras e Campinos-SFUS(Sociedade Filarmónica União Samorense).

«Vira Milho»: a história

Tem destas coisas o Ribatejo: um só homem monta uma obra. Muitos nomes haveria a referir, nas diversas manifestações que a vida tem, se não se tratasse, aqui e agora, apenas de gastronomia.

Como é o caso, diga-se que todos sabem quem é o «Toucinho» de Almeirim (por mor da sopa de pedra), mas nem todos saberão quem foi «Vira Milho», alcunha de Mário Delgado, que há cerca de meio século lançou decididamente o Porto Alto na rota gastronómica do país que somos.

Órfão de pai, nascido em Castanheira de Pêra, o introdutor da enguia nos costumes gastrónomo-comerciais da região, fez de Lisboa seu ponto de passagem num dia-a-dia de muito interesse para a vida, longe do pinhal e da sua apetência pela caça e a pesca .

Alcochete também lhe sai na esteira. Aos onze anos está numa das muitas fazendas locais, como trabalhador rural. Fazenda após fazenda, este homem que também partiu para a África (1924-1935), de grande corpulência, bonacheirão - segundo um retrato» breve da Comissão Organizadora das Festas em Honra de Nª Sª de Guadalupe, que se celebram em Samora entre 18 e 21 de Agosto -, monta inicialmente uma pequena taberna numa casa do Ventura Caniço, começando a confeccionr os primeiros pratos, quando no Porto Alto só se conheciam as tascas do «Casimiro Trovão» e do «Charrela».

O petisco aqui nasceu com ele

O petisco nasceu com ele, com o«Vira Milho», alcunha que lhe vem do facto de gritar «vira milho», quando recebia o dinheiro dos clientes e o metia na gaveta.

Se hoje se saboreia o tradicional ensopado de enguias nesta zona, deve-se a ele, que a tal chamava «jantarinho». Havia então quem fosse ao Porto Alto pelo «jantarinho» do Mário Mendes Delgado, hoje com 85 anos.

Ele havia lisboetas, alentejanos ou passantes, em fins-de-semana turísticos. Mas ele, diz a esposa, tratava bem as peças de caça e o borrego. Borrego que, recorda a esposa, Virgínia Rocha Delgado, viajantes traziam dos mercados de Montemor, Vendas Novas e Évora. «Foi sempre um bom cozinheiro», aviva, assim como a panela com vinte litros de sopa de feijão e hortaliça que serviam a quem pedia - e conhecia a casa.

Para o seu «jantarinho», «Vira Milho» limitava-se a fazer um refogado com a enguia cortada aos bocados, a que juntava pão e salsa muito picadinha. Foi asim que começou o ensopado...

As especialidades mais em pormenor

Voltando aos primórdios da

ORGANIZAÇÃO

ARCAS – Associação Recreativa e Cultural Amigos de Samora

APOIO

CÂMARA MUNICIPAL DE BENAVENTE
REGIÃO DE TURISMO DO RIBATEJO

portugal

junção das três culturas gastronómicas que hoje caracterizam Porto Alto e Samora Correia: pelos rios Sorraia e Almansor chega o pequeno tráfego piscatório.

Ao longo das décadas, como assinala um pequeno opúsculo publicado pela ARCAS (Associação Recreativa e Cultural dos Amigos de Samora Correia), que promove este I Festival de Gastronomia da Lezíria Ribatejana, foram-se fixando, em especial no Porto Alto. Radicaram-se ali, emparceirando e convivendo com os mais velhos habitantes desta terra na beira-Tejo, designadamente o campino, «dono» da lezíria e da charneca.

Desta «miscigenação» resulta a revelação das enguias e o ensopado a que Mário Delgado imprimiu cunho especial, a pedir meças - como o linguadinho do rio - a qualquer outra especialidade parecida.

Mas não só as enguias e o linguado estarão è mesa, amanhã e no dia 15 - segundo almoço regional, no Monte dos Condes, em Santo Estêvão (Benavente). -: pratos que obrigavam os«ratinhos» e os alentejanos a longas estadas no Ribatejo e a uma natural poupança popular, como o torricado com bacalhau, o arroz de feijoca e os pezinhos e orelha de coentrada. Outros pratos compõem a mesa destes almoços regionais de Samora Correia: bacalhau cru e desfiado ou em molhata, arroz de sarrabulho, tripas e bucho de porco assados. A razão é simples: a região é de fazendeiros e campinos, como todos sabem. Ora os segundos, em longas jornadas a cavalo, dias inteiros sem regresso a casa, serviam-se (os campinos) do bacalhau (então a preço acessível), nas variantes já assinaladas, para uma refeição frugal.

Os fazendeiros, protagonizando as suas origens do Norte e Beiras, matavam o porco nas tapadas, para o arroz de sarrabulho, as tripas e o bucho que acima se espicaçam.

Todos conhecem esta cidade como a «Veneza portuguesa». É uma espécie de mania das grandezas como qualquer outra, sendo certo que nenhum italiano se lembraria da analogia inversa. Por razões lógicas, é certo, já que esta região portuguesa, com a sua beleza plana e os braços (de ria) que lhe couberam mercê dos «jogos geológicos», tem o que tem e a mais não é obrigada. Assim os seus naturais e nós todos lhe saibamos estimar as qualidades e virtudes e tudo fazer para que o mundo moderno não destrua o que sempre houve de bom. Sobremaneira no domínio gastronómico...

AVEIRO: O ÚLTIMO A RIR QUE RIA MELHOR

Rogerio Vidigal

Os tempos mudam, claro. Qual marnotos e varinas, qual ria limpinha, qual respeito pela arquitectura tradicional da região? Lembram-se dos Congressos da Oposição Democrática que se realizavam na cidade de Aveiro? Parecia que toda aquela gente era do «contra», não? Veja-se agora o sentido de voto... A maioria é, naturalmente, gente honesta, ninguém duvidará - mas a proliferação de alguns negócios, prostituição e contrabando nomeadamente, vieram dar má nota ao sentido do desenvolvimento das gafanhas e planuras da região. Mal empregado «investimento». Melhor seria que fizessem umas fabriquinhas com dinheiro que não precisasse de «limpeza» ou então os restaurantes a lembrar que aqui se come bem... ou tal é possível.

No fundo, é uma cidade onde se vive como em qualquer outro lugar: especula-se com os terrenos urbanos ou os que há, procura-se que a batata (é a região com maior produção - total e por hectare) dê o maior lucro possível, onde houver um bocadinho de rédea solta lá está alguém pronto a aproveitar o filão. Mesmo que sejam enguias, ainda que se chame sal, ou de areia se trate. Rende, pronto.

Contudo, esta foi a terra de alguns intelectuais e políticos de prestígio - muitos deles da tal Oposição que dinamizavam a oposição a Salazar e Caetano - como Mário Sacramento, José Estêvão, Homem Cristo.

Ao longo dos tempos, uma chama, ténue ou inflamada, foi-se mantendo, com jovens passando o «farol» (não o da Barra, magnífico miradouro sobre boa parte destas terras, mas em sentido figurado) de mão em mão.

Assinale-se aqui que em dois suplementos juvenis existentes em jornais da capital («Diário de Lisboa» e «República») pontificavam infantes da escrita aveirense, alguns deles hoje operativos em várias latitudes da actividade intelectual.

Assim acontece, ainda, nos tempos presentes. Temos aí agora um sinal de vida com a «Confraria de S. Gonçalo» a vir a público e batendo-se pelos seus «Aveirismos gastronómicos». Um livro nascido da actividade crítica seguida nas páginas de um periódico local, o «Litoral», e que foi dado à estampa com a sua chancela e prefaciado por Fernando Assis Pacheco - homem bairradino, portanto circunvizinho mas também veraneante da Murtosa e mui apreciador das virtudes da mesa e do copo, ambos do bom.

É um sinal de ânimo. Tanto mais que a produção havida, e agora reunida em volume, prima pelo estilo da crónica leve, adequada aos tempos presentes, embora em alguns casos dada a tresleitura - porque a ironia certamente confundirá muitos leitores.

Fernando Assis Pacheco sintetiza assim o volume: «Por trás de um simples e desenfastiado roteiro de restaurantes e similares pode ocultar-se uma leitura bastante crítica de quotidiano na penúltima década deste século».

E acrescenta: «Os confrades de S. Gonçalo tentam dar conta fiel do estado da oferta gastronómica na sua área de acção. Detectam mais de uma vez a rarefacção do peixe e do marisco, que um observador de outras paragens consideraria pouco menos que impensável; põem a nu o que em determinado passo qualificam de leviandade dos restauradores no que toca às garrafeiras, e a que apeteceria colar um rótulo mais vivo, o da indiferença ou da inépcia; e cauterizam a modestíssima intervenção estética, se em alguns dias não foi afinal puro acto de estragar, no arranjo interior das salas».

Eles, os confrades de S. Gonçalo, reuniram-se sistematicamente ao longo do tempo para provas em muito do que era sítio, de chuarrascarias a pizzarias, passando pelso restaurantes meramente comerciais. Testaram. Protestaram pelas falhas, todas, desde a existência de vinhos do Sul a par da ausência dos da Bairrada, ali tão à mão. Contestaram a adulteração das raizes locais, a ignorância e a indiferença. Alertaram para as muitas deficiências nos restaurantes e locandas onde se dá ao dente e a presença «aveirista» deveria ser uma constante (mas também indicaram caminhos para que a situação fosse melhorada). Valem uma página do «DL».

Mas o balanço não é famoso, convenhamos. De modo que, atravemo-nos ao balanço, se as coisas continuarem como estão Aveiro e a sua região não chegará longe. Que resista quem pode, e será o último a rir e a rir melhor.

À beira do mercado, uma chafarica chafariz

Aveiro é uma beleza. Dizemo-lo por muitos anos de convívio e amizade. A ria, aquela que se vive e cheira urbanamente, é melhor para quem se empenhe em conhecê-la fora de portas. Os restaurantes, esses, estão retratados no livro que serve de tema a esta página - «Aveirismos gastronómicos».

De velha data nos habituámos a algumas das casas que em Aveiro se empenhavam em servir com um mínimo de dignidade. Frequentadores da cidade quase sempre em trabalho, outras para uma caldeirada de enguias com o seu molho amarelo, não esquecemos a sopa de mar ainda possível, os belos peixes disponíveis, a pontinha das grandes carnes da Bairrada - chanfana e leitão, pois claro.

Desta feita, lido e relido o balanço da Confraria de S. Gonçalo, lá fomos testar o que não figurava ainda nas avaliações dos confrades. Cheirámos casas novas, verificámos algumas nossas conhecidas e outras já modificadas, conferimos ementas. Não basta, como se sabe, para chegar a conclusões. Arranhámos a porta do velho «Palhuça» com a sua sopa de caldeirada, verificámos que o Centenário continua mais a sua sopa de mar.

Vamos a factos. O local que nos coube em sorteio acabou por ser, supomos, o velho «Mercado do Peixe», mesmo em frente do dito, braços de ria a abraçarem-nos logo mais à frente - hoje chama-se o «Chafariz». Casa remodelada, um primeiro andar incaracterístico já que em baixo são os banquinhos do «snack». Decoração inexistente, negócio febril a determinar tudo.

Contudo, um esforço para que a ementa se não resuma ao que se encontra em qualquer ponto onde alguém tem tanta fome ou indiferença que não olha a quê. Por exemplo, lá figuram não só a caldeirada de enguias e o leitão da Bairrada - provados -, mas também a chanfana.

Ora, há que dizer: a caldeirada, com molho engrossado (farinha?) pareceu-nos que artificialmente, nem sequer fugia muito às regras, embora o velho unto aparecesse aqui como gordura destilada por bacon, aliás em amena confraternização com o que mais vinha na travessa; o leitão, meus senhores, é de todo impróprio, já não dizemos para Lisboa, mas ali é um escândalo. Não é nada da Bairrada, a pele era um tecido mole e sem «alma», não foi barrado nem bairrado. E as batatas, caramba, em terra delas, onde se sabe distinguir a que é para fritar, da de cozer ou assar, virem assim empapadas de gordura, penduradas de si próprias, uma espécie de minhocas feitas guarnição do adolescente (neste caso) porcino.

Estão a ver? Fizeram obras na casa mas deixaram estas coisas para depois. Não pomos mais na carta. Este «Chafariz» não merece que a gente lá meta o nariz. Tente um dos que já foram elogiados pela Confraria de S. Gonçalo...

Pequim condena a França por receber dissidentes chineses

A China protestou formalmente contra a decisão da França de autorizar a entrada no país de dois activistas chineses pró-democracia e de lhes permitir que façam declarações políticas. Segundo a agência noticiosa «Nova China», um responsável do Ministério chinês dos Negócios Estrangeiros, apresentou ontem um forte protesto ao embaixador francês, Charles Malo, em relação à admissão em França do estudante activista, Wuerkaixi e do intelectual dissidente, Yan Jiaqi. O protesto qualificava os indivíduos como «dois criminosos... procurados por incitar e organizar a rebelião contra-revolucionária». A França foi um dos vários países que condenaram fortemente a decisão chinesa de utilizar soldados e tanques para desalojar os manifestantes desarmados da Praça Tiananmen, em Pequim, no dia 4 de Junho. O governo chinês afirmou que foi necessário o uso da força a fim de esmagar uma «rebelião contra-revolucionária».

Segundo a «Nova China», o responsável do Ministério dos Negócios Estrangeiros protestou pelo facto de o canal de Telecisão «Antenne-2», pela agência «France-Presse» e por alguns jornais parisienses terem divulgado entrevistas com Wuerkaixi e Yan. Entretanto, o secretário-geral do Partido Comunista Chinês, Jiang Zemin, reiterou a manutenção da política de «um país, dois sistemas» por parte de Pequim face a Macau, Hong-Kong e a Formosa, condenando, simultaneamente, o «liberalismo burguês», anunciou a agência «Nova China». Jiang Zemin afirmou que as autoridades chinesas vão «reforçar a educação política e ideológica e emendar tendências ideológicas erradas embrionárias», segundo o despacho da agência oficial de Pequim. Os membros do Conselho Legislativo de Hong-Kong recomendaram ontem a visita de Margaret Thatcher ao território para a primeira-ministra britânica ver com os seus próprios olhos como a população local sente a questão da nacionalidade. Os conselheiros referiram que Margaret Thatcher se desloca em Outubro à conferência dos países da Commonwalth, que decorrerá em Kuala Lumpur, recomendando essa data para uma escala em Hong-Kong.

O encontro que o secretário de Estado dos Negócios Estrangheiros e Cooperação, Durão Barroso, manteve hoje em Luanda com o Presidente José Eduardo dos Santos, marca uma nova etapa do envolvimento do nosso país no processo de paz angolano.

Durão Barroso reuniu-se esta manhã com Eduardo dos Santos

Luanda pede auxílio de Portugal para mediar diálogo com a UNITA

José Eduardo dos Santos apelou hoje para a intervenção de Portugal no processo de pacificação interna angolana. Durante uma reunião com Durão Barroso, o Presidente angolano sugeriu a possibilidade de Portugal mediar as conversações entre o MPLA e a UNITA. À saída desta reunião, Durão Barroso afirmou aos jornalistas: "Depois disto venham dizer que Portugal não tem papel nenhum a desempenhar no processo de paz angolano".

José Eduardo dos Santos manifestou hoje a sua satisfação pela "solidariedade de Portugal", tendo declarado que "nos últimos tempos Portugal tem demonstrado uma atitude muito mais realista quanto a Angola".

Durante a reunião com Durão Barroso, secretário de estado português dos Negócios Estrangeiros e da Cooperação, Eduardo dos Santos declarou que "Portugal pode desempenhar um papel importante no processo de paz angolano".

Depois considerar como "um contributo importante" os esforços diplomáticos de Portugal no Zaire e no Congo, o líder angolano referiu-se implicitamente à UNITA e afirmou que "não é de excluír que Portugal possa também falar com todos os angolanos interessados no processo de paz".

Interrogado sobre as condições que Luanda coloca para o reinício das negociações de paz com a UNITA, o Chefe Estado angolano disse que "os acordos de Gbadolite prevêem a existência de uma comissão encarregada de estudar a reintegração dos elementos da UNITA".

Durão Barroso saíu satisfeito da reunião com o líder angolano, tendo declarado aos jornalistas que "a diplomacia portuguesa é discreta mas activa. Angola e os angolanos são capazes de chegar a um entendimento desde que não haja interferências externas".

Durão Barroso prossegue esta manhã vários encontros com ministros angolanos, regressando a Lisboa esta noite, após uma viagem que o levou ao Congo, Zaire e Angola.

Cimeira tripartida reunida em Luanda

Durante os últimos dias, Luanda tornou-se no centro das movimentações diplomáticas sobre a situação na África Austral.

Delegações de Cuba, África do Sul e Angola estão reunidas desde ontem para analizar o cumprimento dos acordos de Nova Iorque. Esta reunião, a que assistem como observadores delegações dos EUA e da URSS, serve apenas para passar em revista questões pendentes de anteriores encontros. Durante o discurso de abertura, o ministro angolano das Relações Exteriores afirmou não iria ser debatida nenhuma matéria que possa pôr em causa o cumprimento dos acordos de Nova Iorque. O director-geral do ministério sul-africano dos Negócios Estrangeiros, Neil Van Herdeen, defendeu a mesma ideia e disse esperar uma "reunião calma".

O ponto mais polémico deverá estar relacionado a Swapo. Os sul-africanos deverão apresentar uma reclamação pela alegada violação que a Swapo estaria a praticar por não se encontrar acima do Paralelo 16 (150 kilómetros a norte da fronteira com a Namíbia).

Entretanto, o vice-ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Anatoli Adamishin, afirmou ontem que acredita no êxito das negociações entre o MPLA e a UNITA. "Tudo dependerá da UNITA", referiu o diplomata soviético, que salientou haver uma grande abertura por parte das autoridades angolanas.

Anatoli Adamishin, que ontem esteve em Portugal seguindo esta madrugada para Luanda, salientou o papel que Portugal poderá vir a desempenhar no processo de paz em Angola. "Os portugueses conhecem a situação nesta região do globo e estão interessados na regularização pacífica da situação. A sua actuação pode ser bastante construtiva", disse o vice-menistro soviético responsável pelos assuntos africanos.

Pacto de Varsóvia: Gorbachev afirma que ca

CIMEIRA DE BU A PROGRESSOS

Os líderes do Pacto de Varsóvia assinaram hoje, no final de uma cimeira de dois dias, uma série de documentos que, disseram, abrirão caminho a progressos nas conversações com a NATO sobre armas convencionais. O Presidente soviético, Mikhail Gorbachev, foi o primeiro dos dirigentes dos sete países a assinar os documentos, no decorrer de uma cerimónia realizada no palácio presidencial de Bucareste.

Ontem, em discurso proferido durante o jantar oficial, Gorbachev disse que a cimeira tinha tomado importantes decisões que poderão aproximar as partes nas conversações iniciadas em Viena há quatro meses.

Durante a cimeira, Gorbachev insistiu com os seus pares para porem de lado as suas diferenças e concentrarem esforços para assumir uma política externa unificada e uma posição comum nas negociações com a NATO sobre controlo de armamentos.

Na sessão de encerramento da cimeira do Pacto de Varsóvia, ao fim da manhã, estava previsto um discurso de Nicolae Ceausescu, dirigente máximo da Roménia, o país anfitrião.

O líder soviético afirmou ontem, durante os trabalhos da cimeira, que os países do Pacto de Varsóvia são livres de seguirem o seu próprio caminho.

"Existe um novo espírito dentro do tratado de Varsóvia que segue em direcção a soluções indepdendentes para os problemas nacionais", disse Gorbachev no seu discurso, no primeiro dia da cimeira de Bucareste.

"Reconhecemos as características próprias de cada um dos nossos partidos e dos nossos povos no seu caminho para um socialismo democrático e um maior desenvolvimento", frisou o líder do Kremlin.

O Pacto de Varsóvia aparece mais dividido do que nunca nos 34 anos da sua existência, quando procura encontrar uma saída para resolver os enormes problemas económicos e a estagnação política que afectam os países do bloco socialista.

"Novos passos" para o diálogo

As mudanças políticas operadas na Polónia e na Hungria, que põem fim a quatro décadas de monopólio do Partido Comunista, têm sido fortemente criticadas pela Roménia, Alemanha de Leste e Checoslováquia, países liderados por comunistas da "velha guarda".

Mas, referindo-se aos acordos hoje assinados, Gorbachev afirmou que o Pacto de Varsóvia deu "novos passos" para promover a segurança europeia e o diá-

log
do
Pac
cad
dia
bac
psi
ult
do
ce
mo
tic
na
da
fo
do
br
a
se
Gu
Ce
ve
no
su
ac
ec
ção
mo
do
bo
pr
N
da
co
re
be
pa

Com a posse de Carlos Menem Argentina volta ao peronismo

O presidente eleito argentino, Carlos Menem, toma hoje posse, numa altura em que o seu país atravessa uma grave crise económica, social e militar. O presidente da Assembleia da República, Vítor Crespo, é o representante oficial português na cerimónia. Antes do juramento, a Assembleia Legislativa de 300 membros aceitou a renúncia do presidente Raul Alfonsin, da União Cívica Radical (UCR), que deveria abandonar o poder em 10 de Dezembro de 1989. O até agora governador da província de La Rioja, Carlos Menem — 54 anos, pertence ao parido peronista (oficialmente chamado Justicialista), que em 14 de Maio derrotou o candidato da UCR, Eduardo Angeloz, ao conseguir uma votação de 47 por cento nas eleições presidenciais da Argentina. A Argentina, país sul-americano com 2 780 000 quilómetros quadrados de superfície e mais de 31 milhões de habitantes, sofreu várias crises de 1929 até ao golpe de Estado de 1943. Tem no seu interior grandes colónias de emigrantes espanhóis, italianos e portugueses.

A.M.A Auto Monumental do Areeiro S.A.
Audi
CONCESSIONÁRIOS
AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA
Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

que cada país deve seguir a sua própria via

BUCARESTE «ABRE CAMINHO» OS NO DIÁLOGO COM A NATO

logo Leste-Oeste.

Nos últimos tempos tem havido uma nova atmosfera entre o Pacto de Varsóvia e a NATO, cada um procurando escutar e dialogar com o outro, disse Gorbachev.

"Mas continua a existir um psicose de guerra que temos que ultrapassar", disse, acrescentando que é "preciso reafirmar a necessidade de mudar das movimentações militares para as políticas".

O líder soviético, que chegou na quinta-feira à noite à capital da Roménia, vindo de Paris, informou os seus parceiros e aliados, na abertura da cimeira, sobre as transformações que estão a ocorrer na Europa e no mundo, segundo o porta-voz soviético, Guennady Guerasimov.

O Presidente romeno, Nicolae Ceausescu, um dos maiores adversários das reformas em curso nos outros regimes socialistas, sublinhou, por seu turno, que os acordos relativos à cooperação económica e social e à edificação socialista, aprovados na cimeira, reflectem a disposição dos países aliados em levar a cabo os planos de desarmamento, principalmente o nuclear.

Ceausescu exortou ainda a NATO a recusar a modernização das armas nucleares e a terminar com a política de intimidação, realçando a necessidade de estabelecer novas relações na Europa.

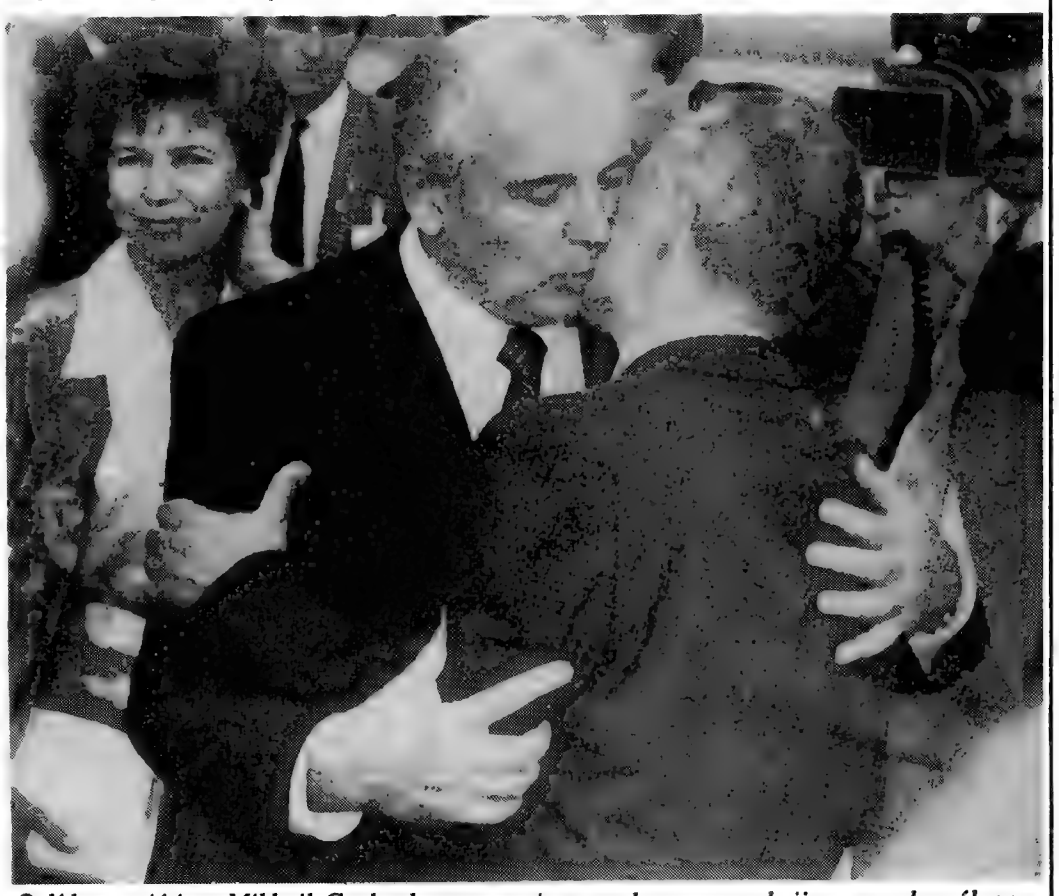
O líder da RDA, Erich Honecker, abandonou hoje a cimeira e regressou ao seu país, devido a doença, disseram fontes oficiais em Bucareste.

Os mesmos informadores revelaram que Honecker, de 77 anos, sentiu-se mal depois do jantar de ontem e passou a noite no hospital, após o que decidiu antecipar o seu regresso à RDA.

Reunião com Jaruzelski

Gorbachev reuniu-se ontem com o líder polaco, general Wojciech Jaruzelski, com quem trocou informações sobre política interna e externa da União Soviética e da Polónia.

Ao assinalarem as mudanças positivas registadas na situação europeia nos últimos tempos, Gorbachev e Jaruzelski defenderam o desenvolvimento da cooperação Leste-Oeste, tendo como principal objectivo a garantia da segurança dos países europeus.



O líder soviético, Mikhail Gorbachev, cumprimentando com um beijo o seu homólogo romeno, Nicolae Ceausescu, à chegada a Bucareste para participar na cimeira do Pacto de Varsóvia.

Visitas de Bush à Polónia e Hungria vão incentivar as reformas em curso

As visitas oficiais que o presidente norte-americano, George Bush, inicia amanhã, domingo, à Polónia e Hungria, irão incentivar as reformas em curso nos dois países, dando-lhes porventura o empurrão decisivo para a democracia.

Um mês e meio depois de ter estado na Europa, em visita à Itália, Bélgica — onde em finais de Maio participou na cimeira da Nato — Alemanha Federal e Grã-Bretanha, George Bush volta ao velho continente para duas visitas de Estado no bloco de Leste e uma reunião anual dos sete países mais industrializados do mundo, em Paris.

Bush, chega amanhã a Varsóvia para uma visita oficial de três dias à Polónia, que inclui uma deslocação a Gdansk, passando depois dois dias em Budapeste, na Hungria, antes de seguir para a capital francesa. Já no regresso aos Estados Unidos, previsto para dia 18, o presidente norte-americano ficará um dia na Holanda.

George Bush, cuja administração tem sido dominada pela prudência relativamente ao bloco de Leste, deverá manter em Varsóvia e Budapeste essa moderação, contrapondo aos apelos para o aprofundamento das reformas, nos discursos públicos, os incitamentos à procura de soluções que promovam a reconciliação nacional, nos contactos com os governos e as oposições.

«Vamos tentar ajudar o povo polaco a prosseguir com as reformas e manisfestar a muita amizade e afeição que os Estados Unidos têm pela Polónia, disse Bush, três dias antes da partida para Varsóvia.

Anteriormente, o presidente norte-americano havia apelado para a retirada total das forças soviéticas estacionadas na Polónia, iniciativa que o líder soviético, Mikhail Gorbachev, qualificou de propagandística e hostil em relação ao Kremlin.

«Bush pretende encorajar a abertura ao sector privado, e o estabelecimento de um sistema político pluralista e de uma sociedade aberta sem ter de espezinhar ninguém», disse um assessor da Casa Branca.

As autoridades norte-americanas deixaram, no entanto, claro que todo e qualquer auxílio económico dependerá do prosseguimento das reformas democráticas nos dois países, no sentido de adoptar uma economia de mercado, num sistema político de estilo ocidental.

«Não queremos fazer grandes incitamentos, nem prometer demasiado. Não pretendemos empurrar as pessoas para uma acção política que possa originar repressão», disse recentemnete em conferência de Imprensa o presidente norte-americano.

Bush, que será o primeiro presidente norte-americano a falar no parlamento polaco, onde cerca de metade dos representantes são membros do Solidariedade, deverá proferir uma saudação especial relativamente às eleições de Maio.

Observadores disseram que Bush deverá divulgar um plano multilateral para ajudar a reestruturar a dívida de 39 000 milhões de dólares da Polónia.

O escândalo da droga em Cuba

«Herói da revolução» vai enfrentar o pelotão de fuzilamento

O general Arnaldo Ochoa, herói da revolução cubana, ex-comandante das forças cubanas em Angola e na Etiópia e um dos militares mais condecorados do seu país, foi ontem condenado à morte, juntamente com outros três oficiais. Para além destes quatro, outros dez réus, todos oficiais do Exército e da Segurança de Estado, foram condenados a penas que vão de dez a 30 anos de cadeia devido à sua implicação em contrabando e tráfico de drogas por um tribunal de generais de três estrelas, após dois dias de deliberações. O ministro da Justiça, Juan Escalona, acusador no maior escândalo de Cuba desde a revolução de 1959, tinha pedido a pena de morte para sete dos 14 réus, argumentando que estes tinham «desafiado a credibilidade de Fidel de Castro», dado que o líder cubano negara sempre as acusações norte-americanas de ligações do seu país com o narcotráfico. Os 14 réus foram destituídos dos seus cargos após a sua detenção, em Junho, e todos confessaram ser culpados durante o julgamento de quatro dias. O chefe do departamento cubano de contra-espionagem afirmou, no seu depoimento, que ao permitir secretamente a entrada de narcotraficantes em Cuba, os acusados violaram a segurança nacional. Segundo a acusação, a ligação dos condenados com o grupo colombiano «cartel de Mèdellin» permitiu a passagem de 6000 quilos de narcóticos por território cubano nos últimos três anos. Na sua argumentação final, Escalona acusou os réus de terem «enterrado um punhal nas costas da nação e do povo» e disse que os seus crimes mais graves foram os actos hostis contra nações estrangeiras, numa alusão ao fluxo de drogas para os Estados Unidos. Durante o julgamento, foi dito no tribunal que Ochoa transaccionou açúcar, madeiras preciosas, diamantes, petróleo, marfim, rum e outros produtos no mercado negro em Angola para obter divisas. Por outro, foi anunciado que o Governo angolano reclama a Cuba o pagamento de cinco milhões de dólares, devido ao incumprimento, pelo general Ochoa, de uma encomenda feita pelo presidente José Eduardo dos Santos relativa à aquisição de vários aviões militares e peças de artilharia. Para além do general Ochoa foram condenados à morte o seu ajudante, capitão Jorge Martinez, o coronel António de la Guardia e o major Amado Padrón, que estava sob o seu comando. Eduardo Diaz, António Sanchez e Alexis Lago, para os quais a acusação pedira também a pena máxima, foram condenados a 30 anos de prisão.

Israel: incidente com autocarro dá origem à violência

A ira israelita devido à morte de 14 pessoas que seguiam num autocarro, motivada por um palestiniano, transformou-se ontem em violência quando manifestantes de direita atacaram o vice-primeiro-ministro Shimon Peres e confrontaram-se com Polícia em Jerusalém. Testemunhas afirmaram que pessoas que participavam nas cerimónias fúnebres atacaram Peres, líder do Partido Trabalhista, na cidade de Sanhedria, e os homens da segurança só a custo o conseguiram retirar. Peres considerado transigente. A Polícia lançou granadas de gás lacrimogéneo para dispersar os agitadoress judeus que tentara linchar o motorista árabe de um camião da construção. Por todo o lado na cidade, cerca de 300 apoiantes do rabi extremista Meir Kahane, gritando «vingança» e «morte aos árabes» fizeram frente à Polícia. Grandes unidades da Polícia patrulham, entretanto, Jerusalém num esforço para evitar represálias sobre palestinianos.

Bhutto e Thatcher discutem conflito do Afeganistão

A primeira-ministra britânica, Margaret Thatcher, e a sua homóloga paquistanesa Benazir Bhutto, decidiram ontem pressionar uma solução política para o conflito no Afeganistão, durante uma reunião em Londres. A «Dama de Ferro» britânica e a primeira-ministra paquistanesa reuniram-se durante cerca de uma hora na residência de Thatcher, tendo analisado várias questões internacionais, anunciaram os seus porta-vozes.

Entretanto, os rebeldes afegãos anunciaram que resistiram a uma ofensiva das tropas governamentais depois de terem perdido uma importante guarnição nos arredores da cidade de Jalalabad. O governo afegão anunciara anteriormente que as suas tropas, apoiadas pela aviação e artilharia pesada, tinham lançado nos últimos dois dias um ataque que obrigou os rebeldes a retroceder para Sul e Sueste.

URSS: recomeçaram os confrontos em Nagorno-Karabakh

Habitantes da Arménia e do Azerbaijão envolveram-se em tiroteio no território de Nagorno-Karabakh, ao mesmo tempo que tentavam lançar fogo a vários edifícios, informou ontem a agência soviética Tass. Esta refere que membros dos dois grupos étnicos — que há ano e meio lutam entre si — entraram em confrontos e tiroteio, na quinta-feira à noite, tendo utilizado armas de caça e tentado lançar fogo a habitações e edifícios públicos em Kirkijan, nos arredores de Stepanakert, capital do Nagorno-Karabakh. Segundo a Tass, não houve vítimas. Apenas um arménio e um cidadão do Azerbaijão ficaram ligeiramente feridos.

Nápoles: o recorde-vergonha

A União Europeia de Futebol (UEFA), rejeitou um recurso do Napóles relativo à multa de 100 mil francos suíços (cerca de 10 mil contos) por mau comportamento do seu público. O castigo imposto pela UEFA referiu-se ao comportamento dos «tiffosi» na 1.ª mão da final da Taça UEFA, que o Nápoles venceu na época passada.

Um comunicado da UEFA informa que o clube italiano voltou a alegar que o lançamento de foguetes e bombas de fumo para o campo é um costume dos seus adeptos. Após uma reunião de duas horas, a UEFA também decidiu fazer o Nápoles pagar 20 mil francos suíços (cerca de 2000 contos) por custas do recurso.

A multa de 100 mil francos suíços foi imposta na época passada ao Nápoles, sempre devido ao comportamento dos seus adeptos. Ao pagar um total de 175 mil francos suíços de multas (cerca de 17 500 contos), o Nápoles estabeleceu um recorde na história de 35 anos da UEFA.

ESPECIAL FÉRIAS/89
no HOTEL DO PARQUE

☆☆☆☆

VIANA DO CASTELO
COSTA VERDE

O Hotel do Parque em Viana do Castelo elaborou para si um atractivo programa especial «Férias 89» oferecendo-lhe a possibilidade de gozar as suas melhores férias de sempre no coração do Alto Minho e no sossegado ambiente das suas 4 Estrelas, Piscinas, Bares, Sala de Jogos, etc.

Preços p/pessoa em quarto duplo c/peq. almoço incl.

OUTUBRO

Programa 1: **13 950$00** — 6 noites/7 dias c/entrada DOMINGO e saída SÁBADO.

Programa 2: **16 975$00** — 7 noites/8 dias. Entrada a qualquer dia.

JULHO, AGOSTO, SETEMBRO

16 500$00— Programa 1 **19 950$00** — Programa 2

- Peq. Suplemento p/ocupação single
- 1 a 31 de Agosto supl: **1100$00**/dia/quarto em qualquer modalidade

Peça-nos programa detalhado «ESPECIAL FÉRIAS 89», por escrito para CP 4900 ou telef. (058)24151/5, Telex 32511 HOPARC P ou no seu AGENTE DE VIAGENS

V.220

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 6.º JUÍZO

ANÚNCIO

Dr. Vítor Manuel Pinto Ferreira Mesquita, Meritíssimo Juiz de Direito da 3.ª Secção do 6.º Juízo Cível da Comarca de Lisboa.

FAZ SABER que, pela 3.ª Secção desde 6.º Juízo Cível de Lisboa, nos autos de Acção Especial de Despejo com o n.º 5139, que Adelaide Conceição Mafra Salgado move contra FRANCISCO SERAFIM BRITO PALMA e mulher ARMINDA BRITO PALMA, com última residência conhecida na Rua Caldas Xavier, n.º 49 — 1.º Esq.º em Odivelas, correm éditos de 30 dias citando os réus, para comparecerem neste Juízo a fim de se proceder à tentativa de conciliação a que se reporta o art.º 972.º do C.P. Civil que terá lugar no dia 28 de Setembro próximo, pelas 11 horas, designada nos presentes autos e onde a autora pede que, nos termos do disposto no art.º 1093.º, n.º 1, al. b), c), f) e i), do Código Civil, seja o co[illegible]trato resolvido e, consequentemente o[illegible]s réus condenados a despejar o arrenda[illegible].

Se os citandos compare[illegible]am ou se fizerem representar por manda[illegible]rio com poderes para o acto, terão o pra[illegible]o de 10 dias, a contar da tentativa de c[illegible]nciliação, se esta se frustrar, para conte[illegible]tar a referida acção. Se não houver co[illegible]parência por parte dos réus, o prazo para contestar (10 dias) será contado após decorrido o prazo dos éditos, 30 dias, que começarão a contar-se da data designada para a tentativa de conciliação, sob pena de, não comparecendo e não contestando, o processo seguir até julgamento.

O duplicado da petição inicial e documentos encontram-se arquivados na secretaria e serão entregues logo que solicitados.

Lisboa, 89.06.12

O Juiz de Direito,
(Vítor Manuel Pinto Ferreira Mesquita)

A Escrivã Adjunta Int.ª
(Beatriz Fernanda Marques Ribeiro Mendonça)

«DL» 8/7/89 — 2.ª Pub.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE SETÚBAL

ANÚNCIO

FAÇO saber, que nos autos de Execução Sumária n.º 41/88, que correm seus termos por este Tribunal, 2.º Juízo, 1.ª Secção, em que são exequente — UNIÃO DE BANCOS PORTUGUESES, S.A. e executados — VASCO JOSÉ ESPÍRITO SANTO DA COSTA ROSA e MARIA OLGA MARTA DO ESPÍRITO SANTO, residentes na Praça do Brasil, n.º 25-2.º frente, em Setúbal, se encontra designado o dia 26 de Setembro de 1989, pelas 14 horas, para a Arrematação em Hasta Pública, dos bens móveis que a seguir se descriminam, os quais serão arrematados ao maior lanço oferecido acima dos valores das respectivas avaliações:

BENS A VENDER

Duas estantes com 3 elementos cada, sendo uma ainda com cristaleira; um jarrão de Sacksuma; dois candeeiros e um pote de louça preta, tipo chinês; um televisor marca «Blaupunkt»; um carrinho de chá; um conjunto de sofás; e um quadro a óleo.

É depositária dos referidos bens, a executada — Maria Olga Marta do Espírito Santo, residente na morada já acima referida.

Setúbal, 27 de Junho de 1989

O Juiz de Direito,
Germano António Reis da Fonseca

O Escrivão Adjunto,
Maria da Conceição C. Farinha de Melo

«DL» 8/7/89 — 2.ª pub.

WIMBLEDON: EDBERG MANDA MCENROE PARA CASA

O sueco Stefan Edberg terminou com as ambições do norte-americano John McEnroe, ao vencê-lo na 1.ª meia-final do Torneio de Ténis de Wimbledon, marcado pelas interrupções provocadas pela chuva. Edberg (actual campeão e cabeça-de-série número dois) derrotou McEnroe (cabeça-de-série número cinco) em apenas três «sets» com os parciais de 7-5, 7-6 (7-2) e 7-6 (7-5).

A chuva que obrigou à suspensão da partida por mais de três horas, impediu também a realização da outra meia-final entre o checo Ivan Lendl (cabeça-de-série número um) e o alemão-federal Boris Becker (cabeça-de-série número três), adiando-a assim para hoje.

A vitória de Edberg, que esteve ao seu melhor nível, assinalou (sobretudo) o termo da 1.ª grande manifestação de McEnroe num torneio do «Grand Slam», depois de cinco anos longe das meias-finais. Superconcentrado e mais frio que nunca, o jogador sueco provocou sempre o norte-americano, obrigando-o a cometer alguns erros nos momentos mais decisivos, nomeadamente no capítulo do primeiro serviço, habitual trunfo de McEnroe, três vezes vencedor do Wimbledon (1981, 1983 e 1984) que não conseguiu concretizar as suas anunciadas esperanças antes do início do torneio, quando revelou a pretensão em conquistar o título pela 4.ª vez: «Podia ter servido bastante melhor, mas não consegui fazê-lo como desejava» afirmou McEnroe, que bateu Edberg já por sete vezes, mas nunca o tinha defrontado em piso de relva.

Para além da meia-final de singulares, o dia chuvoso de ontem em Wimbledon permitiu a qualificação dos finalistas femininos na variante de pares, com as duplas checoslovacas e soviéticas a imporem-se às suas adversárias. Jana Novtona e Helena Sukova (Checoslováquia) derrotaram o par constituído por Martina Navratilova e Pam Shriver (Estados Unidos) com os parciais de 7-6 (7-4) e 7-5. As soviéticas Larisa Savchenko e Natalia Zvereva venceram a dupla formada pela australiana Nicole Provis e a sul-africana Elna Reinach por 6-2 e 6-2.

Hoje, disputam-se as finais de singulares masculinos e femininos, esta útlima entre a alemã-federal Steffi Graf e a norte-americana Martina Navratilova, as duas primeiras cabeças-de-série.

Entretanto, a dupla constituída pelos norte-americanos Rick Leach e Jim Pugh qualificou-se para a final em pares. Leach e Pugh (cabeças-de-série número um) derrotaram, na meia-final, o par formado pelo argentino Javier Frana e pelo mexicano Leonardo Lavalle, com os parciais de 6-3, 6-3 e 6-4.

A dupla norte-americana aguarda agora o resultado da outra meia-final entre o par constituído pelo australiano John Fitzgerald e o sueco Anders Jarryd e a dupla formada pelos norte-americanos Ken Flach e Robert Seguso. A partida Fitzgerald / Jarryd e Flach / Seguso, foi interrompida por deficiente iluminação, quando o resultado assinalava um empate em «sets»: 6-4 para Flach e Seguso e 6-2 para Fitzgerald e Jarryd.

Graf e Navratilova: a mesma ambição

Steffi Graf e Martina Navratilova, as duas melhores jogadoras mundiais, vão hoje lutar desesperadamente pela vitória em Wimbledon na final de singulares femininos, o que acontece desde há três anos. Mas as suas razões são diferentes: Para Graf (que venceu em 1988 o Grand Slam, mas perdeu o Open de França, há três semanas, para a espanhola, Arantxa Sanchez) uma segunda vitória consecutiva em Wimbledon, sobre Navratilova, dar-lhe-ia, de novo, a total supremacia. Para Navratilova (32 anos) a final deste ano pode representar a sua última possibilidade de quebrar o recorde de oito títulos em singulares, alcançados pela americana, Helen Wills Mooddy (em 1938) e igualados por Navratilova quando bateu Graf há dois anos.

Quero ganhar a qualquer preço e Graf também. Será um grande desafio para qualquer de nós, disse a ex-checoslovaca.

A tenista alemã-federal perdeu a aura da invencibilidde há três semanas (em Paris) mas, em Wimbledon, qualificou-se para a final sem perder um único «set». Graf bateu na meia-final outra veterana e antiga campeã de Wimbledon (Chris Evert), por 6-2 e 6-1, naquela que foi a pior derrota para Evert, em 18 anos de presenças no torneio londrino.

Graf, que esta ano já conquistou sete torneios (incluindo o Open da Austrália), perdeu apenas 20 jogos ao longo do torneio e apenas teve problemas uma vez, perante a espanhola Sanchez, vencendo o primeiro «set» por 7-5: **«ganhei tudo muito facilmente«** disse Graf, com um ar confiante, acerca dos seus anteriores jogos.

Enquanto isso, Navratilova mostrou-se um pouco nervosa no jogo da meia-final com Catarina Lindqvist, levando a jogadora sueca a comentar: **«ela (Navratilova) «estava a pôr mais pressão sobre si própria que em mim. Eu sabia quanto ela estava a lutar para chegar à final.»**

Taça Galea: Portugal perdeu

A selecção portuguesa de ténis perdeu no Estoril, por 3-0, com os EUA na final do grupo B da Taça Galea, ficando afastada da fase final da competição, que começa na segunda-feira na cidade francesa de Vichy.

Bernardo Mota foi o português que esteve mais perto de vencer uma partida, mas acabou por perder o 3.º e decisivo «set» por 6-2, após ter estado a vencer por 2-0. O tenista português tinha já sido derrotado no «set» inicial (por 6-3) mas realizou uma boa recuperação no segundo «set», salvando um «match point», e vencendo por 7-5, após ter estado a perder por 5-2.

Na outra partida de «singulares» o norte-americano Steve Brian derrotou José Mário Silva por 2-0 (6-0 e 6-1), enquanto no jogo de pares, a dupla formada por Steve Brian e John Yanciy venceu os portugueses João Couto e Paulo Coelho também por 2-0 (6-1 e 6-4).

Olaias: finalistas

Pedro Cordeiro e José Nunes disputam hoje a final do Open das Olaias, após terem derrotado Manuel de Sousa e Sotero Rebelo, respectivamente, nas meias-finais, realizadas nos «courts» do Olaias Clube. Pedro Cordeiro venceu Manuel de Sousa, por 2-0 (6-4 e 6-2), enquanto José Nunes eliminou Sotero Rebelo, ganhando também por 2-0 e com parciais idênticos. O Open das Olaias distribui um prémio monetário total de mil contos e a sua final será disputada a partir das 17 horas de hoje.

Wimbledon: Mayotte multado

O norte-americano Tim Mayotte, eliminado pelo sueco Stefan Edberg nos quartos de final do torneio de ténis de Wimbledon, foi multado por ter atirado a raqueta ao chão. Mayotte, conhecido por «gentleman Tim», perdeu a sua habitual compostura e lançou furiosamente a raqueta ao chão quando o árbitro rejeitou o seu protesto contra um serviço de Edberg, no «tie-break», e que deu ao sueco (actual campeão de Wimbledon), a vantagem de 12-11. Mayotte protestou vigorosamente: o juiz manteve a sua decisão, e o tenista lançou a raqueta ao solo, o que lhe custou 500 dólares (cerca de 80 contos).

«Estrelas» brilharam em Vale do Lobo

Mais de 2000 pessoas assistiram ontem em Vale do Lobo (Loulé, Algarve) a um jogo de futebol particular em que alinharam conhecidos «internacionais» portugueses e estrangeiros com destaque para Gomes, Carlos Manuel, Lima Pereira, Ronald Koeman e Frank Miu. O jogo das «estrelas» acabou com um resultado de 5-4 favorável à equipa de Vale do Lobo, com Gomes em grande plano (a marcar dois golos) a que se juntaram Diamantino, Koeman e Alhinho Júnior, com um golo cada. Na equipa adversária, em que pontificavam Carlos Manuel, Frederico e João Pinto, os golos foram marcados por Parente, Jorge Silva, Pedro Xavier e João Pinto.

Pela equipa de Vale do Lobo actuaram: Paulino (Olhanense), Luís Norton de Matos, Ronald Koeman (ex-PSV), Lima Pereira (ex-Porto), Paulo Chaves, Sousa (ex-Porto), Shéu (Benfica), Jaime (Belenenses), Gomes (ex-Porto), Torres (Portimonense), Frank Mill (Borússia de Dortmund), Diamantino (Benfica), Carlos Pereira (Farense), Sobrinho (Belenenses), Inácio (ex-Porto) e Alhinho (Académico de Viseu).

A equipa adversária alinhou com Padrão, Casaca, Frederico, Valério, Jaime, João Pinto e Parente (todos do Boavista), Carlos Xavier e Carlos Manuel (ambos do Sporting), Jorge Silva e Juanito (Belenenses), Dito (Setúbal), Resende e Eugénio (Farense) e José Luís (Marítimo).

Carlos Valente foi o árbitro do jogo e no banco dos treinadores estiveram Torres (Portimonense) e Toni (Benfica), pelo lado de Vale do Lobo e Alves (Estrela da Amadora) e Victor Manuel (Braga) pela equipa adversária.

O jogo «mesmo a brincar» teve pormenores de bom nível futebolístico e golos de classe, entre eles os de Gomes, João Pinto e do holandês Koeman (ex-PSV Eindhoven), agora transferido para o Barcelona por 1,4 milhões de contos).

Esta manhã, «bronca» entre os «cartolas» do futebol

Fernando Pedrosa (Setúbal) abandona trabalhos divergindo do critério da mesa da assembleia

Fernando Pedrosa (presidente da Associação de Futebol de Setúbal) abandonou hoje os trabalhos da assembleia geral da Federação e pediu a demissão do presidente da mesa da assembleia geral (Fernando Raimundo Rodrigues) acusando-o de «prepotente». O incidente ocorreu cerca de duas horas depois do início dos trabalhos e o presidente da Associação de Futebol de Setúbal acusou ainda Raimundo Rodrigues de «não reunir condições para presidir a assembleias gerais».

Tudo aconteceu quando, na discussão da alteração dos estatutos, Fernando Pedrosa pediu para intervir (no que foi seguido por Adriano Pinto) mas Raimundo Rodrigues resolveu dar primeiro a palavra ao presidente da Associação de Futebol do Porto (Adriano Pinto). Pedrosa reagiu, Raimundo Rodrigues mandou-o sentar e justificou ter dado a palavra a Adriano Pinto, porque este «tinha o direito de resposta».

Indignado, Fernando Pedrosa levantou-se e saiu da sala, comentando, depois, para os jornalistas, que «as vozes que se levantam contra os dirigentes da Federação são incómodas».

O presidente da Associação de Setúbal disse que a sua Associação estava contra a proposta de eleger 11 elementos para a direcção da FPF, «quando na prática só três têm poder decisório».

Fernando Pedrosa, que acusou Raimundo Rodrigues de não tratar todas as associações da mesma forma, lamentou «ter sido obrigado a abandonar uma assembleia que vai tratar de assuntos importantes para o futebol», mas salientou que «assim não vale a pela continuar».

Não pode perder de ver!

O MELHOR ANDEBOL DO MUNDO VEM MOSTRAR-SE À GENTE

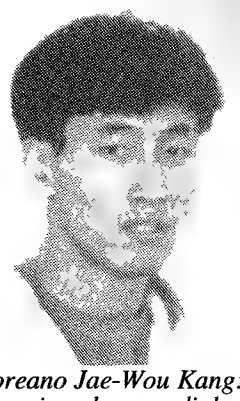
As comemorações do 50.º aniversário da Federação Portuguesa de Andebol têm hoje, às 18 horas, no pavilhão Paz e Amizade (em Loures) o seu ponto alto com a realização de um jogo entre a selecção nacional A e a do Resto do Mundo, constituída pelos 14 melhores jogadores mundiais, segundo o critério do treinador jugoslavo Ivan Snoj e depois convidados pela Federação Internacional de Andebol.

A Federação Portuguesa (como fundadora da Federação Internacional) foi contemplada com este jogo, mercê do trabalho (reconhecido internacionalmente) que tem vindo a realizar e do apoio prestado pela Câmara Municipal de Loures. Ontem, as duas selecções treinaram durante 40 minutos, no Pavilhão Paz e Amizade, com o resultado favorável à selecção mundial, por 26-16, mas o que mais impressionou foi o nível técnico evidenciado pelos visitantes, de onde se devem destacar o sul-coreano Jae-Won Kang, o soviético Alexander Karchakevich e o húngaro Mihaly Ivancsik. E foi pena não se ter observado a elevada craveira do guarda-redes jugoslavo Mirko Basic, que chegou tarde devido a problemas com o avião.

Para além do jogo de hoje (que será transmitido directamente pela televisão portuguesa e por outras televisões europeias) haverá uma cerimónia protocolar: a entrega do prémio do «Melhor Jogador do Mundo», curiosamente a dois jogadores sul-coreanos que encantaram com a sua técnica durante os últimos Jogos Olímpicos: Jae-Won Kang e Hyun Mee-Kim. O primeiro fez parte da equipa que conquistou a medalha de prata e o segundo a medalha de ouro, em Seul.

Para registo, aqui ficam os nomes dos jogadores das duas equipas que logo vão deliciar os espectadores que forem ao pavilhão Paz e Amizade ou aqueles que preferirem ficar em casa diante do televisor:

O ponta esquerda soviético Karchakevich



O coreano Jae-Wou Kang: o melhor jogador mundial

Resto do Mundo: Thiel (RFA), Basic (Jugoslávia) e Medard (França), guarda-redes; Novak (Checoslováquia), Hajas (Suécia) e Karchakevich (URSS), pontas esquerdas; Ivancsik (Hungria), ponta direita; Mathiesen (Islândia), central; Muñoz-Melo (Espanha), Tzucynski (Polónia), Frank-Michael Wahl (RDA), Martin Rubin (Suíça), Dumitru (Roménia) e Jae-Won Kang, laterais. São todos jogadores com mais de 1,80 m e o mais alto (1,98) é o suíço Martin Rubin. Quanto a internacionalizações, destaque para o alemão democrático Wahl, com 286 e para o islandês Mathiesen, com 224.

Portugal A: Santa Bárbara (FC Porto), Carlos Ferreira (Académico de Braga) e António Figueiredo (Académico de Braga), guarda-redes; Miguel Fernandes (Belenenses), João Duarte (Benfica), Jorge Rodrigues (Académico de Braga), Alberto Cabaço (Sporting), José Cabaço (Clube TAP), Mário Macedo (Académica de Coimbra), Rui Ferreira (Sporting), António Leite (Sporting), Miguel Galambas (V. Setúbal), Carlos Resende (FC Porto), José Santos (FC Porto), Luís Garrett (Benfica), Luís Gomes (Belenenses), Paulo Carneiro (Francisco Holanda) e Armando Pires (Benfica).

No cartaz deste embate, o oitavo da história do andebol internacional em que intervém uma selecção do «Resto do Mundo», a Federação Portuguesa de Andebol elaborou o seguinte programa: 16 horas, jogo entre as selecções de iniciados masculinos de Braga e de Setúbal; 17 e 15, exibição de uma classe de ginástica feminina do Benfica; 18 horas, jogo entre Portugal e Resto do Mundo. Um minuto antes do início do jogo serão entregues os troféus aos «melhores jogadores do Mundo, escolhidos por votação pela Associação Internacinal dos Jornalistas Desportivos (AIPS), que (como dissemos) são os sul-coreanos Jae-Won Kang e Hyun-Mee Kim.

Para arbitrar o jogo mais importante estão em Portugal os juízes que constituem a melhor dupla mundial e foram escolhidos pela federação internacional: Rauchfuss e Buchda, ambos da RDA.

De salientar que os prémios aos dois coreanos que fascinaram milhões durante as Olimpíadas de Seul têm o directo apoio da Adidas, representada no nosso País pelo dr. Luis Feist, juiz «internacional» de râguebi e nosso prezado colaborador. Quanto aos laureados, Jae-Won Kang tem 24 anos, é canhoto, fez parte da equipa principal da Coreia do Sul nos Jogos Olímpicos de Los Angeles e foi por três vezes o rei dos marcadores no Campeonato Mundial de Itália (juniores) em 1985, Campeonato do Mundo da Suíça (em 1986) e por último nos Jogos Olímpicos de Seul, onde desempenhou um papel importante na conquista da medalha de prata que o seu país ganhou. É um jogador que reúne as qualidades defensivas e de orientação dentro da equipa e que o tornam um dos executantes mais extraordinários do Mundo. Por seu lado, Hyun-Mee Kim, apenas com 1,75m estreou-se em 1985 no Campeonato Mundial de Juniores, disputado no seu país. Na final, presenciada ao vivo por mais de 20 mil espectadores (a Coreia perdeu à tangente com a União Soviética) no Campeonato Mundial de 1986 (na Holanda) e nos Campeonatos de Juniores em 1987 (na Dinamarca) foi a melhor marcadora nos últimos Jogos Olímpicos, tornou-se a principal responsável pela conquista da Melhada de Ouro para o seu país

Entretanto, sabe-se que a selecção portuguesa que vai ao campeonato mundial no próximo ano na Islândia, será **«a mesma que hoje jogará frente à selecção do Resto do Mundo»**, anunciou o seleccionador nacional Costache Mircea: **«São este jogadores que vão fazer a preparação para o mundial de Abril do próximo ano e, de entre estes sairá a constituição da equipa principal:**, salientou Mircea.

O técnico romeno falava durante a apresentação à Imprensa do jogo que oporá hoje a selecção de Portugal a um conjunto que engloba alguns dos melhores jogadores mundiais. Mircea adiantou que os 86 dias de preparação de que irá dispor com esta equipa até à Islândia não o satisfaz, mas o planeamento realizado pela equipa técnica da federação está **«condicionado ao campeonato nacional»**, como reconheceu Luís Santos (presidente da FPA), que não deixou de acentuar que **«o tempo de que vamos dispor para a selecção já envolve um grande esforço por parte dos clubes»**.

Quanto aos «indisponíveis» (aqueles jogadores que estão a ser alvo de um inquérito federativo, por terem pedido dispensa do Torneio de Loures, em Fevereiro último), a situação tornou-se mais clara pois, seja qual for o veredicto final, são atletas com que a equipa técnica portuguesa já não conta.

Quanto ao jogo de hoje (organizado conjuntamente pela FPA e pela Câmara Municipal de Loures), Luís Santos alertou para o facto **«de que esta selecção mundial reúne pela 7.ª vez em toda a existência da Federação Internacional de Andebol. Isto só é possível devido ao trabalho e aos contactos que temos vindo a desenvolver«** — acrescentou Luís Santos, que informou da despesa inerente a esta organização, **«entre quatro e cinco mil contos»**.

A selecção do «Resto do Mundo»

A turma principal de Portugal

Por seu turno, um dos seleccionadores da equipa mundial, (o jugoslavo Ivan Snoj), esclareceu que **«estes jogadores foram escolhidos numa fase inicial, seguindo o sistema de 14 jogadores de 14 países diferentes, fazendo-se depois as devidas alterações, em conjunto com a IHF (Federação Internacional de Andebol). Espero um grande jogo: e acho que a equipa portuguesa vai fazer tudo para vencer contando com um técnico do gabarito de Costache Mircea. Creio que o andebol português poderá evoluir muito»**, adiantou Snoj.

Na conferência de Imprensa, esteve presente para além do representante da Câmara Municipal de Loures (Marques Ribeiro), um delegadoo da Câmara Municipal de Lisboa (o ex-futebolista Artur) e o tesoureiro da FIA (o alemão-federal Rudi Glock).

MODALIDADES

Hóquei em patins: nossa selecção

Aa selecção portuguesa de hóquei em patins que, de 26 a 30 do corrente, participará nos 3.ºs Jogos Mundiais, em Karlsruhe (RFA) já está constituída, tendo o seleccionador/treinador nacional, Carlos Dantas, escolhido os seguintes 10 jogadores:

- **Guarda-redes:** Franquelim Pais (FC Porto) e António Chambel (Turquel).
- **Defesas/médios:** António Alves (FC Porto), Pedro Trindade (Sporting), Carlos Realista (FC Porto) e Paulo Almeida (Benfica).
- **Avançados:** Vítor Hugo (FC Porto), Luís Ferreira (Benfica), António (Tó) Neves (FC Porto) e Luís Nunes (Novara-Itália).

Torneio de Alverca

O Futebol Clube do Porto goleou o St. Omer (de França) por 13-2 em jogo da 4.ª jornada do Torneio Internacional de Alverca, em Hóquei em Patins, na categoria de infantis. Em juvenis, o Macarena derrotou o Leiria (5-4) enquanto a turma do Hulser (RFA) venceu a Associação Académica por 5-4, na classe de iniciados. Na categoria de escolas (1.º escalão) o Campo de Ourique bateu o Sporting de Torres Vedras, por 2-0.

Na sua agenda

Atletismo: numa organização da Casa do Povo local, efectua-se amanhã, pelas 16 e 30, o 6.º Grande Prémio de Castanheira de Pêra, para concorrentes infantis, iniciados, federados, populares e veteranos (masculinos ou femininos). Há valiosos prémios em disputa. O patrocínio tem assinatura da Câmara Municipal da Vila de Castanheira de Pêra.

VOLEIBOL: amanhã, pelas 17 e 30, em Espinho, realiza-se o jogo Académica de Espinho-Sporting, na final da Taça Federação.

HÓQUEI EM PATINS: Disputam-se hoje os jogos das meias-finais da taça de Portugal, ambos pelas 21 horas. Na Nave de Alvalade, tem lugar o Sporting-Paço de Arcos (arbitrado pelo lisboeta Vitor Rocha) enquanto no Pavilhão das Antas o juiz escalabitano Horácio Abreu dirige o Porto-Cucujães. A final da prova processa-se no sábado (15) em Oliveira do Hospital.

Informação

CP — CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

LINHA DE CASCAIS
AVISO

ALTERAÇÕES AO HORÁRIO

Por motivo de obras na gare descendente em Algés, a partir da próxima 2.ª-feira, dia 10 de Julho, e durante cerca de dez semanas, serão suprimidos todos os comboios procedentes e com destino a Algés e todas as circulações com destino ao Cais do Sodré circularão pela Linha Central.

Por este motivo os comboios n.ºs 19 801, 19 803 e 19 805, com partidas de Cais do Sodré às 08h 04m, 08h 19m e 08h 34m, passam a partir respectivamente às 08h 02m, 08h 17m e 08h 32m e efectuam paragem em todas as estações até Oeiras. Do mesmo modo os comboios n.ºs 19 800, 19 802, 19 804, 19 806 e 19 808, com partidas de Oeiras às 07h 36m, 07h 51m, 08h 06m, 08h 21m e 08h 36m, passam a efectuar paragem em todas as estações até Cais do Sodré.

A CP pede a compreensão dos senhores passageiros, na convicção de que os trabalhos em curso virão melhorar a qualidade do nosso serviço.

Responsável pela informação:
Dr. Américo Ramalho
Divisão de Relações Públicas da CP

Caminhos de Ferro Portugueses

«11.º Grande Prémio Internacional de Torres Vedras/Troféu Joaquim Agostinho»

MARCO CHAGAS: CAMPEÃO RESISTE A TODOS OS ATAQUES

Serafim Vieira e Marco Chagas

O espanhol Alfonso Gutierrez (da Teka) venceu ao «sprint», a 2.ª etapa do Grande Prémio Internacional de Ciclismo de Torres Vedras/Troféu Joaquim Agostinho, disputada entre Azambuja e Benavente. Marco Chagas (do Louletano/Vale do Lobo), cortou a meta na 8.ª posição com o mesmo tempo do vencedor, mantendo assim a camisola amarela.

Classificação dos dez primeiros na etapa: 1.º Alfonso Gutierrez (Teka), 3.59,22 horas; 2.º Paulo Pinto (Sicasal / Torreense), m.t.; 3.º Francisco Carvalho (Aqualine / Mirage / Olhanense), m.t.; 4.º Viriato Duarte (Ruquita /Philips / Feirense), m.t.; 5.º Jorge Silva (Sicasal/Torreense), m.t.; 6.º Luís Moreira (Ruquita/Philips/Feirense), m.t.; 7.º Carlos Marta (Vigor/Lousa), m.t.; 8.º Marco Chagas (Louletano/Vale do Lobo), m.t.; 9.º António Alves (Boavista/Recer), m.t.; 10.º Manuel Neves (Sicasal/Torreense), m.t..

Classificação geral: 1.º Marco Chagas (Louletano/Vale do Lobo), 9.02.35 horas; 2.º Delmino Pereira (Boavista/Recer), a 8 s; 3.º Serafim Vieira (Louletano/Vale do Lobo), m.t.; 4.º Viktor Skundnyi (Belarus/URSS), m.t.; 5.º Juan José Martinez (Teka), a 10 s; 6.º Joaquim Gomes (Sicasal/Torreense), m.t.; 7.º Acácio Freitas (Louletano/Vale do Lobo), a 12 s; 8.º Carlos Pereira (Ruquita/Feirense), m.t.; 9.º Carlos Moreira (Boavista/Recer), a 13 s; 10.º Vítor Teresinho (Grundfos/Sangalhos), m.t..

Prémio da Montanha: 1.º Delmino Pereira (Boavista/Recer), 15 pontos; 2.º António Alves (Boavista/Recer), 10; 3.º José Marques (Bom Petisco/Tavira), 7; 4.º Serafim Vieira (Louletano/Vale do Lobo), 5; 5.º Viktor Skudnyi (Belarus/URSS), 3.

Geral por pontos: 1.º Marco Chagas (Louletano/Vale do Lobo), 10 pontos; 2.º Alfonso Gutierrez (Teka), 10; 3.º Delmino Pereira (Boavista/Recer), 7.

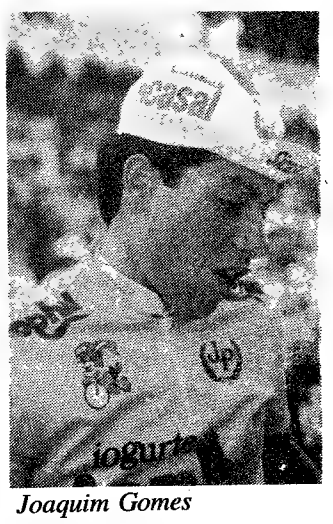
Combinado: Marco Chagas (Louletano/Vale do Lobo).

Juventude: Orlando Rodrigues (Aqualine/Olhanense).

Pontos Quentes: Carlos Marta (Vigor/Lousa).

Hoje realiza-se a 3.ª etapa dividida em dois sectores: Vila Franca de Xira-Sintra (119 km) e entre Queluz e Lisboa (68 km).

H. T. REIS
REPRESENTANTES DAS BICICLETAS
SIER SIER
IMPORTADOR EXCLUSIVO DE TODA A GAMA
TODO O MATERIAL ESPECIAL
• GRADES BIDON
• ROLOS TREINO VENTILADOS
• SUPORTES DE BICICLETAS P/AUTOMÓVEL
ELITE
TEL.: 923 22 49 – BECO DA GALEGA, 15 – LINHÓ 2710 SINTRA


Joaquim Gomes

Delmino Pereira

Victor Teresinho

A festa na estrada

«Tour» estira-se por França

Acácio mantém 7.º

Acácio da Silva manteve o 7.º lugar da classificação geral da Volta à França após a 6.ª etapa (259km, entre Rennes e Futuroscope) ganha pelo francês Joel Pelier. O ciclista português mantém a diferença de 3 minutos, 02 segundos para o camisola amarela, o norte-americano Greg Lemond.

O francês Jean Pelier foi o vencedor (isolado) da etapa mais longa deste Tour, em seis horas, 57 minutos e 45 segundos, com avanço de um minuto e 34 segundos sobre o pelotão e de um minuto e 33 segundos em relação ao holandês Eddy Schurer, que logrou fugir a um quilómetro da meta. O vencedor da etapa correu sozinho durante 180 quilómetros e chegou a dispor de um avanço de 18 minutos sobre o pelotão.

Continua na pág. 19

TOYOTA COROLLA GTi
Telefones: 25171/2/3/4 - 25646 - 24288
Estrada Nacional N.º 8, Km 43,9
EDIFÍCIO TOITORRES
Apartado 64
2561 TORRES VEDRAS Codex
TOITORRES
O SEU CONCESSIONÁRIO TOYOTA NO OESTE
TOYOTA uma FORÇA para o FUTURO
TOITORRES novas instalações novos espaços novos serviços
TOITORRES um projecto para a EUROPA

Banix
pelo prazer de conduzir
MOTOCICLOS
HONDA
Banix
pelo prazer de conduzir
MOTOCICLOS
HONDA

«Hooligans» neo-nazis condenados

Um tribunal alemão-federal condenou a penas de prisão até dois anos dois jovens que tentaram provocar tumultos entre adeptos de futebol com «slogans» antiestrangeiros e símbolos nazis. Um pedreiro (de 18 anos), foi mandado para uma prisão juvenil por dois anos e um aprendiz (de 19) foi condenado a oito meses, no julgamento de nove «hooligans» da claque do Hearth de Berlim, da 2.ª divisão alemã-federal de futebol. Os restantes sete foram proibidos de ter acesso durante dois anos ao estádio Olímpico de Berlim Oeste, onde o clube actua.

O advogado que representou o clube afirmou que a acusação está decidida a acabar com manifestações antiestrangeiras que regularmente se têm verificado durante os jogos da equipa.

Severo castigo a florentinos

Três adeptos da Fiorentina, clube que milita na 1.ª Divisão do futebol italiano, foram condenados a 19 anos de prisão por terem feito uso de material incendiário num comboio que transportava adeptos de um clube rival. O incidente (ocorrido no passado dia 18 de Junho) ocorreu numa composição que transportava adeptos do Bolonha que se deslocavam a Florença para assistirem a uma partida com o clube local. O tribunal, que condenou Simone Aspidi a 7 anos de prisão e Domenico Secondo e Maurizio Igneri ambos a 6 anos, poderá reabrir o processo para investigações complementares.

Batido no Tejo por José Carolo, José Raposo procurará a desforra no Grande Prémio de Motonáutica do Seixal, onde um triunfo lhe permitirá reforçar a liderança do nacional ao nível da Fórmula 3000.

Assim vai o futebol

PORTO: 3.º JOGO, 3.ª DERROTA

Mais um desaire dos «dragões» na sua estada em terras francesas: O FC Porto perdeu, ontem à noite, frente ao Bordéus, por 2-0 na jornada inaugural do Torneio de La Garonne, que se disputa em Bordéus. Os golos da equipa francesa foram apontados pelo dinamarquês Olsen (aos 24 minutos) e por Ferrari (aos 29). A turma de Artur Jorge disputa amanhã o 3.º lugar da competição com os franceses do Toulouse que perderam frente à equipa jugoslava do Vojvodina, após a marcação de grandes penalidades.

Com arbitragem do francês Hirtz e perante cinco mil espectadores, as equipas alinharam.

Bordéus: Bell; Thouvenel, Sénac, Kaltz e Ayache (Lizarazu, 85); Pardo, Gimenez, Durand (Lalanne, 70) e Ferreri; Den Boer e Olsen.

Futebol Clube do Porto: Mlynarczyck (Vítor Baía, 46); Abílio, Geraldão, Morato e Semedo; Jaime Magalhães (Nascimento, 46), Kiki, André e Caetano (Jorge Couto, 46), Madjer (Domingos, 61) e Rui Águas.

Estoril perde com sauditas

O Estoril-Praia perdeu (2-1) com o Al-Hilal (da Arábia Saudita) em partida de futebol integrada no estágio de um mês que a formação árabe efectua em Portugal, realizada no Estádio do Jamor. A equipa do Al-Hilal (que venceu a Taça do Rei da Arábia Saudita) é treinada pelo brasileiro Candinho e prepara-se para participar na Taça dos Clubes Campeões do Golfo Pérsico, a disputar em Agosto, no Bahrain. O jogo com o Estoril-Praia (da zona sul da 2.ª divisão portuguesa) foi o primeiro que o Al-Hilal realizou desde que se encontra em Portugal, num estágio organizado pelo empresário Manuel Barbosa (Mercury).

Artur Jorge e a interrogação: não foi demasiado radical a mudança no «onze» das Antas?

«Copa América»

Em diversas cidades brasileiras prossegue a disputa da «Copa América». Mais resultados: Paraguai, 3 - Venezuela, 0 e Brasil, 0 - Colômbia, 0. Formação «canarinha»: Taffarell; Alemão (Mazinho, 65m), Aldair, Ricardo e Branco; Mauro Galvão, Dunga, Geovani e Valdo; Renato e Baltazar (Bebeto, 58m).

Classificação do Grupo A:

	J	V	E	D	G	P
Parag.	3	3	0	0	9-2	6
Brasil	3	1	2	0	3-1	4
Col.	3	1	1	1	4-3	3
Peru	3	0	2	1	3-6	2
Venez.	4	0	1	3	4-11	1

No Grupo A faltam ainda realizar-se os seguintes jogos: Colômbia - Peru e Brasil - Paraguai.

Títulos mundiais

Esgrima

A esgrimista soviética Olga Velitchko conquistou em Moscovo o título de campeã mundial de florete, ao vencer (em apens cinco minutos e 51 segundos) a actual campeã olímpica Ania Vichtel (da RDA). Velitchko (de 24 anos) pratica esgrima há 10 anos e tinha como resultados mais relevantes a conquista da medalha de prata no Mundial de juniors de 1984 (disputado em Leninegrado, na URSS)) e o título de Mundial de equipas, conseguido no Campeonato do Mundo de 1986. O último título mundial da modalidade conquistado por uma esgrimista soviética datava de 1978, quando Valentina Sidrova dominou o Campeonato do Mundo disputado em Hamburgo (RFA).

Tiro com arco

A sul-coreana Soo Nyung Kim, medalha de ouro olímpica, e o soviético Stanislav Zabrodsky conquistaram o título mundial das respectivas categorias na final do Campeonato do Mundo de tiro com arco, disputada em Lausana (Suíça). Soo Nyung (de 16 anos), detentora do recorde mundial feminino da modalidade, dominou toda a prova tendo acabado com uma vantagem de sete pontos em relação à 2.ª classificada, a sul-coreana Kim Kyung Woog. Por seu turno, Stanislav Zabrodsky conseguiu alcançar [illegible] mais um que o britânico Steven Haalard e que o finlandês Tomi Poiolainen.

«Tour de France»

Continuação da pág. 18

«Talvez tivesse sido um pequeno suicídio atacar quando o fiz, mas penso que ninguém acreditou que eu pudesse levar a fuga até à vitória« — disse Pelier, acrescentando que todos os ciclistas do pelotão pensaram que o apanhariam antes do final da etapa.

Hoje, os ciclistas vão disputar mais uma longa etapa, percorrendo os 258,5 quilómetros da ligação entre Poitiers e Bordéus.

Classificação da etapa: 1.º, Joel Pelier (França), 6:57.45 horas; 2.º, Eddy Schurer (Holanda), a 1.34 minutos; 3.º, Eric Vanderaerden (Bélgica), a 1.36; 4.º, Adri Van Der Poel (Holanda), m.t.; 5.º, Rudy Dhaenens (Bélgica), m.t.; 6.º, Eddy Plankaert (Bélgica), m.t.; 7.º, Etienne de Wilde (Bélgica), m.t.; 8.º, Marc Sergeant (Bélgica), m.t.; 9.º, Phil Anderson (Austrália), m.t.; 10.º, Steven Rooks (Irlanda), m.t.

Classificação geral: 1.º, Greg Lemond (EUA), 25:57.38 horas; 2.º, Laurent Fignon (França), a 5 segundos; 3.º, Thierry Marie (França), a 20 s; 4.º, Eric Breukink (Holanda), 1.51 minutos; 5.º, Sean Yates (Grã-Bretanha), a 2.18; 6.º, Pascal Simon (França), a 2.39; 7.º, Acácio da Silva, a 3.02; 8.º, Jesper Skibby (Dinamarca), a 3.24; 9.º, Steve Bauer (Canadá), a 3.47; 10.º, Charly Mottet (França), a 4.09.

Por equipas: 1.ª, Système «U», 77 horas, 55 minutos e 58 segundos; 2.ª, ADR; 3.ª, 7-Eleven; 4.ª, Helvetia; 5.ª, PDM...; 10.ª, Carreras (de Acácio).

Pontos: 1.º, Soren Lilholt (Dimanarca), 91 pontos...; 6.º, Acácio da Silva, 55.

Montanha: 1.º, Thierry Claveyrolat (França), 26 pontos...; 3.º, Acácio da Silva, 12.

Metas Volantes: 1.º, John Talen (Holanda), 48 pontos.

Combinado: 1.º Acácio da Silva, 82 pontos.

Combatividade: 1.º, Raul Alcala (México), 10 pontos...; 5.º, Acácio da Silva, 5.

Juventude: 1.º, Gérard Rue (França).

O francês Thierry Marie, 3.º classificado da geral, foi penalizado em 20 segundos pela organização, por se ter abrigado atrás do seu carro de apoio. Com esta penalização, a diferença de Marie para Lemond passou de 20 para 40 segundos.

Hoje, realiza-se a 7.ª etapa, entre Poitier e Bordéus (258km).

Senna já domina no «Paul Ricard»

O brasileiro Ayrton Senna, num McLaren-Honda, foi o piloto mais rápido nos primeiros treinos oficiais do Grande Prémio de França de Fórmula Um, que se disputa amanhã, no circuito de Paul Ricard, em Le Castellet. Senna (actual campeão mundial), estabeleceu a sua melhor volta em 1.07,920 m, à média de 202,102 quilómetros por hora,, enquanto o francês Alain Prost ainda seu companheiro de equipa na McLaren, realizou o 2.º melhor tempo com 1.08,285 m.

«Fiz um bom tempo com o primeiro jogo de pneus« — disse Ayrton Senna, acrescentando: **«com o segundo jogo não fui tão feliz, pois pisei um corrector e saí da pista, o que me retirou qualquer hipótese de melhorar a marca anteriormente obtida.«**

Prost (aliviado por se poder concentrar na condução depois de ter anunciado a sua saída da McLaren), afirmou que o intenso tráfego das primeiras voltas impediu-o de conseguir melhor prestação: **«Temos que ser rápidos logo na primeira volta, pois os pneus de qualificação perdem aderência muito rapidamente«** — justificou o ex-campeão mundial.

O belga Thierry Boutsen (ao volante de um Williams-Renault, conseguiu o 3.º lugar na grelha provisória e demonstrou progressos nos bólides da Escuderia de Frank Williams, sendo apenas 14 centésimos de segundo mais lento que Prost, sob intenso calor mediterrânico de Le Castellet, perto de Toulon. Contudo, o belga queixou-se que o francês René Arnoux não o deixou realizar uma volta ainda mais rápida: **«ele atirou-se para cima de mim e eu tive que sair da pista par evitar o acidente«** — revelou Thierry Boutsen, acrescentando ter ficado «furioso» com o comportamento do piloto da Ligier.

O potencial da Ferrari também parece estar mais próximo do que é exibido pelos McLaren-Honda, e o austríaco Gerahrd Berger, 4.º, ficou apenas a um 1,31 segundo de Senna e a pouco mais de sete décimos de segundo de Prost.

O britânico Nigel Mansell, ao volante do segundo Ferrrari, conseguiu a quinta melhor marca da sessão, mas poderia ter tido problemas quando, ao tentar dar uma volta muito rápida (já no final do treinos) perdeu o controlo do bólide numa curva, despitando-se.

O último lugar da 3.ª linha da grelha provisória é ocupado pelo Williams-Renault do italiano Riccardo Patrese, mas a grande surpresa do dia foi o francês Philippe Alliot que, que com o pouco competitivo Lola-Lamborghini, conseguiu o 7.º tempo dos treinos, a 2 segundos e 2 décimos de Senna. Outra surpresa foi o 10.º tempo conseguido pelo estreante francês Jean Alesi que, substituindo o italiano Michele Alboreto, foi cerca de meio segundo mais rápido que o inglês Jonathan Palmer, seu companheiro na Tyrrell.

«Grelha» de partida provisória: 1. Ayrton Senna, Brasil (McLaren) — 1:07.920 minutos; 2. Alain Prost, França (McLaren) — 1:08.285; 3. Thierry Boutsen, Bélgica (Williams) — 1:08.299; 4. Gerhard Berger, Áustria (Ferrari) — 1:09.011; 5. Nigel Mansell, Inglaterra (Ferrari) — 1:09.030; 6. Riccardo Patrese, Itália (Williams) — 1:09.326; 7. Phillipe Alliot, França (Lola) — 1:09.478; 8. Ivan Capelli, Itália (March) — 1:09.569; 9. Alessandro Nannini, Itália (Benetton) — 1:09.615; 10. Jean Alesi, França (Tyrrell) — 1:09.668; 11. Maurício Gugelmin, Brasil (March) — 1:10.122; 12.Jonathan Palmer, Inglaterra (Tyrrell) — 1:10.328; 13. Eddie Chever, EUA (Arrows) — 1:10.372; 14. Olivier Grouillard, França (Ligier) — 1:10.410; 15. Nelson Piquet, Brasil (Lotus) — 1:10.473; 16. Bernard Gachot, Bélgica (Onyx) — 1:10.564; 17. Stefan Johansson, Suécia (Onyx) — 1:10.600; 18. Pierluigi Martini, Itália (Minardi) — 1:10.640; 19. rene Arnoux, França (Ligier) — 1:10.725; 20. Stefano Modena, Itália (Brabham) — 1:10.910; 21. Gabriele Tarquini, Itália (AGS) — 1:11.136; 22. Martin Donnelly, Inglaterra (Arrows) — 1:11.123; 23. Alex Caffi, Itália (Dallara) — 1:11.409; 24. Luis Perez Sala, Espanha (Minardi) — 1:11.539; 25. Emmanuel Pirro, Itália (Benetton) — 1:11.566; 26. Andrea de Cesaris, Itália (Dallara) — 1:12.078; 27. Satoru Nakajima, Japão (Lotus) — 1:12.125; 28. Christian Danner, RFA (Rial) — 1:12.569; 29. Roberto Moreno, Brasil (Coloni) — 1:14.746; 30. Eric Bernard, França (Lola) — 1:25.401.

TROFÉU JOAQUIM AGOSTINHO — 11.º GRANDE PRÉMIO INTERNACIONAL DE CICLISMO DE TORRES VEDRAS

AMANHÃ:
16 HORAS
4.ª ETAPA

CIRCUITO DE TORRES

A ÚNICA PROVA PORTUGUESA INSCRITA NO CALENDÁRIO INTERNACIONAL

HÁ 20 ANOS

Marcello Caetano - simpatia do povo brasileiro

Eram 5 horas locais quando para a prevista «escala técnica» aterrou no aeroporto internacional de Vale-de-Cans, que serve a cidade de Belém, capital do Estado de Pará, o avião dos TAP que trouxe ao Brasil o prof. Marcello Caetano. O aparelho deteve-se na placa de estacionamento às 5 horas e 3 minutos. Segundos depois de imobilizado o avião na pista, queestava profusamente iluminada, desceram pela porta traseira do aparelho os elementos dos orgãos de Informação encarregados da reportagem. Entretanto ouviam-se os primeiros aplausos e o Chefe do Governo português assomava à porta da frente, sendo saudado da aerogare por gritos de «Viva Portugal!»...

PCI: profunda viragem democrática

«A necessidade duma nova política para a Itália tem-se feito sentir mesmo nos partidos que governaram o país até agora» - declara um comunicado do Partido Comunista Italiano, difundido esta noite em Roma, analisando a situação política italiana e a crise governamental. Lê-se: «A direcção do Partido Comunista Italiano convida todas as organizações a lutar por uma democratização do poder e a comprometerem-se nela a fundo...»

Seca rigorosa na China

A agência «Nova China» anunciou uma rigorosa seca, na província meridional do Yuannan. Apesar desta situação, porém, a colheita do arroz foi boa - acrescenta-se - e mesmo superior, nalguns distritos, às colheitas anteriores.

EM PORTUGAL

	Min.	T. 6h	Prec.	Às 18 h.
Bragança	12	12	0.6	Neblina
V. Castelo	16	16	0.0	Nevoeiro
Vila Real	12	13	0.0	Neblina
Porto	16	17	0.0	Neblina
Coimbra	16	16	0.0	Nevoeiro
C. Carvoeiro	17	17	0.0	Nevoeiro
C. Branco	15	16	0.0	Neblina
Portalegre	17	17	0.6	Neblina
Lisboa	17	17	0.0	Neblina
Évora	17	17	0.0	Neblina
Beja	15	15	0.0	Nevoeiro
Faro	16	16	0.0	Neblina
Sagres	18	18	0.0	Limpo
P. Delgada	15	16	0.0	P. nub.
Horta	-	-	-	-
Funchal	22	22	0.0	Encoberto

Temp. máx. prevista para hoje: Lisboa 27, Porto 23, Faro 26, Ponta Delgada 24, Funchal 25

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NA EUROPA

	Min.	T. 6 h	Às 18 h
Madrid	12	15	Limpo
Londres	18	19	Chuva
Paris	-	-	-
Bruxelas	22	22	P. nub.
Amesterdão	21	23	Bruma
Genebra	18	20	Aguaceiros
Roma	19	22	Neblina
Oslo	16	16	M. nub.
Copenhaga	14	21	P. nub.
Estocolmo	16	20	Limpo
Berlim	18	22	P. nub.
Viena	14	19	Limpo
Varsóvia	15	22	P. nub.
Atenas	27	27	P. nub.
Moscovo	-	-	-

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NO MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h
Caracas	20	28	Nublado
Joanesburgo	3	19	Limpo
Los Angeles	22	34	Nublado
Montreal	19	28	Nublado
Nova Deli	26	38	Nublado
Nova Iorque	19	24	Nublado
R. de Janeiro	19	-	Chuva
S. Francisco	12	21	Limpo
São Paulo	-	-	-
Tóquio	19	25	Nublado

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

TEMPO

HOJE

***Regiões do Norte*: Céu geralmente pouco nublado. Vento fraco soprando moderado de Noroeste no litoral durante a tarde. Neblinas ou nevoeiros durante a manhã na faixa costeira. Pequena subida de temperatura.**

***Estado do mar*: Mar encrespado a de pequena vaga. Ondulação Noroeste de um a dois metros.**

***Regiões do Centro e Sul*: Céu pouco nublado ou limpo. Vento fraco soprando moderado de Noroeste no litoral Oeste durante a tarde. Neblinas ou nevoeiros no início da manhã na faixa costeira a Norte do Cabo da Roca. Pequena subida de temperatura.**

***Estado do Mar — Costa Ocidental*: Mar encrespado a de pequena vaga. Ondulação Noroeste de um a dois metros.**

***Costa Sul*: Mar encrespado a de pequena vaga. Ondulação inferior a um metro.**

Nos Açores

***Grupo Ocidental*: Períodos de céu muito nublado. Vento fraco.**

***Grupos Central e Oriental*: Períodos de céu muito nublado. Vento fraco a moderado de Nordeste.**

***Estado do mar*: Mar encrespado a de pequena vaga. Ondulação Noroeste de um a dois metros.**

Na Madeira

Período de céu muito nublado. Vento fraco ou moderado de Nordeste.

***Estado do Mar — Costa Norte*: Mar de pequena vaga. Ondulação Norte de um a dois metros.**

***Costa Sul*: Mar encrespado. Ondulação inferior a um metro.**

***Funchal*: Céu geralmente pouco nublado. Vento fraco.**

AMANHÃ

Céu pouco nublado ou limpo. Vento fraco, soprando moderado de Noroeste no Litoral Oeste. Pequena subida de temperatura.

DEPOIS

Céu pouco nublado ou limpo apresentando-se muito nublado pela madrugada e manhã no Litoral Oeste. Vento fraco, soprando moderado de Noroeste durante a tarde na faixa costeira ocidental. Neblina ou nevoeiro matinal.

MARÉS

Hoje

Preia-Mar		Baixa-Mar	
06.46	3,6 m	12.08	1,2 m
19.01	3,8 m	00.44	1,2 m

Amanhã

07.23	3,5 m	12.48	1,3 m
19.38	3,7 m		

• Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica

EFEMÉRIDES

1832 Em Portugal as tropas liberais desembarcam na praia do Mindelo.

1833 A Turquia e a Russia assinam o Tratado de Hunkar Ishelesi, uma Aliança defensiva, através da qual o sultão concorda em fechar o Estreito de Dardanelos a todas as embarcações, excepto aos navios de guerra russos.

1840 Nasce na Horta, Açores, Manuel de Arriaga, o primeiro Presidente da República portuguesa.

1858 A Grã-Bretanha proclama a paz na India.

1895 A abertura do caminho de ferro da Baia de Delagoa concede ao Transval uma saída para o mar.

1912 Em Portugal, a cidade de Chaves resiste ao cerco de forças monarquicas, procedentes de Espanha, que pretendiam restaurar a Monarquia abolida em 5 de Outubro de 1910.

1920 A Grã-Bretanha anexa o protectorado da África oriental, passando a designa-lo por colónia do Quénia.

1926 Em Portugal, um golpe de Estado destitui o general Gomes da Costa das funções de Presidente da República.

1932 O Afeganistão, o Irão, o Iraque e a Turquia assinam um Pacto de não-agressão.

1940 O Governo da Noruega muda-se para Londres, depois de 62 dias de luta contra os invasores nazis, no decurso da Segunda Guerra Mundial.

1964 É inaugurado o Aeroporto do Funchal, na ilha da Madeira.

1971 Um sismo abala o Chile, matando 90 pessoas e ferindo cerca de 200.

1976 O Governo da Indonésia anuncia que cerca de nove mil pessoas morreram em consequência de um sismo na Nova Guiné.

1978 Um incêndio ocorre no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, destruindo todo o seu recheio, constituido por cerca de mil quadros, esculturas e gravuras.

1984 O norte-americano John McEnroe revalida o título de campeão no Torneio de Ténis de Wimbledon.

1985 Um tribunal de Hamburgo condena três pessoas pela venda dos falsos diários de Hitler a uma revista alemã federal por 9,3 milhões de marcos.

1986 Kurt Waldheim, antigo-secretário-geral da ONU, toma posse do cargo de chefe do Estado austriaco.

- Morre o almirante norte-americano Hyman Rickover, 86 anos, um engenheiro que concebeu e divulgou o uso de navios de propulsão nuclear na Marinha dos EUA.

CRÍTICA DE MÚSICA

Gwyneth Jones ontem na Aula Magna

UM ESPLENDOR VOCAL

Nuno Barreiros

Um esplendor vocal; mas também uma arte interpretativa feita de vibratilidade, de inteligência e de justeza de consciencialização dramática, em grau superlativo.

São termos que ocorrem na tentativa de classificar a versão de cada uma das páginas de Verdi, Puccini e Wagner em que Gwyneth Jones se fez ouvir ontem à noite na Aula Magna da Universidade. Palavras — sempre aproximativas — que poderão servir, afinal, para definir toda a «performance» verdadeiramente inolvidável da grande artista num concerto que ficará, sem dúvida, como uma das referências maiores do melómano lisboeta dos tempos que correm — um concerto que, de direito e desde já, entrou no historial das iniciativas do Teatro de São Carlos.

A carreira de Gwyneth Jones situa-se no tablado das realizações paradigmáticas da nossa época. A célebre cantora há muito se impôs como «Leonor» (de **Fidelio**), «Elisabeth» (de **Dom Carlos**), «Marechala» (do **Cavaleiro da Rosa**) e numa vasta galeria de papéis wagnerianos: Senta, Isabel, Kundry Sieglinde e, nomeadamente, na «Brunhilde» da famosa **Tetralogia** do centenário, com Patrice Chéreau e Pierre Boulez.

E eis que nos chega, embora apenas para um concerto, no apogeu das suas virtualidades. A sua voz é bonita, evidentemente. Não diria, porém, que será este o predicado ou o factor número um que a distingue: outras vozes não menos bonitas — segundo os critérios bastante subjectivos neste capítulo — existem. Mas antes um carácter penetrante, em que se aliam pujança e vigor, e um timbre ao mesmo tempo envolvente e intimativo que se presta admiravelmente a grandes expansões líricas como a tiradas de forte intensidade heróica e épica.

Falar em técnica vocal, no caso de Gwyneth Jones, é quase um truismo. Quando se atinge as culminâncias que ontem ficaram patentes e que estão documentadas nas inúmeras gravações que circulam por esse mundo fora, a técnica, exactamente na medida em que é apuradíssima, quase se dilui, por assim dizer, na simbiose da expressão artística e das características individuais: pela ductilidade com que se adapta aos estilos mais diversos e pela espécie de osmose que estabelece em relação a esses mesmos estilos, sejam eles de Verdi, de Wagner ou de Puccini (para me referir apenas aos autores em programa).

É assim que tudo se conjuga e combina: sentido do colorido na graduação dos efeitos; agudos fortes, amplos e de uma impressiva rutilância; robustez ou resistência vocal; e uma intencionalidade subtil que se manifestou em todas as interpretações — ausência de ênfase na leitura da carta (em **Macbeth**); Veemência e altivez em «In questa reggia» de **Turandot**, mas igualmente uma certa inflexão quase terna num momento mais «humanizado» da situação; flutuação de cambiantes, sem prejuízo para a dramaticidade do trecho, em «Pace, pace, mio Dio» da **Força do Destino**; um certo ardor juvenil de Elisabeth sublinhado em «Dichteure Halle» de **Tannhauser**; a propriedade de tom entre o heróico e uma certa naturalidade generosa na passagem da **Valquíria** (dada em extra); nobreza e determinação serena, quase transfigurada, na derradeira cena do **Crepúsculo dos Deuses**.

Por aqui me quedo, neste evocar de emoções intensas e de admirativo encantamento que nos proporcionou toda a actuação de uma das maiores e mais extraordinárias cantoras-intérpretes da actualidade. Os apoteóticos aplausos de uma sala cheia e vibrante reflectiram bem essa onda de grande arte — autêntica porque profunda — que, por certo, percorreu, agitou ou tocou no âmago cada uma dessas muitas e muitas centenas de pessoas, de formação, apetências e sensibilidade muito diversas.

De inteira justiça é referir a participação da Orquestra Sinfónica do Teatro de São Carlos, que se encontra numa excelente fase e nos deu uma das suas realizações mais positivas e convincentes, em sonoridade e pela fluência do discurso. E o programa não era de poucas responsabilidades. Vê-se que, ao longo destes anos, a Orquestra tem firmado um sentido de profissionalismo e uma maleabilidade estilística que não serão obra de acaso nem se conseguem de um dia para o outro, a começar pelas estruturas de funcionamento e — porque não dizê-lo — pela dignidade salarial!

Isto não obsta a que se reconheça que, para o concerto de agora, se tenha adoptado uma eficaz e criteriosa preparação sob a direcção do maestro Jan Lathan Koenig, a qual ressaltou notavelmente no equilíbrio global alcançado (quer na colaboração com a cantora, quer nos trechos puramente orquestrais) e na veemência expressiva que foi constante positiva durante todo o concerto. De destacar, por exemplo, a coesão e até a densidade sonora conseguida no algo espinhoso (precisamente pela singeleza da textura) do Prelúdio do 4.º acto da **Traviata** e nos esplendores, dramatismos e transfigurações de todo esse genial tecido orquestral de uma riqueza que os anos não fizeram esmaecer (antes pelo contrário) do **Crepúsculo dos Deuses**. Numa palavra: o maestro Lathan Koenig e a Orquestra do São Carlos mereceram amplamente partilhar dos aplausos que soaram calorosos ao longo de um concerto inesquecível.

Sigue Sigue Sptunik vão hoje ao cinema Alvalade

Ano XXIV D.V.

Rui Eduardo Paes

Ano XXIV D. V. (Depois do Vídeo): a máquina industrial da música filmada mexe os cordelinhos à distância e faz com que essoutra máquina, a promocional-mediática de sustentáculo português, anuncie um concerto da banda-fantoche Sigue Sigue Sputnik em Lisboa. Será hoje mesmo, ao cair da noite, no Cinema Alvalade, e desculpem lá o nosso conluio informativo. Irá quem gosta, menos que muitos com certeza, mas mais do que seria de crer face ao que de facto se trata, caso, iludidos e desconhecedores de outras implicações, só nos atenhamos ao valor musical deste triplo S, que é nulo e eles próprios fazem gala disso. Pronto: revele-se já o segredo desta «receita» lúdico-capitalista: os Sigue Sigue Sputnik não se fizeram para ouvir mas para ver, ouvindo. O visual já domina o audio e não há audiovisual que resista.

A culpa começou por ser de um senhor chamado Andy Warhol, mas não viveu para reparar nas consequências pelo que é justo absolvê-lo. Foi ele quem inventou o fascínio pelo falso e pelo plástico a que deram o nome de pop, foi ele e nenhum outro quem imaginou esta estilística berrante que faz com que a imagem seja tudo, totalitária, imensa, cilindrante, hipnótica, burra, catita, sempre-numa-fixe-que-se-faz-tarde e que a gente, viciada em último grau, pede em cada vez maiores quantidades. Mas o principal responsável nem sequer é uma pessoa em particular, mas dois aparelhos, um de registar e outro de reproduzir: o VÍDEO e o TELEVISOR.

Os S. S. S. são um grupo pop posterior à era do disco, seja o de vinil, velhinho, como o compacto, que já se vai tornando obsoleto. Os S. S. S. existem por causa do vídeo e porque, ao contrário do que cantava o outro nos anos punk, a televisão subiu-nos mesmo à cabeça. Os discos são para partir, o que interessa agora de facto são os «clips», e nem sequer é necessário comprá-los ou alugá-los no clube da esquina: a TV passa-os, repetidamente, repetidamente, repetidamente.

Não precisamos de os ter, precisamos somente de acender o aparelho às horas certas ou na direcção correcta da parabólica para ver/ouvir «Love Missile F1-11» ou «21st Century Boy» ou «Success». É um tipo diferente de consumo, o consumo «paga a taxa». Evidentemente que em Portugal é um bocado absurdo pagar ao Estado, e ainda por cima ao nosso que tem uma cara tão sisuda, a passagem dos Sigue Sigue Sputnik no pequeno ecrã, mas quando surgirem as estações privadas, excepto obviamente a da Igreja, vocês verão, é S. S. S. a toda a hora, consumismo e mercantilismo juvenil aos magotes, com as suas delícias em crista de galo cor-de-laranja, óculos escuros e roupa kitsh-futurista, como a foto, aqui ao pé, documenta. Vocês verão, eles são ab-so-lu-ta-men-te fantásticos, não há nada igual, os bichos puseram-se à frente do tempo, são o assombro do devir, um sonho de silicone e robótica concebido para os filhos de um proletariado que se pós-industrializa.

Como é que isto aconteceu, perguntarão os leitores. Simples: Tony James, um músico frustrado, corre em 1981 as discotecas, dancings, bares, pubs, clubes e demais espeluncas da Londres nocturna e «glamour» com uma finalidade: descobrir os tipos mais esquisitos que fosse possível, no vestir e no parecer. Descobriu-os, obrigou-os a beberem copázios de alka-seltzer, comprou-lhes instrumentos e professores de música que em meia dúzia de lições os ensinassem a metralhar as guitarras, ao que depois se dedicou a apresentá-los a uma menina esquizóide chamada Yana Ya Ya, cuja dita garantem os fiéis que é a rainha do Dub e dos efeitos sonoros mas com o ruído todo não dá bem para perceber.

O resultado está logo à noite à vista no cinema Alvalade, como se fosse passar o «Blade Runner». É o rock andróide, cibernético, imbecil do nosso maravilhamento. Bem hajam os Sigue Sigue Sputnik e o império da IMAGEM produzida em agência de publicidade modernaça... com banda sonora a condizer, e é uma sorte.

TELEVISÃO, ÓPIO DAS CRIANÇAS?

Alain Woodrow
Serviço exclusivo «Le Monde«/«DL«

As crianças é que vão ficar contentes! Um professor universitário anuncia tranquilamente que a televisão, longe de constituir um perigo para os jovens, antes lhes faculta o acesso a uma nova cultura. Profecia ou provocação? Entrevistámos um especialista e vários consumidores, de calções.

É um livro pequeno, é certo, 15 cm x 20 cm, mas carregado de matéria explosiva. Ingenuamente intitulado «Deixem-nos ver televisão», o livro de François Mariet já faz barulho em Landerneau. É que este professor universitário (Dauphnie, Ciências Políticas) toma decididamente a direcção oposta à do discurso habitual acerca da criança e do audiovisual.

A criança objecto de todas as solicitudes, alvo de todas as inquietações... Em pleno centro da tempestade escolar, ameaçadas pela vaga pluente dos Crados, joguetes de uma publicidade que nelas encontra um rico filão a explorar, raramente as queridas cabecinhas loiras alimentaram tanto as crónicas como agora.

É todavia na televisão que a controvérsia se mostra mais viva. Os programas para jovens nunca constituíram uma prioridade para os directores de programas, mas ultimamente a sua qualidade baixou ainda mais. Em face da actuação do sector privado — que enche as crianças de desenhos animados e de séries, comprados a baixo preço aos Estados Unidos e ao Japão e em que a violência rivaliza com a parvoíce — as cadeias públicas têm grande dificuldade de resposta, apesar dos louváveis esforços feitos para rever a qualidade das grelhas.

Falta de meios. A tal ponto que a senhora Catherine Tasca, ministra das Comunicações, acaba de duplicar o orçamento consagrado pelo sector público aos programas infantis, especialmente no que toca ao desenho animado francês. E é no meio deste muro de lamentações que o nosso «Cândido» anuncia: tudo corre pelo melhor no mundo dos audiovisuais!

O mal do bom dr. Mariet foi exagerar. Ao querer arrasar os detractores da televisão, mete-se alegremente em trabalhos. Tal como os médicos de Molière que repetiam «O mal é do pulmão!», ele pinta-os como maluquinhos que, para explicar os males da terra, gritam: «O mal é da televisão».

Para este professor universitário a televisão seria mesmo uma panaceia, levando o seu gosto pela provocação a declarar: «Se duas crianças em três vêem televisão todos os dias, o problema está na terceira! Porque a televisão é um elemento de cultura e privar dela uma criança é interditar-lhe o acesso a essa mesma cultura.»

A «televisão paisagem»

O seu raciocínio é simples: as crianças já nasceram com televisão, é uma «televisão paisagem», um ruído de fundo que faz parte do seu meio ambiente. Citando números referentes ao tempo que uma criança passa pr semana em frente do pequeno ecrã (dez horas na Alemanha, catorze horas em França, quinze horas na Bélgica, vinte e duas horas em Espanha e vinte e sete horas e meia nos Estados Unidos), o autor recorda-nos que ela, não só passa mais tempo em frente do aparelho do que na escola, como também é «muito mais capaz do que nós imaginamos de se adapatar a algo que lhe seja proposto e mesmo de fazer várias coisas ao mesmo tempo, como por exemplo ver televisãao e fazer um trabalho de matemática». François Mariet cita um inquérito de «La Vie», feito em Março de 1988, segundo o qual 70% das crianças fazem outra coisa enquanto vêem televisão; 38% deixa o aparelho ligado quando chega um amigo.

Um animal doméstico

Em compensação, para os pais a televisão é uma coisa que tem de se merecer: 59% privam dela os filhos para os castigar; 45% exigem que eles peçam licença para ver, 63% (ecologistas!) exigem silêncio em frente do pequeno ecrã...

François Mariet qualifica estas actividades simultâneas como «tempo polifónico»; para esta nova geração a televisão é quase um «animal doméstico». A televisão não põe ninguém doente, nem violento, nem estúpido. As crianças são consumidores sensatos e exigentes. Os oitenta milhões de jovens de menos de quinze anos que a Europa tem representam um poder de compra considerável, mas o autor considera que o público infantil embora aprecie a publicidade, não é parvo, e é mesmo capaz de ser «mais crítico que os adultos».

Opondo-se resolutamente a todas as formas de censura («Somos sempre livres de desligar o aparelho!»), Mariet levanta-se contra os que procuram proteger «a infância mártir» de uma televisão interdita, «excepto se for didáctica e e-du-ca-ti-va». Apesar do aumento da violência no pequeno ecrã (uma média de trinta e dois actos violentos por hora em 1987 nos Estados Unidos contra treze em 1985), ele afirma: «Nada indica que a violência televisiva provoque comportamentos violentos nos telespectadores, mesmo que estes sejam jovens e entusiastas. Talvez seja o contrário!»

Outro preconceito denunciado no livro é a rivalidade entre a escola e a televisão. Ao contrário, para o autor trata-se de complementaridade: «É necessário que haja uma escola de qualidade para formar telespectadores livres», pois «é a escola que torna a televisão educativa». Em suma, o futuro é sereno, afirma, pois que, se os jovens telespectadores forem tratados como adultos, «saberão gerir o seu consumo de cultura, saberão optar... por não consumir cega e estupidamente e saberão manter-se à distância do que perpassa no ecrã».

Se, por um lado, podemos saudar este estudo salutarmente iconoclasta pelo seu estilo humorístico, por outro lado irritamo-nos frequentemente com o seu lado panfletário e excessivo. É certo que a tese fundamental está correcta. A televisão serve demasiadas vezes de bode expiatório, mascarando problemas igualmente graves: um urbanismo que ignora as crianças, uma escola inadequada, entre outros. Mas a argumentação está mal estruturada e é repetitiva. A forma cega como o autor toma partido é prejudicial à sua demonstração. Ele traça um quadro idílico de crianças «bons selvagens», atraídas pelas riquezas de uma televisão «ilha do tesouro ao domicílio» e evitando os maus programas, o que é quase «rousseauista»! Porque, diz ele de uma forma «naïve», «os únicos censores são eles próprios».

Mais próxima da realidade parece estar a imagem dada pela minisondagem (sem qualquer pretensão científica e muito menos estatística!) que fizemos junto de uma vintena de crianças entre os oito e os catorze anos.

Quase todas dizem que vêem televisão «muitas vezes» e um número equivalente não deseja ver «mais». Em compensação, estão divididos no que respeita à sua preferência quanto a ver «sozinho» ou «em família» e ao facto de «discutir o assunto com os pais». Os gostos dividem-se entre os desenhos animados («porque estão cheios de zaragatas!») e os «polars» («porque há mais suspense»), entre «Thalassa» («porque gosto do mar») e «Les Chevaliers du Zodiaque» («porque é terrível»).

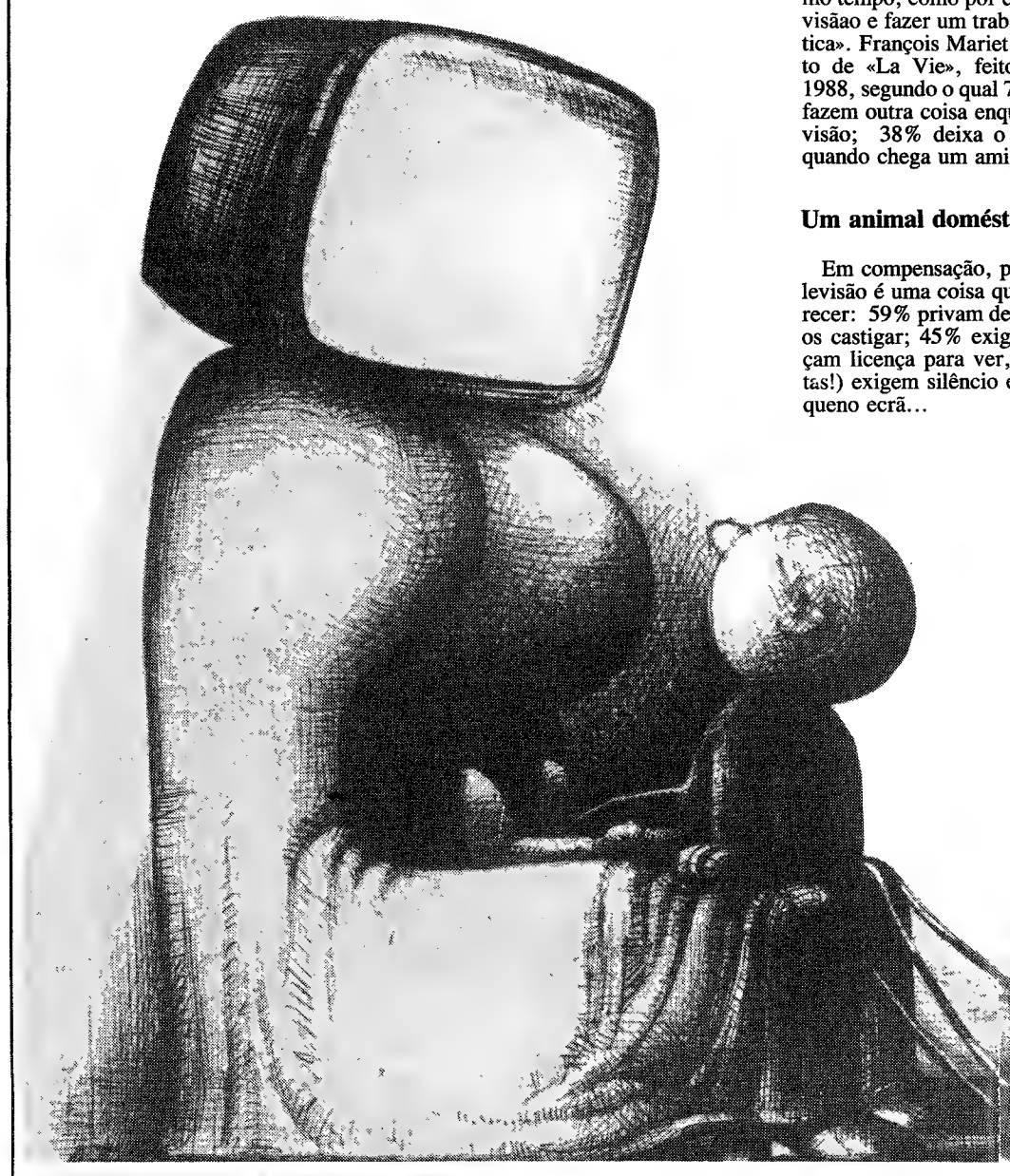
Mas as afirmações clarificam-se quando se trata de analisar as cenas que fazem rir ou chorar, ou as cenas que fazem medo. O riso é simples «Louis de Funès», «os palhaços», «as caretas», «as piadas picantes». O desgosto já é mais complicado: «Ternura e Morte», «amor não correspondido», «os pequenos etíopes que morrem de fome», «as crianças feridas ou espancadas», «O Urso», «as actualidades»... Para exprimir o medo, as definições são ainda mais precisas: «os filmes de terror», «a tortura», «a música de suspense num filme policial», «as pessoas que bebem, que gritam, que se agridem».

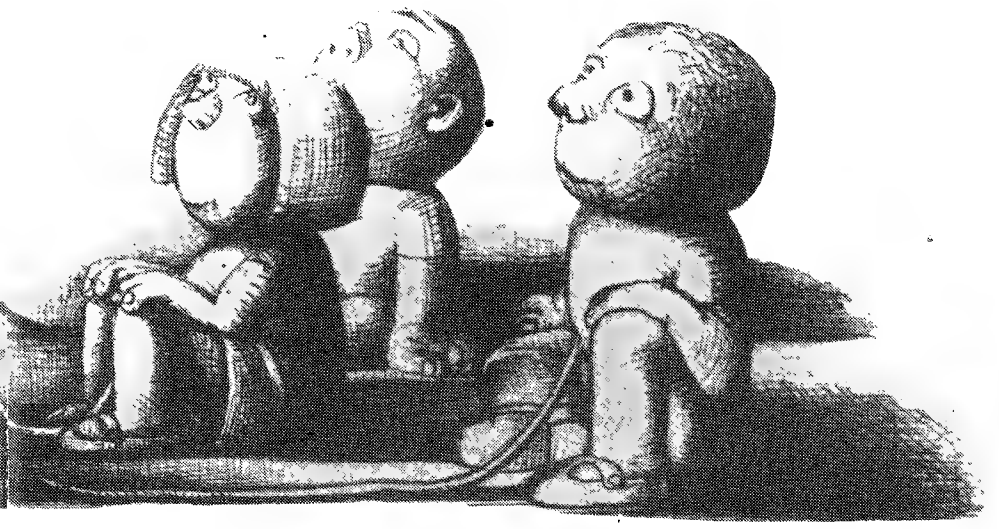
Perante o insuportável, muitas vezes desliga-se o aparelho ou muda-se de canal. Alguns «mesmo assim vêem» («mas eu fecho os olhos»!, acrescenta uma, corajosa mas não temerária, enquanto outra se fecha na casa de banho «para enganar o medo!»). Outros pedem socorro aos pais.

A quase totalidade das crianças inquiridas confessa que a televisão as «impede de fazer os trabalhos». Apenas uma declara: «A televisão ensina-me muitas coisas sobre os outros países, sobre a vida na Terra e principalmente sobre a vida dos animais (Cousteau).»

François Mariet não tem filhos e gostaríamos muito de saber em quem é que ele experimentou as suas teorias..., nomeadamente a que o levou a afirmar que se pode trabalhar com a televisão ligada! Não há dúvida que ele escreveu o seu livro diante do aparelho ligado.

Tradução de Maria Otília Moreira





«NÃO TOMEMOS OS EFEITOS PELAS CAUSAS»

Marie-Françoise Lévy é historiadora e autora do catálogo «Olhar da Televisão Francesa sobre A Família», editado pelo Instituto da Infância e da Família.

Ela formula um juízo desapaixonado sobre as teses de François Mariet.

— Primeiro uma palavra sobre o livro. É um estudo sério ou um panfleto provocatório?

— Sem fazer propriamente uma análise do livro de François Mariet, eu diria que ele fez um trabalho útil sobre o comportamento dos consumidores face ao audiovisual. O seu grande mérito está em ter invertido o discurso habitual. Em vez de se basear nos resultados, quer dizer, nos efeitos da televisão sobre as crianças, ele examina um certo número de ideias feitas com o objectivo de desmontar este pânico que se apodera de muitos pais e educadores e se traduz no grito: «As nossas crianças estão em perigo!»

— Portanto, na sua opinião este perigo não existe?

— Eu não disse isso. Temos de nos juntar ao autor e lamentar a ausência em França de pesquisas aprofundadas sobre o comportamento das crianças perante a televisão, fazendo notar que o próprio Senhor Mariet se exime a fornecer um inventário crítico dos trabalhos existentes ou sequer uma bibliografia! A televisão é sempre desprezada como instrumento de cultura, apesar de algumas produções dignas de nota, como a de Jean-Noel Jeanneney e a sua escola, ou os incitamentos a fazer determinado trabalho nas obras de Michel de Certeau ou Jacques Le Goff.

A televisão não é ainda reconhecida como um campo de investigação. Falta todo um trabalho interdisciplinar, a ser levado a cabo por historiadores, sociólogos, antropólogos... Se os jovens se alimentam de imagens, talvez seja preciso pensar em ensinar-lhes a sua história através de imagens. Mas para isso seria necessário ter acesso às fontes, o que é impossível por razões económicas. Se o objecto de uma reflexão deste tipo é inacessível, ele é sempre ignorado ou mesmo suspeito! Propõe-se a criação da maior biblioteca do Mundo: porque não a maior videoteca? A França é rica em imagens: nos arquivos do INA encontram-se trezentas mil horas, que aumentam ao ritmo de quarenta mil por ano.

— Voltando às crianças: será que elas estão ameaçadas por uma «overdose» de audiovisual?

— A televisão é a árvore que esconde a floresta. Serve de escape para os conflitos da sociedade e transforma-se num objecto de derivação do próprio conflito. Hoje em dia o debate centra-se na escola e, perante este problema, a televisão desempenha o papel de substituto. Mais que analisar as carências do meio social, prefere-se apontar a televisão como um mal absoluto. Não tomemos os efeitos pelas causas.

A televisão não tem culpa que, por exemplo, os equipamentos culturais para jovens deixem muito a desejar, que a rua não seja o local de acolhimento ideal, que a escola esteja em crise e que os pais, transformando o aparelho de televisão em «babysitter», façam dele bode expiatório. É como se eles empanturrassem os filhos de bolos e acusassem o pasteleiro.

— Mas apesar disso o que havemos de pensar da pobreza de muitos programas para jovens ou da violência no écran?

— Se a produção francesa é má,é porque nos recusamos a dar-lhe os meios necessários. E procuramos comprar barato. Mas até onde nos será possível aceitar esta mediocridade sem reagir? É certo que é uma questão financeira, mas, para o que pertence ao sector público,é também uma opção de política cultural. Quanto à violência, e mesmo correndo o risco de provocar reacções, devo dizer que nada prova que ela tenha alguma incidência no comportamento dos telespectadores. A violência está na rua, está na situação familiar provocada pelo desemprego. Pelo contrário, numa situação de degradação social a televisão permite a fuga para o imaginário. A imagem não se reduz ao que vemos no écran, ela gera outras e pode conduzir a um jardim secreto...

A.W

Tradução de Maria Otília Moreira

A SEMANA

Rodrigues da Silva

Sábado, dia 1

Ler jornais é saber mais... mesmo se às vezes acerca da nossa própria ignorância. Como assim: faz 200 anos este mês, somos por cá, no Ocidente, mais ou menos todos filhos dela, é a Revolução Francesa. O «Expresso» faz sondagem e fica-se a saber que quase metade dos portugueses nunca ouviu falar em tal coisa e só 15% é capaz de debitar-lhe a data certa.

Ignorantes mas ladinos no conduzir. Junte-se a isto o estado deplorável de estradas e viaturas e uma mentalidade que é toda uma cultura e eis o resultado: caímos que nem tordos, à média de seis por dia, a Europa não conhece nada que se lhe compare, somos os maiores no morrer ao volante de um automóvel.

Perante isto até parece ridícula a verba de 200 mil contos que opõe a SEC à Companhia de Redes de Pesca. Para já, a demolição das instalações da CRP está adiada e o futuro Centro Cultural de Belém (mais conhecido pelo Pompidou do Cavaco) corre o risco de só ser inaugurado com outro Primeiro-Ministro em S. Bento.

Domingo, dia 2

Sinal dos tempos: uma antena parabólica gigante é montada no telhado do Forum Picoas, enquanto que, em Elvas, encerra o único cinema ainda aberto no distrito de Portalegre. A antena serve para realizar vídeo-conferências, o cinema servia para pouco, com sessões às moscas aos domingos e aos «pornos» das quartas-feiras.

Segunda, dia 3

A proposta está para a moção como a imposição para o desejo. O Tivoli encerrou anteontem e hoje a CML, em vez de aprovar uma proposta que o classificaria como imóvel de interesse histórico-cultural, limitou-se a aprovar uma moção que aqui fica para que conste... e para um dia se saber se veio a ser satisfeita: *O edifício e o espaço cultural que o Tivoli constitui deverá ser salvaguardado a todo o custo, mantendo a sua traça e uma utilização de natureza idêntica ou similiar àquela a que estava destinado e continuando a contribuir de forma relevante para a animação da Avenida da Liberdade.*

Outros que não são exigentes: os estudantes de Letras da Universidade Clássica. Sondagem revela que da Faculdade gostam, quanto aos profs. são-lhes mais ou menos indiferentes.

Indiferente não foi para três poetas a morte, em Barqueiros, de um jovem pela GNR. Abaixo-assinados há muitos, mas um assim é de espanto, subscrito, como foi, por António Ramos Rosa, Eugénio de Andrade e Mário Cesariny de Vasconcelos.

Terça, dia 4

Na Gulbenkian começa o Vídeo Drive-In, em Almada a Festa Anual de Teatro e, no meio disto tudo, a Misericórcia de Liboa lembra que 28% dos lisboetas (e 38% dos portugueses) vivem «abaixo da linha de probreza». Foi talvez por estar consciente desta realidade que o padre Alberto viveu como viveu. Fez ontem dois anos foi assassinado, ainda não se sabe por quem, e um livro editado hoje recorda-lhe a palavras e a obra.

Outra palavra, outra obra, ou o «Livro do Desassossego» agora em nova versão, com Vicente Guedes a juntar-se na autoria a Bernardo Soares. A notícia vem no «JL» e nem espanta. Cada qual que mete as mãos na arca do Pessoa vem de lá com um livro novo. Não tivesse ele publicado a «Mensagem» e já havia para aí três ou quatro.

Quarta, dia 5

Um País em contraste. Entramos para o Comité dos Direitos de Autor da Unesco, ganhamos um concurso de barítonos, assinamos com a Espanha um acordo de cinema e, graças a Fernando Pessoa, estamos expostos no Luxemburgo. Entretanto, nos transportes 80% de nós andamos de passe na mão, no ano passado, comprámos menos casas para morar, e, segundo a PJ, ultimamente, quando nos devem dinheiro e não nos pagam, em vez de irmos à Polícia, recorremos a capangas especialistas em «cobranças difíceis». Enfim, também nisto, estamos numa de privatização. O Sam, no «DN». comenta: «Eu sou mais português que o chefe / E pode saber-se porquê? / Sou mais pobre».

Quinta, dia 6

Desde hoje somos um bocado mais ricos: o salário mínimo aumentou 50 paus por dia e está agora em 31 500$00 por mês, que luxo! Nem tudo, porém, são orgias como esta: o ministro da Educação reconhece que na CEE os mais analfabetos somos nós (quando é que entra a Turquia?) e a Assembleia Municipal de Lisboa, por 35 a 24, decide que o Hospital Júlio de Matos não tem interesse público nenhum. Traduzindo: Lisboa está, desde hoje, livre para mais uma taveirada em grande. Com uma cidade cada vez mais assim, nem admira que os subúrbios se aproveitem para a satisfação das nostalgias. No Estoril, inaugura-se uma Feira de Artesanato. Se o dito não estivesse ali a piscar o olho aos turistas, dir-se-ia que enquanto a cidade se altera abrem extramuros os seus Museus Grévin.

Sexta, dia 7

Rui de Carvalho canta em Madrid, Gwyneth Jones em Lisboa e de Londres vem para o «DL» a notícia de que o Cinema S. Jorge afinal não fecha, pelo contrário abre mais salas.

Do estrangeiro, também, chega-nos esta: os portugueses ganham um sexto dos alemães, trabalham mais 309 horas por ano e gozam menos oito dias de férias. Decididamente, a CEE é um descanso e nós umas mulas de carga.

Alcobaça património mundial

O mosteiro de Santa Maria de Alcobaça foi proposto para integrar a lista de monumentos considerados património mundial, anunciou a Secretaria de Estado da Cultura.

A proposta foi apresentada pelo «bureau» do Comité do Património Mundial ao referido Comité, devendo o organismo pronunciar-se sobre a questão na sua próxima reunião, a realizar em Dezembro.

A decisão de construir o Mosteiro de Alcobaça é atribuída a D. Afonso Henriques, em cumprimento de um voto feito quando se dirigiu para sul à conquista de Santarém.

Poema inédito de Gertrude Stein

Um dos últimos poemas de Gertrude Stein vai ser publicado segunda-feira pelo correspondente norte-americano a quem ela o deu há 45 anos.

Frank Gervasi, de 81 anos, incluiu o poema no seu novo livro, «A Década Violenta».

Trata-se de 73 versos escritos em nove páginas de correio aéreo e começa: «Um grande pássaro voando alto / no céu / indica às avezinhas tranquilas / que é preciso lutar ou morrer».

O poema descreve a forma como as pequenas aves atingem repetidamente o grande pássaro, até ele cair num lago e se afogar: «E isto acontece em cada dia / tal como digo...» — conclui a norte-americana Gertrude Stein, que viveu grande parte da vida em França e faleceu em 1946, aos 72 anos.

Gervasi disse tratar-se de uma expressão de alegria pelo triunfo iminente da virtude sobre o mal, na altura em que a Segunda Grande Guerra Mundial estava prestes a terminar.

Rogério de Carvalho no TEAR

O encenador Rogério de Carvalho vai integrar a direcção artística da companhia portuense de teatro TEAR, disse à Lusa o actor António Capelo, presidente daquela direcção.

Segundo a mesma fonte, esta nova função de Rogério de Carvalho na companhia coincide com a a preparação da peça «O Cerejal» de Tchekov, que será encenada por aquele director e cuja estreia está prevista para Novembro.

«Esta nova produção do TEAR está dependente do subsídio pontual da Secretaria de Estado da Cultura», referiu António Capelo, acrescentando que Rogério de Carvalho vai «assumir o lugar deixado vago pelo encenador Castro Guedes».

O TEAR — Teatro Estúdio de Arte Realista — surgiu no Porto em 1977 com o espectáculo «O Doido e a Morte», e «O Avejão», de Raul Brandão e o seu último trabalho foi «Preparadise Sorry Now» de R.W. Fassbinder com a assinatura de Rogério de Carvalho.

De Julho de 1978 a Julho de 1982, o TEAR sediou-se em Viana do Castelo, tendo regressado ao Porto nesse ano e em 1985 inaugurou a sua sala de espectáculos Tearto.

UMA CARTA DA CÂMARA DE ALMADA

Da Câmara Municipal de Almada, subscrita por Nuno Gomes dos Santos, do respectivo gabinete de Imprensa recebemos a seguinte carta:

«NO jornal que V. Ex.ª dirige, na sua edição de 4 deste mês, num artigo publicado na página 25, intitulado 'Uma Almada de Postal Ilustrado', surgem afirmações que, por não serem de todo correctas, muito gostaríamos que pudessem ser corrigidas numa próxima edição do 'Diário de Lisboa', jornal que estimamos por nos ter habituado de há muito a uma abordagem objectiva dos assuntos que trata.

Desde já afirmamos que teremos muito prazer na visita da jornalista que assinou o artigo em referência, ou na de outro jornalista que V. Ex.ª entender enviar, para verificar, 'in loco', que temos razão no nosso protesto contra afirmações contidas no citado artigo.

Escrever que 'o concelho é uma terra triste' pode não ser grave, mas entristece-nos a nós que tal possa ser escrito, tanto mais que nele decorrem, neste momento, os 1.ºs Jogos Desportivos do Concelho de Almada, nos quais participam, alegremente, cerca de cinco mil jovens, e que são organizados pela Câmara Municipal, em estreita união com colectividades do concelho, que são cerca de 200. Este simples facto, aliado a outros dados como os grandes espectáculos populares com Herman José, Sérgio Godinho, Trovante, Naná Sousa Dias e outros, a grande participação dos arraiais populares integrados nas Festas da Cidade, a permanente presença de jovens na novíssima Casa da Juventude, o trabalho da Companhia de Teatro de Almada, sediado no também novo Teatro Municipal, que conjuntamente com a Câmara organiza este ano, pela sexta vez consecutiva, a Festa do Teatro, que actualmente decorre e que na sua edição do ano passado teve uma média de espectadores, por espectáculo, que superou as cinco centenas, prova que Almada está longe de ser o dormitório que em tempos foi. Porém, no artigo em questão lê-se: 'a zona de veraneio que foi e o dormitório que é.' Ora, quanto ao 'dormitório', como V. Ex.ª decerto percebeu pelo que atrás ficou escrito, é falso que Almada o seja, neste momento. E, quanto à 'zona de veraneio que foi', basta referir os novos hotéis da Costa de Caparica e a necessidade que a Câmara teve de adquirir quatro novas máquinas para a limpeza das duas dezenas de quilómetros de areal que será usado pelos sete milhões de veraneantes que se prevêem para este ano para refutar em absoluto essa afirmação.

Mais grave, porém, é o excerto que passamos a transcrever: 'Se a Câmara de Almada prestasse um pouco mais de atenção à história da *Outra Banda*, que já foi um paraíso, talvez descobrisse também que ela poderá deixar de ser um pesadelo. Para já, bastava uma política municipal de protecção aos poucos núcleos históricos que ainda existem e uma maior divulgação das obras sobre a história do concelho.'

Em primeiro lugar, sr. director, o próprio artigo afirma que os livros sobre 'Almada Antiga e Moderna' estão esgotados e que o terceiro volume está a ser preparado, o que, por si só, desmente a sua pouca divulgação. Quanto à falta de uma política municipal de protecção aos núcleos históricos, trata-se de uma afirmação, mais ainda do que as anteriores, que revela um perfeito desconhecimento das realidades da Almada de hoje. E isto porque existe em funcionamento, na Câmara de Almada, o Gabinete de Núcleos Históricos, com um vasto trabalho desenvolvido, entre os quais uma brochura intitulada, precisamente, 'Estudos para um Plano de Salvaguarda' dos núcleos históricos do concelho de Almada...

Por tudo isto que escrevemos — e muito mais poderíamos ter escrito, se não temêssemos abusar da paciência de V. Ex.ª — cremos ser justa a rectificação que pedimos. Longe de nós pensar que a jornalista agiu de má-fé, nem tal se perceberia num jornal como o 'Diário de Lisboa'. Estamos em crer que se tratou, apenas, de uma abordagem da questão em causa sem conhecimento da dita e com dados anacrónicos e atávicos. Que facilmente poderão ser actualizados.

Por isso renovamos o nosso convite para uma visita a este concelho, no sentido de, nos próprios locais, se verificar que a razão está do nosso lado. Nem outra coisa poderia justificar esta carta.»

A resposta

Marina Tavares Dias

PALAVRAS que se lançam aos mistérios da opinião pública regressam sempre com as reacções mais inesperadas. Decididamente, esta carta da Câmara Municipal de Almada é uma agradável surpresa. A minha resposta será breve, pois parece-me absurdo fomentar uma polémica:

1) O texto por mim assinado a respeito de Almada corresponde a uma ideia apenas minha de me deslocar a uma exposição importante porque: a) conheço o mercado cartófilo e sei que os postais ilustrados de Almada são, regra geral, exemplares raros e preciosos; b) ao contrário daquilo que Nuno Gomes dos Santos deduz, eu tenho alguma estima por Almada, porque lhe conheço a História.

2) Escrever que o concelho é uma terra triste é narrar as evidências. A actual vereação não tem culpa de ter herdado os resultados de décadas de um crescimento desordenado que transformou Almada em dormitório de Lisboa (e o outrora belíssimo porto de Cacilhas em plataforma giratória para periferias mais longínquas). O facto de decorrerem em Almada festivais, jogos, exposições, concertos ou sardinhadas não tem nada a ver com o assunto. Ou tem?

3) Quando falei em «zona de veraneio» é por de mais óbvio que me referia precisamente ao contrário de complexos hoteleiros na Costa da Caparica para receber sete milhões de pessoas. Como Nuno Gomes dos Santos deve saber, isso é coisa de hábitos recentes no concelho de Almada, e nada tem a ver com as imagens dos postais ilustrados.

4) Omiti as razões pelas quais considero que a CMA fez uma má divulgação da obra «Almada Antiga e Moderna». Porque omiti isto: Em 1986, procurei o primeiro volume em cinco grandes livrarias de Lisboa e tive de o encomendar na sexta onde perguntei por ele. Na Feira do Livro de Almada, ninguém me soube dizer se a obra será reeditada ou não. Omiti também uma informação recolhida sem que o autor (Alexandre M. Flores) o saiba: a pesquisa destes livros não contou com qualquer subsídio por parte da Câmara e o autor não recebeu um centavo de direitos pela edição da obra. Parecem-me inúteis quaisquer comentários...

5) Registo a existência de um Gabinete de Núcleos Históricos na CMA, ao qual, já agora, peço uma informação: onde pára o farol de Cacilhas (está mesmo nos Açores)? E o chafariz da terra, que destino levou?

Gostaria muito que, desta vez, a vossa resposta a estas perguntas me fosse dirigida pessoalmente. Talvez, quem sabe, até justifique nova visita a Almada; coisa que muito poucos lisboetas farão — como eu faço — apenas pelo gosto. Já podem ver as hipóteses de ter ido de «má fé»...

Cacilhas antiga; o farol já desaparecido

TURAL TEATRO CULTURAL

CANTARES ALENTEJANOS EM BEJA

A partir das 20,30 de hoje, com o desfile de cerca de trinta grupos corais, o centro da cidade de Beja vai ser palco, uma vez mais, da manifestação folclórica mais importante da região: o Concurso de Cantares Alentejanos.

Cinco foram as instituições locais que se juntaram para que esta iniciativa se tornasse posível - a Associação para a Defesa do Património Cultural da Região de Beja, a Associação de Municípios de Distrito de Beja, o Instituto da Juventude, o INATEL e a Câmara Municipal de Beja.

Como é sabido, o canto alentejano, representado nos últimos cinquenta anos através de grupos corais implantados por toda a região, constituem ainda a alma do povo baixo-alentejano.

Embora se encontre, actualmente, organizado e com ensaios regulares, desde tempos imemoriais que os poetas e as vozes populares faziam ecoar nos campos de trigo e nas tabernas, o trinar de um som morno, que definia por música as suas dores e os seus amores.

Assim, logo à noite, pelo centro de Beja, vão ecoar as modas sobre o trabalho, a natureza e o amor que, malgrado certas modernidades, os jovens ainda entoam quando se encontram em grupo. Porque o canto baixo-ribatejano é um canto colectivo, e continua a ser amado pelas populações.

Com estes concursos, as cinco entidades organizadoras pretendem também estimular a qualidade dos grupos corais, incentivar a criação de novos grupos (adultos e juvenis), estabelecer o convívio e o conhecimento inter-grupos, animar a cidade e a região e divulgar o canto alentejano.

EXPOSIÇÕES

MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA: até 9 de Julho, a exposição "Café Noir" , do Concurso Europeu de Chávenas de Café.

MUSEU NACIONAL DO TRAJE: até 20 de Agosto, a exposição "Palhaços" - Bonecos de Raquel, especialmente dedicada às crianças. "Textura no Espaço" Tapeçarias de Gizella Santi. Como Joia do Mês, "Colares de Zolotas". Patentes, em exposição permanente "Técnicas de tecelagem e estampagem manual".

MUSEU NACIONAL DO TEATRO: a exposição "Amália Rodrigues, 50 Anos".

MUSEU NACIONAL DO AZULEJO: Azulejos de Maria Keil; a exposição permanente "Núcleos dos Séculos XVI e XVII; Cerâmica no AR. CO.

MUSEU DE ETNOLOGIA (Av. Ilha da Madeira - Restelo): a exposição "Artefactos Melanésios-reflexões pós-modernistas".

BIBLIOTECA NACIONAL. até 8 de Julho, patentes duas exposições, de segunda a sábado das 10 às 19 horas: de Manuel Casimiro, pinturas para "Mensagem" de Pessoa e gravuras para "Preparations" de Michel Butor. Também em exposição, manuscritos e livros antigos, adquiridos no passado mês de Abril na Alemanha Federal.

FACULDADE DE ARQUITECTURA DE LISBOA (L. da Academia de Belas Artes, 2-2º): até 28 de Julho, dias úteis das 9 às 18, uma exposição de António Cerveira Pinto , com apresentação do seu livro "O Lugar da Arte".

JERÓNIMOS (Coro da Igreja): a exposição "O Rosto de Camões", organizada pela Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos.

GALERIA DE ARTE DOS CTT (Forum Picoas): até 8 de Julho, de segunda a sexta das 11 às 19, Pintura de Isidro Bigares.

GALERIA TEMPO (R. Nova de S. Mamede, 17-A): até 30 de Julho, Cerâmica de Teresa Torres.

GALERIA YGREGO (Av. António Augusto de Aguiar, 13 C): até 31 de Julho, de segunda a sexta das 9,30 às 20, sábados das 9,30 às 13, Desenho, Pintura e Escultura de 8 artistas: Carlos Cobra, Renato Cruz, Jean-Jacques Dournon, Eduardo Luiz, Maria Helena Matos, Eugénia Noronha, Nuno San-Payo e Jorge Silva.

GALERIA ARA (Centro Comercial Libersil, loja 48-Av. da Liberdade, 38): até 10 de Julho, todos os dias das 10 às 22, pintura de Rui Azevedo e escultura de João Honório.

GALERIA ARTELA (R. Prof. João Barreira, loja 15 - Telheiras): até 30 de Julho, pintura de Júlio Resende, Manuel Cargaleiro, Noronha da Costa e Paulo Ossião.. De terça a domingo, das 15 às 20.

GALERIA FONTE NOVA (Est. de Benfica, 503): Pintura de Victor Lages.

GALERIA RESTAURAÇÃO (Av. Guerra Jumqueiro, 18-C): até 23 de Julho, aguarelas de Alfredo da Conceição.

GALERIA MIRON (R. do Mirante, 14 r/c): até 28 de Julho, de segunda a sábado das 15 às 20, exposição de Arte Contemporânea Portuguesa.

GALERIA TRIÂNGULO 48 (Av. D. Vasco da Gama, 48 a): até 29 de Julho, em exposições obras de Bernardo Marques, Espiga Pinto, Luís Fega, Felippa Lobato, Jorge Freire, Justino Alves, Manuel Filipe, Maria Gabriel, Maria Beatriz, Miotta, Romy Castro e Victor Fortes.

CENTRO DE ARTE SOCTIP (R. de D. Estefânia, 195 D): até 18 de Julho, exposição dos seleccionados do Prémio Soctip/Jovens Pintores.

A PRIMEIRA PORTA (Av. 5 de Outubro, 1): Joias e Esculturas de Gordillo.

ESPAÇO GALERIA DO UNIBANCO (Av. António Augusto de Aguiar, 122): guaches originais do pintor Barros.

GALERIA DIFERENÇA (R. S. Filipe Nery, 42): até 30 de Julho, duas exposições "Corpo da Terra", fotografia de Curado Matos e "Jogos", pinturas de Rogério Silva.

GALERIA INTERNI (R. Rodrigo da Fonseca, 51): até 29 de Julho, de segunda a sexta das 10 às 14 e das 15 às 19,30 e sábados 9 às 13, pintura em azulejo de Maria José Botelho de Brito.

ESCOLA SECUNDÁRIA DE CAMÕES: até 15 de Julho, de segunda a sexta das 10 às 12 e das 14 às 18, pintura e gravura de Marília Viegas.

GALERIA A JANELA VERDE (R. do Olival, 9): de segunda a sexta das 14 às 20, exposição de mobiliário de Jorge Dentinho.

PALÁCIO DOS CORUCHÉUS (R. Alberto de Oliveira-Alvalade): Pintura de Margarida Ghira.

SALA DE ARTE TEMPLÁRIOS (R. Flores de Lima, 8 - junto ao Quarteto): até 31 de Julho, das 12 às 24, Pintura de Luzia Elias Garcia e Rui da Rosa.

FOTO-GALERIA 12 A (Costa do Castelo, 12-A): até 14 de Julho, de segunda a sábado das 9,30 às 13,30 e das 15,30 às 19,30, uma exposição de Manuel Fabeiro.

GALERIA QUADRUM (R. Alberto de Oliveira, 52-Alvalade): até 31 de Julho, de segunda a sexta das 10 às 13 e das 15 às 20 e sábados das 15 às 19, "Meridionais" de João da Rosa (pintura 1989).

GALERIA JOÃO HOGAN (R. Voz do Operário, 13): até 14 de Julho, de segunda a sexta das 14 às 20, Escultura AR. CO, com trabalhos de Francisco Peres, Gilberto reis, Noémia Leal e Paulo Ferreirim.

GALERIA 111 (Campo Grande, 113): até 15 de Julho, de segunda a sexta das 10 às 13 e das 15 às 19,30 e sábados das 10 às 13, Pintura de Paula Rego.

GALERIA DA BERTRAND (R. Anchieta, 23): até 14 de Julho, para início da colaboração da Bretrand com o grupo Monumental, a exposição de pinturas de João Queiroz

ALLIANCE FRANÇAISE (R. Braamcamp, 13-1º): até 21 de Julho, a exposição de Carlos Carneiro "Paris, óleos e aguarelas".

GALERIA DE S. FRANCISCO (R. Ivens, 40):até 22 de Julho, de segunda a sexta das 10 às 13 e das 15 às 19 e sábados das 10 às 13, uma exposição colectiva de Artur Bual, Hilário Teixeira Lopes, Marília Viegas e Rogério Amaral.

SNBA (R. Barata Salgueiro, 36): exposição de trabalhos dos alunos do 2º ano de Iniciação à Pintura orientado pelo pintor jaime Silva.

GALERIA DE SANTA JUSTA (R. de Sta. Justa, 93-2º): até 15 de Julho, de segunda a sexta das 15 às 20, a exposição de pintura e escultura de Abílio, Artur Bual, Bismark, Chichorro, Eduardo Abrantes, João Paulo, Maria Garnel, Rui da Rosa, Teresa Vasconcelos e Vítor Pi.

CENTRO EUROPEU DE LÍNGUAS (Av. Padre Manuel da Nóbrega, 3-A): Pintura de Eduardo Lemos.

GALERIA DE S. MAMEDE (R. da Escola Politécnica, 167): uma colectiva de Pintura com obras de Alda Nobre, Jaime Lebre, José António Cardoso, Luís Camacho e Teresa Silva.

GALERIA TAPEÇARIAS DE PORTALEGRE (R. da Academia das Ciências, 2-J): até 24 de Julho, esculturas de Sérgio Taborda. De segunda a sexta das 10 às 13 e das 15 às 19,30.

GALERIA MULTIFACE (C:C. Gemini loja 65-R. Sousa Lopes): Pintura de Felippa Lobato.

MUSEU MUNICIPAL DE LOURES: até 11 de Julho, Pintura de Sewen Situ.

EDIFÍCIO DA PATRIARCAL (Vila Franca de Xira): até 31 de Agosto, a I Bienal de Fotografia de Vila Franca de Xira

PALÁCIO NACIONAL DE SINTRA: na Sala das Galés, a IV Exposição de Artes Plasticas "À Descoberta do Palácio Nacional de Sintra".

O OUTRO LADO DO ESPELHO (R. dr. Alfredo Costa, 14-**Sintra**): para comemoração do 1º aniversário da galeria, até 12 de Julho, a exposição "Alice" com novos trabalhos de Eduardo Azenha, João Dionísio, Gerda Winther, Marina, Cecília Melo e Castro, Mok, Paulo Guilherme, Elsa Ramalho, Hugo Ferrão, Cornélia Du Marais, Luís Andrade, António Pocinho, Maria José Ferreira, João Amaral, Gil Perdição, Joaquim Santos e João Branco. Paralelamente, lançamento do livro "Ex Posições" de Luís Filipe sarmento, colaborador literário e artístico d' O Outro Lado do Espelho.

GALERIA O PATAMAR (R. da Ferraria, 13 - **Sintra**): até 14 de Julho, pintura de Cândida Cunha.

ATELIER E. C. (Várzea de Colares): até 16 de Julho, aos sábados, domingos e feriados das 12 às 20, quartas e sextas das 16 às 19, Pintura de Francisco de Oliveira.

GALERIA DA PRAIA DAS MAÇÃS: até 20 de Julho, as exposições"Cores e Formas" de Francisco José Simões e "Toiros-Serra e Mar" de José Noel Perdigão.

GALERIA ARTE VÍDEO (Centro Comercial Piedense-**Cova da Piedade**):Uma colectiva de artes plásticas, com trabalhos de Cargaleiro, Jorge Barradas, Escada, Leal da Câmara, Rui Viana, Adão Rodrigues, Kira, Pé Curto, Bronze, Albino Moura, Louro Artur, Rogério Amaral, Victor Ferreira, Frederico Mendes, José Azevedo e Aurora Bargado.

Farmácias

MÉDICO DE URGÊNCIA 76 61 71 / 76 61 78 / 76 61 79

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE (Sábado) — ALVALADE: Zil, Av. da Igreja, 9-D (T. 891780); **BAIRRO ALTO: Azevedo Irmão & Veiga**, R. da Misericórdia, 24 (T. 323540); **SAPADORES: Zema**, R. General Justiniano Padrel, 21-A (T. 832580); **BENFICA - CEMITÉRIO: Simões**, C. do Tojal, 102-A (T. 749649); **CALVÁRIO - ALCÂNTARA: Calvário**, R. José Dias Coelho, 4 (T. 631635); **CAMPO DE OURIQUE - PRAZERES: Ourique**, R. Freitas Gazul, 32-B (T. 671667); **CAMPOLIDE: Central de Campolide**, R. General Taborda, 17 (T. 680304); **ENCARNAÇÃO: Zira**, P. das Casas Novas, 5-A (T. 311216); **ESTEFÂNIA: Estefânia**, R. Pascoal de Melo, 90 (T. 544438); **LUMIAR: São Tomé**, E. do Desvio, lote 12-C (T. 790704); **MARQUÊS DE POMBAL - PICOAS: Correia de Almeida**, Av. Fontes Pereira de Melo, 21-B-C (T. 547385); **OLIVAIS SUL: Marta**, R. Cidade de Nampula, Edifício Paris, lote 534 (T. 333696); **PICHELEIRA: Marluz**, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **BRANDOA - AMADORA: Brito**, R. 25 de Abril, lote 32-B (T. 995338); **CARNAXIDE: Central de Carnaxide**, Av. de Portugal, 16-B (T. 4184913); **ODIVELAS: Central de Odivelas**, Al. Infante D. Henrique, 1 (T. 9811203); **PONTINHA: Leitão Ribeiro**, R. A do Falcão, 3-A (T. 993912).

PERMANENTE (Domingo) — ALFAMA: Costa, R. das Escolas Gerais, 88-A (T. 863940); **ALTO DE SANTO AMARO: Teles**, R. João de Barros, 2, frente (T. 638176); **ALVALADE: Belo**, Av. de Roma, 53-A (T. 776314); **BENFICA - PORTAS DE BENFICA: Progresso**, E. A-Damaia, 64-C (T. 702226); **CAMÕES - SANTA CATARINA: Combro**, C. do Combro, 82 (T. 326059); **CAMPO DE OURIQUE: Porfírio**, R. Francisco Metrass, 59-B (T. 663349); **CAMPO PEQUENO - APOLO 70: Campo Pequeno**, Av. Júlio Dinis, 10, loja 18-19 (T. 771661); **CHILE - ALTO DE SÃO JOÃO: Vitalis**, R. Morais Soares, 69-C (T. 841779); **LICEU PEDRO NUNES: Janeiro**, Av. Álvares Cabral, 96-100 (T. 661453); **LUMIAR - QUINTA DAS MOURAS: Matos Viegas**, Av. Rainha D. Amélia, 34-B (T. 794174); **OLIVAIS SUL: Antunes Rosas**, P. Cidade do Luso, lote 199 (T. 313610); **CARNAXIDE: Central de Carnaxide**, Av. de Portugal, 16-B (T. 4184913); **COLINA DO SOL - BRANDOA - AMADORA: Vidal Reis**, Urbanização Alfornelos, célula G, lote 35 (T. 996540); **ODIVELAS: Joleni**, R. Dr. Alexandre Braga, 3-B (T. 9810812); **PONTINHA: Pontinha**, E. de Santo Elói, 4, lote SE (T. 479220).

Outra Banda — ALMADA: Nuno Álvares, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 39 (T. 2750504). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Avelar da Silva**, R. Dr. Alberto Araújo, 19-A (T. 2750337). Permanente; **MONTE DE CAPARICA: Guerreiro**, lote 31-I-J, Moinhos (T. 2950727). Até às 19 horas; **COSTA DE CAPARICA: Chai**, Av. General Humberto Delgado (T. 2403218). Até às 19 horas; **FEIJÓ: Feijó**, R. Borges Rego, 7 (T. 2290911). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Lopes**, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028). Até às 19 horas; **LAVRADIO: Parreira**, R. D. Silva Cristino, 15-A (T. 2042016). Até às 19 horas; **BARREIRO: Mascarenhas Neto**, R. D. Francisca Azambuja (T. 2074446). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Universo**, E. Nacional, 10 (T. 2290084). Até às 19 horas; **CORROIOS: Cardoso**, R. da Liberdade, 59 (T. 2041044). Até às 19 horas; **CRUZ DE PAU: Duarte Ramos**, R. de Bafatá, 11, loja 30, Centro Comercial Belsul (T. 2243143). Permanente; **ARRENTELA: Ana Branco**, Quinta da Murtinheira (T. 2215590). Até às 22 horas; **MONTIJO: Higiene**, R. José J. Marques, 142 (T. 2310370). Até às 22 horas; **MOITA: Silva Rocha**, P. da República, 16 (T. 2390029). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Portugal**, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 2040250). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Nunes**, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 2340137). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Isabel**, L. Batalha Viso, lote 86 (T. 21677). Permanente; **Lisboa**, R. Dr. Paulo Borba, 70 (T. 22248). Permanente; **Tavares da Silva**, R. das Gaivotas, 68 (T. 29316). Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGÉS: Cabrita, P. de Miraflores, lote 12 (T. 4101486). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Pinto**, R. Antero de Quental, 9 (T. 4190610). Permanente; **PAÇO DE ARCOS: Godinho**, Av. Patrão Lopes, 4 (T. 2432039). Permanente; **OEIRAS: Sacor**. Permanente; **CARCAVELOS: Vilar**, Av. Maria da Conceição, lote B (T. 2470777). Permanente; **PAREDE: Junqueiro**, R. de Luanda, lote 5 (T. 2477838). Permanente; **CASCAIS: A. Costa**, R. Freitas Reis, 24-C (T. 280214). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: Heleno, R. 1, lote C, Reboleira Sul (T. 964476). Permanente; **Carlos**, R. Sebastião da Gama, 28-B, Casal de São Brás. Até às 22 horas; **Clabel**, R. António Sardinha, 23-D (T. 4938551). Até às 22 horas; **QUELUZ: Gil**, Av. Miguel Bombarda, 28 (T. 4350117). Permanente; **CAMARATE: Batalha**, R. Avelino S. Oliveira, 5 (T. 2571069). Até às 19 horas; **CACÉM: Central**, R. Elias Garcia, 55 (T. 9240034). Permanente; **ALGUEIRÃO: Vítor Manuel**, E. de Algueirão, 123 (T. 9217814). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA: Dumas Brousse**, C. da Rinchoa, 2 (T. 9260404). Até às 22 horas; **SINTRA: Misericórdia**, Pendoa, 17 (T. 9232747). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 9290088); **SÃO PEDRO DE SINTRA: Valentim** (T. 9230456). Permanente.

Outras Farmácias — MOSCAVIDE: Varela, Av. de Moscavide, 44-B (T. 2518520). Permanente; **SACAVÉM: Soares**, R. José L. Morais, 15-A (T. 2518025). Permanente; **LOURES: Saraiva**, Av. da República, 86 (T. 9830027). Permanente.

Porto — DE DIA E TODA A NOITE — LIGA DAS ASSOCIAÇÕES DE SOCORROS MÚTUOS, R. do Bonjardim, 286; **ANTIGA PORTA DO OLIVAL**, Campo dos Mártires da Pátria, 122, à Cordoaria; **BORRALHO**, Av. Fernão de Magalhães, 692; **CORREIA**, P. Mousinho de Albuquerque, 78; **DA PRELADA**, R. Central de Francos, 316.

Coimbra — FIGUEIREDO, R. da Sofia, 107-109 (T. 22937); **LOPES RODRIGUES**, R. Fernandes Tomaz, 4, ao Arco de Almedina (T. 22634).

DL CULTURA E ESPECTÁCULOS

À grande e à francesa

O 14 DE JULHO EM LISBOA

A Praça do Município, em Lisboa, vai ser cenário, na noite de 13 de Julho, entre as 22 e a 1 hora da manhã, do grande baile comemorativo do bicentenário da Revolução Francesa.

Festa da amizade franco-portuguesa, é uma iniciativa da Alliance Française e conta com a participação da soprano Elvira Archer em árias de óperas e de José Mário Branco em canções revolucionárias. A orquestra para o baile é composta por Michel, José Martins, José Peixoto, Paulo Curado e Vítor Milhanas. Haverá fogo-de-artifício, animações diversas e uma exibição da fanfarra da Guarda Republicana.

No dia seguinte, data do bicentenário da Tomada da Bastilha, também às 22 horas, realiza-se a Festa da Fraternidade no Pátio do Palácio Nacional da Ajuda.

Organização do Institute Franco-Portugais, trata-se de um espectáculo com a participação de chilenos, cabo-verdianos, portugueses, franceses, isto é, um encontro de povos de expressões várias que numa mestiçagem de géneros, onde convivem músicos, actores, pintores e artistas de circo, partilham a vontade de festejar as aspirações da Revolução de 1789.

No espectáculo, que se chama «Bastilha», intervêm o Teatro Experimental de Cascais (que em Agosto estreará «A Morte de Danton», de Buchner), artistas da Escola de Circo-Colectividade Cultural e Recreativa de Santa Catarina, o pintor francês Jacques Bernar, o grupo Quilapayun, do Chile, e os cabo-verdianos do conjunto Tubarões.

Outra das manifestações culturais previstas no programa das comemorações é a exposição «As Cores da Revolução», que de 15 de Julho a 10 de Setembro vai estar patente ao público na Galeria de Pintura do Rei Dom Luís, no Palácio Nacional da Ajuda, reunindo obras de Jacques Bernar e de pintores portugueses que viveram e trabalharam em França, como Pedro Avelar, René Bertholo, Gracinda Candeias, Cargaleiro, Lurdes de Castro, Vasco Costa, António Dacosta, Gonçalo Duarte, José Escada, Jacinto Luís, Eduardo Luiz, João Nascimento, Costa Pinheiro, Júlio Pomar, Henrique Silva, Vieira da Silva e João Vieira.

Entretanto, no Institute Franco-Portugais, vão estar patentes as seguintes exposições: de 5 a 28 de Julho, «La Revolution a l'Affiche», dois séculos de «imagerie» republicana, com cartazes provenientes de França, dos Estados Unidos e da América Latina, e também projectos de cartazes realizados por alunos da Escola de Belas-Artes de Lisboa; de 6 a 28 de Julho, «Revolutions», esculturas, instalações e esboços de cenografias de Óscar Armitano, artista venezuelano residente em Portugal.

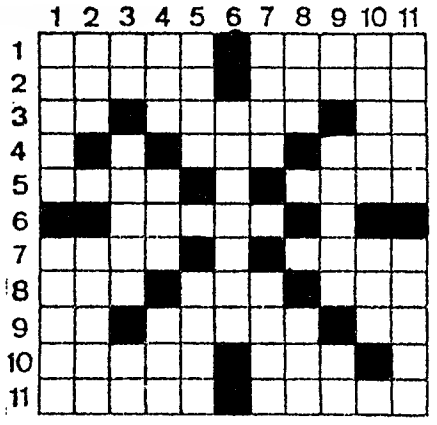
Sob a égide da Embaixada Francesa, por iniciativa da Alliance Française de Lisboa, a festa está aberta a todos os amigos portugueses da França que queiram comemorar uma época rica e perturbada de onde surgem duas imagens sempre vivas na memória colectiva: «Liberdade, Igualdade, Fraternidade» e a «Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão», datada de Agosto de 1789.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 16 500

HORIZONTAIS:

1 Equipar. Gemer (fig.).
2 Bruma. Não nascida.
3 Nesse lugar. Socorra. O mais.
4 Arara. Dá aviso de alguma coisa em voz alta.
5 Prendas. Içar.
6 Efectivos.
7 Aquele que. Baú.
8 Cantão da Suíça. Cabelos brancos. Rate (inv.).
9 Caminhar. Unes pelo casamento. Concede.
10 Flutuam. Lista. Artigo definido.
11 Bailarina cigana, espanhola, já falecida. Guarneceis de asas.



VERTICAIS:

1 Em má hora (ant.). Canto.
2 Monarca. Dão urros.
3 Nota musical. Tempo do verbo ser. Oferece.
4 Governanta. Preposição. Tomba.
5 Casta. Artigo definido. Leito.
6 Tramaras.
7 Existência. Cura.
8 Nome de mulher. Solitários.
9 Gálio (s.q.). Prendera com elos. Nota musical.
10 Uma das ilhas Jónias. Código.
11 Amofinar. Tribo indígena brasileira.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **16 499**

HORIZONTAIS:

1 Parra. MUITO.
2 Atuas. Armar.
3 Iró. Lá.
4 Erva. Maltês.
5 Cia. Cós. Ais.
6 És. Ar. Ae.
7 Ostreiro.
8 Era. Aotos.
9 Urra. Será.
10 Acampar.
11 Mesa. Assola.

VERTICAIS:

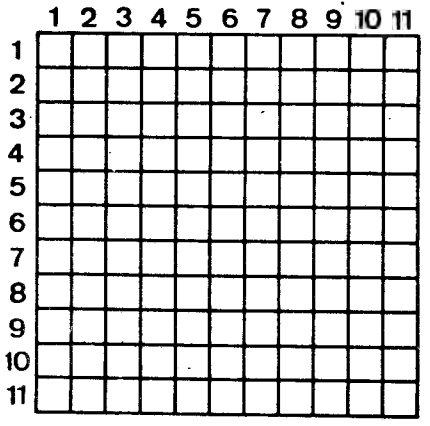
1 PADECE. QUEM.
2 At. Riso.
3 Ruiva. Serás.
4 Rara. Traça.
5 Aso. Cara.
6 More. AMA.
7 Malas. Ia. Ps.
8 Ural. Irosas.
9 Im. Tas! Otero.
10 Tareia. Or.
11 Orasse. Sara.

PROVÉRBIO: Muito padece quem ama.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 17 687

HORIZONTAIS:

1 Arquipélago da Malásia, no mar da China.
2 Antiga cidade da Bética. Destino (fig.).
3 Romance de Emílio Zola. Apre!
4 Idem. Indolência.
5 Cidade de Portugal. Brisa.
6 Em a. O mais. Duzentos e dois em romano.
7 Decímetro. Ataviara.
8 Isto é. Ratar.
9 Nome do trono imperial da Etiópia. Momices.
10 Armaria. Carta de jogar. Antepassado.
11 Guarnecei de asas. Tirar a cortiça.



VERTICAIS:

1 República do Norte da Europa, no Báltico.
2 Naquele lugar (inv.). Freguesia do concelho de Santo Tirso.
3 Manteiga fresca, na Índia. Grande.
4 Indignada. Ave conhecida na Amazónia como pássaro-trombeta.
5 Duas consoantes desiguais. Médico dinamarquês que recebeu o Prémio Nobel da Medicina em 1943.
6 Três em romano. Aumentam.
7 Reis. Na filosofia fenomenológica, o acto de conhecer ou de pensar algo.
8 Vila e sede de concelho (Portalegre).
9 Transpirar. Missivas.
10 Undécimo mês do calendário árabe. Ovário dos peixes.
11 Pegaria. Ribeira de Portugal.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **17 686**

HORIZONTAIS:

1 Lanhelas. Se.
2 Aviaram. Sal.
3 Vi. Moradas.
4 Rs. Açorar.
5 Adi. Irão.
6 Domariam.
7 Aço. Arrisca.
8 Sarar. Iró.
9 Sol. Caãs.
10 Coseras. Ivã.
11 Asamos. Baio.

VERTICAIS:

1 Lavradas. Ca.
2 Avis. Ocasos.
3 Ni. Amorosa.
4 Hamadã. Além.
5 Ero. Irar. Ro.
6 Lara. Ir. Cãs.
7 Amaciarias.
8 Dormira.
9 Sara. Sósia.
10 Sasão. Vi.
11 El. Cartão.

Rádio

Antena Um
Desdobramento em Onda Média-Emissores do Litoral Continental e 99,4 em FM--Zona de Lisboa

16.00: Sons e reflexos; **20.00**: No estúdio e no estádio. Noticiários de hora a hora.

Onda Média-FM Estéreo

16.00: Play list, Antena 1; **17.00**: Meio tom; **19.00**: Actual; **20.00**: Sábado suave; **23.00**: Música portuguesa; **23.30**: Tempo de teatro. Noticiários de hora a hora.

Rede Nacional-FM2 Estéreo

17.00: Efeméride; **18.00**: Suites orquestras, de Max Reger, Carl Nielsen e Ib Norholm; **19.00**: Álbum musical; **20.00**: O timbre do dia, o órgão; **20.40**: Esta madrugada no Dois; **21.00**: Música; **22.00**: Música e músicos portugueses; **23.00**: Eurorádio; **00.45**: O timbre do dia, o órgão; **02.00**: Jazz na madrugada em disco compacto. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média
(283, 290 e 397m)

15.00: Fim-de-semana; **20.00**: Genérico; **21.00**: Fim-de-semana; **23.00**: 24.ª hora; **01.00**: Noites de festa. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

16.00: Lança-chamas; **18.00**: Country music, música da América; **20.00**: O rock pode esperar; **22.00**: Discoteca; **02.00**: Noite de festa. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Canal 1-Rede Nacional de OM e FM

14.00: Frente desportiva; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Semana a semana; **20.00**: Sombral/sol; **20.30**: Conversa de amigos; **21.00**: Hora dos clássicos; **22.00**: Dá a mão ao teu próximo; **23.00**: Bola branca; **23.30**: Suplemento especial da BBC; **23.55**: Meditando.

RFM-Canal 2-Rede Nacional de FM Estéreo

14.00: Pepsi top 40; **17.00**: Espaço musical; **18.00**: Obla-di-obla-da; **19.00**: Zona verde; **20.00**: Rios negros; **23.58**: A vida também se diz.

Voz do Alentejo

15.00: Largo da Sé; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Especial sete.

Voz do Alto Tâmega

14.00: Frente desportiva; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Sintonia vesperal.

SÁBADO TELEVISÃO

RTP 1

17.20 - Crime, Disse Ela
24º Episódio

18.05 - Vivámúsica
18.50 - Lisboa
19.10 - Sete Folhas
19.45 - Totoloto
20.00 - Jornal de Sábado
21.15 - O Tempo
21.25 - As Noites de Belgrado e de Lisboa

Programa inserido nas Comemorações dos 1111 anos da cidade de Belgrado e dos 500 anos dos Descobrimentos Portugueses.

23.00 - Noites Revolucionárias

1º Episódio: Noite de 11 de Julho de 1789. Nada de extraordinário fazia prever os acontecimentos dos dois dias seguintes. Restif conhece três jovens revolucionários, Malibert, Saint-Florent e Dorival e ajuda-os quando eles são perseguidos por um grupo de aristocratas.

00.05 - Cinema da Meia-Noite

«Escândalo na TV»: Uma cadeia de televisão americana luta arduamente para superar as suas concorrentes nos índices da audiência. E parece ter encontrado um trunfo decisivo: um dos seus comentadores começa a adquirir o estatuto de verdadeiro profeta do pequeno ecrã. Tudo serve para surpreender e agarrar os espectadores.

Um filme de Sidney Lumet, com Peter Finch, William Holden, Faye Dunaway, Robert Duvall, Wesley Addy.

Duração: 121 minutos

RTP 2

16.00 - Estádio
Inclui: Campeonatos de Ténis de Wimbledon

19.30 - Quem Sai aos Seus...
25º Episódio

No 1º canal às 23.00, o 1º episódio da série «Noites Revolucionárias»

19.55 - Music Box
20.50 - Elogio da Leitura
38º Episódio

21.15 - A Saga do Padrinho
4º Episódio : Instalado em Lake Tahoe, Michael oferece uma sumptuosa recepção para celebrar a primeira comunhão do seu filho, em que participam centenas de convidados, incluindo a sua irmã Connie, que nunca lhe perdoou ter assassinado o seu marido.

22.05 - Segredos e Mistérios

«Ninja»: O termo Ninja refere-se ao povo que vivia nas regiões Ege e Kega do Japão, há aproximadamente 500 anos; era este o povo que praticava a arte de Ninja, ou seja, a arte de actuação furtiva, que se desenvolveu para combater as forças convencionais da época.

23.45 - Especial Desporto

Este «Especial Desporto» é inteiramente dedicado à transmissão dos campeonatos de ténis de Wimbledon.

Amanhã no 1º canal às 19.00, «O Justiceiro»

AMANHÃ

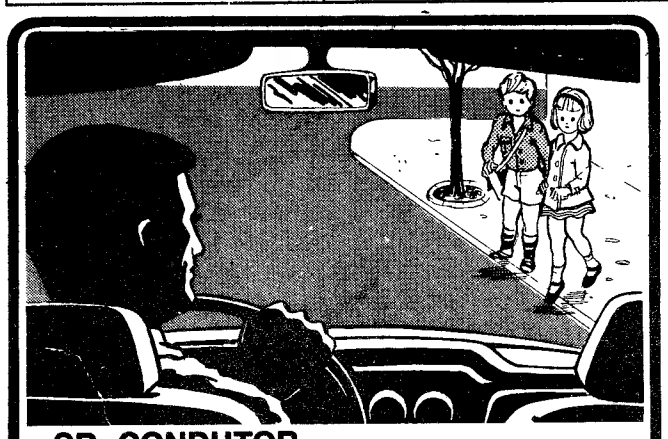
RTP-1

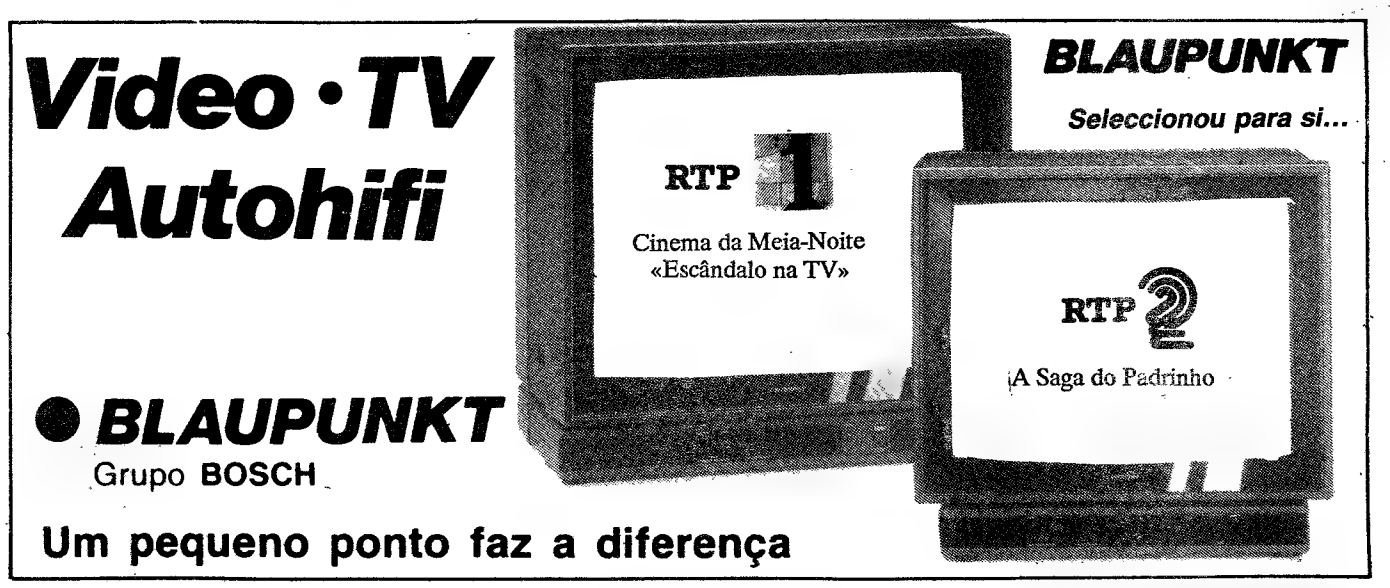
10.01 - Juventude e Familia
11.15 - Eucaristia Dominical
12.05 - 70 X 7
12.30 - TV Rural
13.00 - Noticias
13.10 - Por Todo o Ouro do Transval
14.05 - Alô, Alô
14.30 - Terra X
15.30 - Gala dos Pequenos Cantores da Figueira da Foz
17.00 - Jogos de Verão
19.00 - O Justiceiro
20.00 - Jornal de Domingo
20.30 - O Tempo
20.35 - Alf, Uma Coisa do Outro Mundo
21.05 - O Barco e o Sonho
22.20 - Domingo Desportivo

RTP-2

10.00 - Troféu
12.50 - Caminhos
13.00 - Novos Horizontes
13.20 - Troféu
18.00 - Derrick
19.00 - O Mundo em Extinção
20.00 - 17 Obras de Grandes Autores
20.50 - Lusitânia Expresso
21.25 - Artes e Letras
«David»
22.20 - Cineclube
«O Testamaneto de Orféu»

O «Diário de Lisboa» não se responsabiliza por alterações que a RTP introduza nesta programação e sobre as quais o jornal não seja informado em tempo devido.





PORTE PAGO
Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos**

Propriedade, Composição e Impressão: RENASCENÇA GRÁFICA, SA
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos: **RUA LUZ SORIANO, 44 — 1200 LISBOA**
TELEFONES. 3474870 (9 linhas de busca automática)
Serviço de noite (depois das 21): Porteiro: 3474870; Controlo (Produção): 3474871; Redacção: 3474872-3474873; Produção: 3474874; Montagem: 3474875; Rotativa: 3474876, Expedição. 3474877, Manutenção: 3474878
Endereço Telegráfico: DIBOA — Telex 12363 LISBOA PORTUGAL
Distribuição: INTERPRESS, Rua do Norte, 115-1.º — 1200 LISBOA
TELEFONES. 32 21 00 - 32 22 04 - 32 07 84
Preço do «DL» na Madeira: 75$00; Açores: 85$00

DEPÓSITO LEGAL: 1426/82

ÚLTIMA HORA

Alberto João Jardim e Mota Amaral são as grandes ausências do Conselho Nacional do PSD, que esta manhã principiou no Porto. Os trabalhos, presididos por Cavaco Silva, iniciaram-se com cerca de dois terços dos 178 membros daquele órgão, que se reúne pela primeira após as eleições de 18 de Junho. Antes de começar o encontro, o líder do PSD conversou a sós com Brochado Coelho, presidente da distrital do Porto, o que leva a pensar que a questão da Câmara do Porto deve ser um dos assuntos a debater.

GEOGRAFIAS

AO SABOR DA AVENTURA

Lourdes Feria

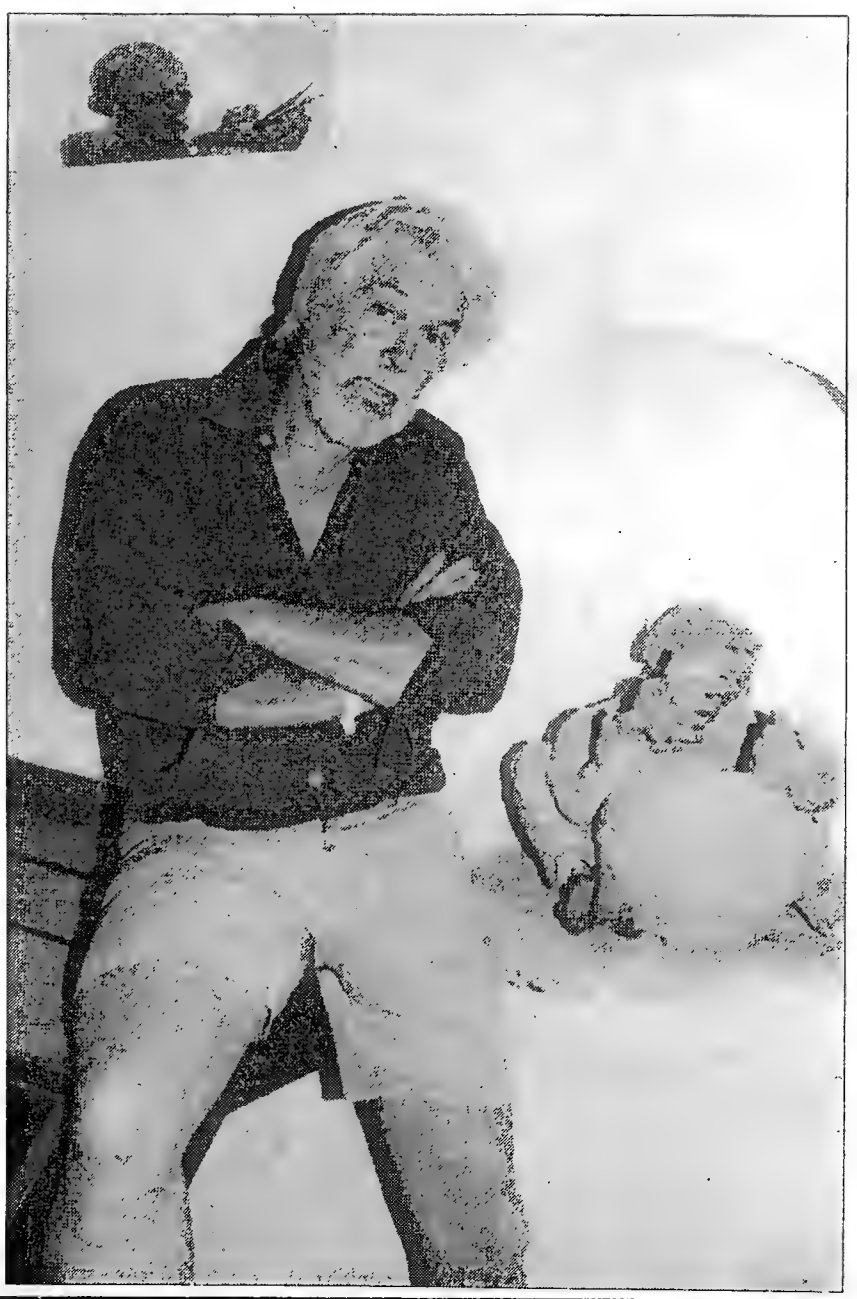
Na pacata povoação de Almoçageme toda a gente conhece e aprecia Jeremy Boultbee, um canadiano, nascido em Vancouver, cuja história é, de certo modo, aventurosa. Filho de ganadeiro, «um cow-boy» (diz rindo) fez o ensino primário, na Austrália, para onde a mãe o levou depois do primeiro divórcio, e o secundário na Inglaterra. Num colégio inglês muito rígido, em que ainda se usava o chicote para castigar os alunos mais avessos à disciplina. «O meu pai era um dos maiores criadores de bovinos do Canadá, com o aparecimento do método de inseminação artificial, em 1956, a sua explora-ção sofreu um colapso.»

Apesar da educação inglesa e de ter cumprido o serviço militar no Exército britânico sente-se, culturalmente, um canadiano. Em meados da década de cinquenta, integrado no regimento colonial Kings African Rifles combateu os Mau-Mau, no Quénia. «Tive um cabo chamado Idi Amin, aliás conheci-o quando foi «boxeur». Tipo enorme, de movimentos rápidos como um leopardo, e com uma força incrível. Era muito esperto, um excelente soldado.» A seguir andou, na Malásia e Singapura, na guerra contra os comunistas. «No Quénia, os ingleses limitavam-se a massacrar os pretos. Com os comunistas, já a nossa vida não era tão fácil pois estavam organizados e possuíam armas.»

Voltou para Inglaterra, «farto de toda aquela loucura», após o duro período em que treinou oficiais na selva. «Uma experiência interessante, ao fim e ao cabo, sempre me relacionei melhor com os colonizados do que com os pretenciosos ingleses. A verdade é que eles, do cimo da sua atitude colonialista, nunca me aceitaram, razão porque decidi regressar ao Canadá». Ei-lo jornalista do «Vancouver Sun» e, depois, do «Toronto Star», publicação onde trabalhou um americano que viria a tornar-se célebre. Trata-se de Ernest Hemingway, outro apaixonado pela terra africana. «Na qualidade de correspondente, como «free-lancer», desloco-me, de novo, a África. Estava familiarizado com a política local».

Jeremy Boultbee, na sua casa de Almoçageme, revolvida por profundas obras que ele próprio dirige, mostra-me uma quantidade de mapas. «Entusiasmam-me os mapas, ainda guardo todos os mapas do Exército», observa enquanto aponta a situação dos lugares que pisou. Em 1963 descobre Lisboa, antes da sua expulsão de Angola pela Polícia política portuguesa. O mesmo sucedeu-lhe em Moçambique, na região da Beira: rua do «nosso» território, a PIDE não perdoava. «Tudo se deve aos artigos que escrevi, de facto denunciavam os crimes cometidos naquelas colónias. Sendo politicamente um ingénuo, nessa altura, com 27 anos, comecei a pensar noutros termos mais sérios.»

No Canadá, casa-se, em segundas núpcias, com uma rapariga, de origem lituana. A primeira mulher era inglesa, do País de Gales. Teimoso reincide, desta vez com uma portuguesa. «Tenho quatro filhos que vivem no Canadá, três da primeira e um da número dois.» Só que o inquieto Jeremy, ainda continua a sê-lo, não suportava o quotidiano de um jornal de província, em Vitória. Na cidade de Toronto, o que nessa matéria havia, classifica-os de direita. «Os canadianos são ignorantes e conservadores», comenta. Desiludido com o jornalismo dedica-se à escultura, chegando a encetar uma experiência, a nível de ensino, com os índios do Norte, numa zona perto do Alaska. Desfeito o casamento, fixa-se em Málaga, no sul de Espanha, onde residia a mãe, senhora com sangue húngaro a incendiar-lhe as veias. Descendente da aristocracia da Europa Central, foi uma praticante incansável das viagens. Sem parar, especialmente no tempo da Segunda Guerra Mundial, acabou por morrer numa ponta da Península Ibérica. Estando tão perto, Jeremy Boultbee resolve, em 1971, rever Portugal. Mas, atenta, a PIDE manda-o embora, punindo-o pelas reportagens escritas nove anos antes. Se não acontecesse o 25 de Abril, provavelmente nunca mais cá poderia entrar. «É possível que fique em Portugal, somente acalento o sonho de ir ao Brasil e talvez de viver com uma mulher bonita no Taiti...»



Estou sentada numa imponente cadeira do século XIX, relíquia de que Jeremy se orgulha. «Pertenceu ao meu avô que foi presidente do Parlamento numa província do Canadá. Era filho de uma princesa húngara que casou com um alemão comum, sem título. Deste casal de emigrantes nasceu o avô, «um malandro, embora fosse boa pessoa». Folheio o álbum de retratos da família, recordações amarelecidas, as provas de uma origem cruzada de muitas raças. Galeria onde figura a mãe, mulher lindíssima, vestida de noiva e o tal avô que desempenhou um cargo político no Canadá. Por ocasião do 25 de Abril o protagonista de tamanha mistura, era director de uma revista de arte e, sabendo do acontecimento, tomou o voo para Lisboa, em Maio de 1974. «Não falava a língua, no entanto queria compreender o significado da revolução. Permaneci aqui durante uns meses e, como precisava de dinheiro, voltei ao Canadá. Então, trabalhei nas minas, a 400 metros abaixo do solo, e na construção civil, o que me permitiu vir para Portugal em Julho de 1975.»

Como sobreviveu, esgotados os fundos, Jeremy? Retomei o jornalismo e consegui leccionar inglês na Faculdade de Letras». Em 1982, as burocracias retiraram-lhe o cargo de professor. Porém, na disposição de viver aqui, talvez indefenidamente, compra a casa de Almoçageme e casa com uma aluna. Uma caixa baixinha, a cair aos bocados. «Já gastei uma fortuna em arranjos, tendo montado também o atelier de cerâmica. Faço tudo sozinho, excepto canalizações e electricidade. Depois de isto estar pronto, vou alugar uma parte, visto que não tenho rendimentos. Ganho a vida, graças às peças de cerâmica que vendo e à canoagem. Por vezes também me convidam para participar em filmes: no início fui figurante e agora sou actor».

Jeremy Boulbee, perito em canoagem, indica Mértola como um provável destino.

Colóquio Europeu em Fátima

Paróquias querem cuidar dos pobres e excluídos

A verificação de que o retorno ao religioso que actualmente se verifica põe em causa a rigidez das estruturas das paróquias católicas foi uma das conclusões do 15º Colóquio Europeu de Paróquias, realizado durante esta semana e que ontem terminou em Fátima.

No mesmo documento, os cerca de 350 participantes oriundos de 11 países da Europa acentuaram a necessidade da paróquia «favorecer a comunicação entre as pessoas e os grupos», desenvolvendo ao mesmo tempo uma reflexão sobre as consequências políticas e sociais da fé cristã. Aliás, a preocupação de «cuidar de todas as pobrezas e exclusões económicas, sociais e culturais» foi apontada igualmente como uma das prioridades.

O Colóquio Europeu de Paróquias é uma iniciativa que nasceu em 1961, com o objectivo de repensar a função daquela estrutura administrativa da Igreja, cuja utilidade começou nessa altura a ser repensada. Desde o primeiro Colóquio, já foram debatidos temas como a relação da paróquia com os não-praticantes, os marginais e os jovens, bem como o lugar dos leigos cristãos nas estruturas internas de decisão e corresponsabilidade da Igreja.

Pela segunda vez realizado em Portugal - a primeira foi em 1975, em Lisboa - o Colóquio Europeu de Paróquias não avança, no entanto, com propostas de solução concretas, dada a diversidade de realidades presentes, apontando apenas alguns critérios genéricos de acção.

Este 15º Colóquio - à semelhança dos anteriores - não dependeu de subsídios da Igreja, tendo contado com o apoio de diversas entidades e empresas locais que, segundo os organizadores, «garantem a nossa independência e liberdade de expressão».

ERNESTO SABATO
«O CASTELHANO NÃO É UMA LÍNGUA MORTA»
PÁG. 12

Cartaz

Este suplemento não pode ser vendido separadamente da edição de 8 de Julho do «Diário de Lisboa»

STEVE REICH (2)

Nuno Barreiros

A iniciar a segunda crónica a respeito da música de Steve Reich e dos concertos efectuados no Auditório Gulbenkian, parecem úteis alguns apontamentos genéricos focando elementos característicos da linguagem e do estilo deste compositor. Aí vão, pois, em forma quase telegráfica.

O estudo da percussão a partir dos 14 anos com um profissional competente (actual timbaleiro da Filarmónica de Nova Iorque), mais tarde desenvolvidos e diversificados no Ghana e noutras paragens, explicam em parte o realce de que se reveste este aspecto compositivo na produção de Steve Reich e a maneira tão meticulosa como ele é tratado.

Aliás Reich fez estudos universitários, continuamente aprofundados, de matérias humanísticas e musicais. Isto é patente no apetrechamento de elevado nível que revelam a eleição e o manuseamento das técnicas musicais e dos processos compositivos, tal como a base, digamos, «académica» da sua formação transparece na terminologia e no teor das notas explicativas com que analisa e comenta as próprias obras. A verdade é que a produção do autor de **Electric Counterpoint** se distingue tanto por inegável imaginação criativa como por grande rigor na «mise-en-oeuvre».

Em 1966 (tinha, portanto, 30 anos) é que Reich funda o seu grupo (designado Steve Reich and Musicians), mas então apenas com três componentes, e realiza com ele o primeiro concerto.

O reconhecimento da música de Steve Reich como valor adquirido das correntes válidas da contemporaneidade atinge expressão muito significativa em 1971, quando Pierre Boulez inclui **Phase Patterns** num dos concertos da Filarmónica de Nova Iorque integrados na série «Prospective Encounter».

O carácter universalista da obra de Steve Reich há muito que se impôs e a evolução deste compositor está, porventura, longe de acusar contornos muito limitativos ou de se encerrar em moldes de um estreito e formular minimalismo. O que não impede de reconhecer que a sua produção se move principalmente no âmbito instrumental. Assim a primeira obra, desde os tempos de estudante, a utilizar um texto literário é **Tehilim** (de 1981), que recorre a passagens de salmos em hebreu. Três anos depois é apresentado um dos seus frescos mais importantes: **The Desert Music** para coro e orquestra. E entre os seus projectos próximos figura uma obra, em larga escala, de teatro musical aglutinando meios electrónicos.

Os concertos na Gulbenkian

Seja como for, os dois concertos agora trazidos a Lisboa por Steve Reich and Musicians deram-nos uma perspectiva bastante variada e sugestiva da trajectória do referido mestre do minimalismo, embora mantendo-se quase exclusivamente na esfera instrumental.

Reconheça-se que foi semelhante o escopo de cada um dos concertos. Tornou-se até sensível na elaboração de ambos os programas (divididos em duas partes e observando o clássico intervalo do concerto tradicional) um certo carácter gradual e progressivo. O grau de complexidade — quanto a processos, meios, ingredientes sonoros e até quanto ao número de executantes envolvidos — foi, grosso modo, aumentando no decurso do concerto-programa. A própria noção de densidade, importantíssima nos caminhos da estética e da composição contemporâneas, terá pesado como critério subjacente. Assim estes aspectos pareceram privilegiados, embora sem rigor absoluto, na ordenação ou sequência das obras, de preferência à observância de uma seriação de tipo cronológico. Embora os dois factores possam ter coincidido nalguns casos.

Pormenorizemos um pouco.

«Claping Music» e «Six Pianos»

O 1.º programa começou pela forma mais singela, ao menos aparentemente. **Claping Music** (para 2 executantes com batimento de mãos), que data de fins de 1971, obedeceu ao desejo de criar uma obra musical que não necessite, para a sua execução, de instrumentos, para além do corpo humano. E a solução encontrada foi ter um dos executantes fixo, repetindo o mesmo elemento musical constantemente, enquanto que o segundo executante, após um certo número de repetições, muda abruptamente, saindo do uníssono rítmico e passando a ficar adiantado uma pulsação, continuando assim sucessivamente, até voltar a estar em uníssono com o primeiro executante.

O próprio Reich comenta que «mudanças súbitas criam a sensação de uma série de variações entre dois elementos diferentes, mas com os respectivos tempos fortes sempre coincidentes». Quer dizer: conjugam-se aqui a variabilidade rítmica e a de intensidades.

A génese de **Six Pianos** (de 1973) residiu — na declaração do autor — numa ideia ambiciosa: escrever uma obra para todos os pianos de uma loja de instrumentos musicais. Mas razões práticas e as condições de eficácia do projecto levaram Steve Reich a adoptar um esquema relativamente mais modesto. É que — esclarece Reich — «o facto de usar seis pianos verticais, ou seis pequenos pianos de cauda, tornou possível a execução do tipo de música rápida e ritmicamente intrincada que eu procuro, permitindo ao mesmo tempo que os executantes estejam suficientemente perto uns dos outros para que se possam ouvir claramente».

Desta feita, «a peça inicia-se com três pianistas tocando o mesmo motivo rítmico. Dois dos restantes executantes começam então em uníssono até construírem gradualmente o motivo melódico de um dos outros pianistas». O resultado final concretiza-se num «motivo que é tocado contra si mesmo, encontrando-se, no entanto, em desfasamento de um ou dois tempos». E o autor chega mesmo a indicar: «Poder-se-ia dizer que nesta peça os pianos são usados como um conjunto de tambores em alturas diferentes». Acrescentarei também que a música desenrola-se em três secções, cada uma jogando mudanças de modo e de tonalidade e progredindo em direcção à zona mais aguda do teclado.

Drumming

Drumming (cuja elaboração se situa em 1970/71) é a peça mais longa de Reich, no dizer do próprio autor. Tem cerca de hora e meia a sua duração total. Dividida em quatro secções, estas deverão ser tocadas seguidamente, sem interrupções. E o compositor refere a estruturação de cada uma delas. A primeira destina-se a quatro partes de bongos com alturas definidas (tocados com banquetas) e voz masculina; a segunda está escrita para três marimbas e voz feminina; a terceira para três glockenspiels, piccolo e voz em assobio; a última para instrumentos e vozes combinados. Reich manifesta o seu pragmatismo ao indicar que a escolha dos instrumentos foi determinada pela facilidade de os encontrar em países ocidentais. E não deixa ainda de confessar que deu largas aqui à sua predilecção pelos instrumentos de percussão e que a sua estada em África exerceu algum ascendente no carácter de **Drumming.**

Note-que que a prescrição de executar a obra na íntegra e sem intervalos foi derrogada pelo próprio compositor, o qual incluiu apenas a secção inicial no 1.º concerto. Mas maior interesse tem verificar que nesta realização se assimila um processo muito especialmente praticado na música não-ocidental: «manter a mesma tonalidade por um período considerável de tempo, se em contrapartida houver suficiente desenvolvimento rítmico, conjuntamente com mudanças ocasionais de timbre, conducentes à variedade sonora.»

«Electric Counterpoint» e «Sextet»

Electric Counterpoint é a obra de Reich mais recente de quantas se apresentaram agora na Gulbenkian, dentro dos Encontros Luso-Americanos de Arte Contemporânea. Data de 1987. Destina-se a guitarra e fita magnética. O solista gravou as partes de 10 guitarras e 2 baixos eléctricos, interpretando ao vivo a parte da 11.ª guitarra em simultâneo com a fita magnética. Três andamentos, tocados sem interrupção, constituem esta obra extremamente elaborada nas suas componentes tanto rítmicas como tonais. O tratamento em cânone é conduzido com mão de mestre e admirável subtileza. Teve, desta vez, como solista um intérprete de excepcional categoria: David Tanenbaum.

O 1.º programa concluiu com **Sextet,** resultado de uma encomenda com dupla finalidade: o Grupo Laura Dean Dancers and Musicians e o conjunto de percussão Nexus. O primitivo título **Music for Percussion and Keyboards,** adoptado na estreia absoluta em 1984, viu-se alterado para um mais simples: o que vingou. A estreia da versão de concerto efectuou-se em 1986. A partitura engloba 3 marimbas, 2 vibrafones, 2 bombos, crótalos, claves, tantã, 2 pianos e 2 sintetizadores. Os cinco andamentos em que se articula executam-se sem interrupção. O elemento repetitivo, uma grande subtileza na estrutura harmónica e uma tal ou qual ambiguidade entre melodia e acompanhamento constituem vectores essenciais desta obra que atinge notáveis pujança e variedade de efeitos.

2.º Programa

Em referência ao 2.º programa, importa salientar um aspecto já aludido quanto à organização do 1.º concerto: o seu teor de complexidade e densidade progressivas. Mas também que duas das obras foram retomadas desse 1.º concerto: a secção inicial de **Drumming,** embora precedida da terceira secção, a terminar a 1.ª parte, e **Sextet,** que ainda desta vez finaliza o concerto.

Novidades eram, portanto, **Music for Pieces of Wood** (1973) e **New York Counterpoint** (1985). Na **Music** os instrumentos utilizados pelos 5 intérpretes representam variedades de claves («pequenas varas de madeira dura e ressoante»). O processo estrutural assenta numa pulsação constante assegurada pelo primeiro executante, enquanto os outros vão entrando com vários padrões rítmicos cruzados. Não deixa de ser sugestivo o comentário do compositor: «Para os executantes o principal atractivo é o de aparentemente estarem a trabalhar num vasto e lento processo colectivo; para o ouvinte trata-se de uma certa perplexidade aprazível — a interferência dos padrões branco-e-negro da Op Art poderá servir como uma analogia visual — na qual parece que escutamos mais do que a mera soma de interpretações rítmicas.»

New York Counterpoint, para clarinete e fita magnética, adopta um processo semelhante ao que será aplicado em **Electric Counterpoint.** O solista grava previamente 10 partes de clarinete e clarinete baixo e toca a 11.ª ao vivo em oposição à fita magnética.

A peça articula-se igualmente em três andamentos e encontrou em Al Hunto um solista à altura da circunstância.

Textos de apoio

E pronto. Aqui ficaram algumas impressões de dois memoráveis concertos por Steve Reich and Musicians (os as no dem sintetizar-se no sentido de uma das observações lançadas quase no começo desta 2.ª crónica: imaginação e criatividade servidas por uma realização feita de rigor. E também por um conjunto de intérpretes homogéneo na captação do espírito das obras e excelentemente concertado.

De justiça ainda enaltecer a bem organizada e apresentada plaquette bilingue (inglês e português) de apoio, incorporando um inteligente estudo do compositor português João Pedro de Oliveira assim como uma tábua biográfica e textos elucidativos sobre as obras ouvidas e assinadas pelo próprio Steve Reich, além de reproduções de partituras deste.

Um êxito ainda de público, que acorreu numeroso, e predominantemente jovem, ao Grande Auditório Gulbenkian.

Nuno Barreiros

Jean Cocteau: O Filho do Ar

Se a conduta do cidadão Jean Cocteau levantou suspeitas pela simpatia que manifestou em relação ao ocupante nazi, não se pode negar que a sua obra multiforme e a sua actividade de artista tiveram alguma influência e conservam alguma importância e algum interesse.

Compreende-se por isso que ao comemorar-se o primeiro centenário do nascimento de Cocteau o Teatro Hoje organizasse uma colagem de textos de que o principal autor é precisamente Jean Cocteau, a que Carlos Fernando juntou peças breves de Eugene O'Neill e de Anton Tchekhov.

Com o belo título **O Filho do Ar,** o Teatro Hoje propõe uma vez mais uma aventura apaixonante, uma viagem pelos caminhos que ligam o teatro ao teatro e à vida, ao amor e à morte.

Sendo hoje um dos nossos grupos capazes de um trabalho menos conformista, mais inquieto e produtivo, o grupo do Teatro da Graça promete, portanto, com este novo espectáculo, não apenas bom teatro mas um teatro outro. Razões essas, além da presença de Jean Cocteau, autor na verdade mal conhecido entre nós, para que se justifique plenamente um salto, quem sabe se mais, à Graça.

CINEMAS

ALFAS TRIPLEX

— T. 806496

ALFA 1

O CULPADO
de Michael Crichton
(para maiores de 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00h

ALFA 2

AGARREM ESTE DETECTVE
de Pat O'Connor
(para maiores de 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15h

ALFA 3

FUGA SEM FIM
de Sidney Lumet
(para maiores de 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15h

ALFA 4

IRMÃOS INSEPARÁVEIS
de David Cronenberg
(para maiores de 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15h

ALFA CLUB

O REGRESSO DOS MORTOS-VIVOS 2
(para maiores de 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00h

AMOREIRAS

— T. 691275

SALA 1

O REGRESSO DOS MORTOS-VIVOS 2
(para maiores de 16 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15h

SALA 2

ACADEMIA DE POLÍCIA VI
de Peter Bonerz
***Ver «As Estreias da Semana»**
(para maiores de 6 anos)
14.15, 16.15, 19.15, 21.30 e 24.00h

SALA 3

FUGA SEM FIM
de Sidney Lumet
(para maiores de 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00h

SALA 4

AONDE É QUE PÁRA A POLÍCIA?!...
de David Zucker
(para maiores de 12 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.30 e 24.00h

SALA 5

IRMÃOS INSEPARÁVEIS
de David Cronenberg
(para maiores de 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00h

SALA 6

AGARREM ESTE DETECTIVE
de Pat O'Connor
(para maiores de 12 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15h

SALA 7

A LEITORA
de Michel Deville
(para maiores de 12 anos)
14.30, 16.30, 19.00, 21.30, e 00.15h

SALA 8

MULHERES À BEIRA DE UM ATAQUE DE NERVOS
de Pedro Almodóvar
(para maiores de 12 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.30 e 00.15h

SALA 9

PORTAS GIRATÓRIAS
(para maiores de 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 24.00h

SALA 10

GENTE DO NORTE
(para maiores de 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 24.00h

APOLO 70

FUGA SEM FIM
de Sidney Lumet
(para maiores de 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30h

BERNA

O REGRESSO DOS MORTOS-VIVOS 2
(para maiores de 16 anos)
15.15, 18.00 e 21.30h

CAPITÓLIO

— T. 372358

MENINAS DA NOITE
(Interdito men. 18 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00h

CINEBOLSO

— T. 573407

VIVER É GOZAR
(Interdito men. 18 anos)
12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30h

CINE 222

— T. 533253

ASSALTO AO ARRANHA-CÉUS
(para maiores de 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30h

A COSTA DO MOSQUITO
de Peter Weir
(para maiores de 12 anos)
24.00h

CITY CINE

— T. 549999

LIGAÇÕES PERIGOSAS
de Stephen Frears
(para maiores de 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30h

CONDES

— T. 322523

MALUCOS E LIBERTINOS
de Neil Jordan
***Ver «As Estreias da Semana»**
(para maiores de 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30h

EDEN

A ARTE DE MATAR
de Andy Sidaris
(para maiores de 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30h

ESTÚDIO

— T. 555134

ESPLENDOR
de Ettore Scola
(para maiores de 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30h

FONTE NOVA

— T. 7145088

SALA 1

ENCONTRO DE IRMÃOS
de Barry Levinson
(para maiores de 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30h

SALA 2

DEFESA SECRETA
(para maiores de 12 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45h

SALA 3

RITUAL DE SANGU
(para maiores de 16 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15h

FORUM

— T. 541037

SALA 1

UMA PEDRA NO BOLSO
de Joaquim Pinto
(para maiores de 12 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30 e 21.30h

SALA 2

CICLO GRANDES NOITES DO CINEMA ITALIANO
14.00, 16.30, 19.15 e 22.00h

GEMINI

— T. 734009
FORÇA DESTRUIDORA
(para maiores de 16 anos)
15.30, 18.30 e 21.30h

HOLLYWOOD

— T. 806847

SALA 1

COCOON — O REGRESSO
de Dan Petrie
(para maiores de 12 anos)
14.30, 16.45, 18.45, 21.30 e 23.45h

SALA 2

O BEIJO DO VAMPIRO
de Robert Bierman
(para maiores de 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 24.00h

IMPÉRIO

— T. 555134

A FÚRIA DA RAIVA
(para maiores 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30h

KING TRIPLEX

— T. 880808

KING 1

DANCERS — UM AMOR PROIBIDO
de Herbert Ross
(para maiores de 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 21.30h

KING 2

ACADEMIA DE POLÍCIA VI
de Peter Bonerz
***Ver «As Estreias da Semana»**
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45h

KING 3

UM GRITO DE CORAGEM
de Fred Sehepisi
(para maiores de 12 anos)
14.30, 17.00, 19.30 e 21.45h

LAS VEGAS

— T. 631162

SALA 1

MULHERES À BEIRA DE UM ATAQUE DE NERVOS
de Pedro Almodóvar
(para maiores de 12 anos)
14.00, 16.15, 18.45 e 21.30h (fins-de-semana)
15.15, 18.30 e 21.30h (dias úteis)

SALA 2

MALUCOS E LIBERTINOS
de Neil Jordan
***Ver «As Estreias da Semana«**
(para maiores de 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.45h (fins-de-semana)
15.30, 18.45 e 21.45h (dias úteis)

LONDRES

— T. 801313

MALUCOS E LIBERTINOS
de Neil Jordan
***Ver «As Estreias da Semana»**
(para maiores de 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30h

MUNDIAL

— T. 538743

SALA 1

TEMPO DE JUVENTUDE
de Christopher Cain
***Ver «As Estreias da Semana«**
(para maiores de 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30h

SALA 2

O CULPADO
de Michael Crichton
(para maiores de 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45h

SALA 3

IRMÃOS INSEPARÁVEIS
de David Cronenberg
(para maiores de 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45h

NIMAS

— T. 574362

ACADEMIA DE POLÍCIA VI
de Peter Bonerz
***Ver «As Estreias da Semana«**
(para maiores de 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30h

ODEON

— T. 326283

FORÇA DE VINGANÇA
(para maiores de 16 anos)
14.15, 16.45, 19.00 e 21.30h

OLÍMPIA

— T. 325309
CORPOS CORRUPTOS
(Interdito men. 18 anos)
Sessões contínuas a partir das 14.00h

POLITEAMA

— T. 326305

MULHER AMEAÇADA
de Karen Arthur
***Ver «As Estreias da Semana«**
(para maiores de 16 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30h

QUARTETO

— T. 771378

SALA 1

ESPLENDOR
de Etore Scola
(para maiores de 12 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30h (aos sábados, também às 23.30h)
NOVOS INVASORES
(para maiores de 12 anos)
23.30h

SALA 2

MULHERES À BEIRA DE UM ATAQUE DE NERVOS
de Pedro Almodóvar
(para maiores de 12 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30h (aos sábados, também às 23.30h)
LOS ANGELES A FERRO E FOGO
(para maiores de 12 anos)
23.30h

SALA 3

O IMPÉRO DA HONRA
de James Dearden
***Ver «As Estreias da Semana«**
(para maiores de 12 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30h (aos sábados, também às 23.30h)
O PREGADOR
(para maiores de 12 anos)
23.30h

SALA 4

HISTÓRIAS DE NOVA IORQUE
de Martin Scorsese, Francis Ford Coppola e Woody Allen
(para maiores de 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30h (aos sábados, também às 23.30h)
ASSALTO AO PARQUE
(para maiores de 12 anos)
23.45h

S. JORGE

— T. 579144

SALA 1

ACADEMIA DE POLÍCIA VI *de Peter Bonerz*
***Ver «As Estreias da Semana»**
(para maiores de 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30h

SALA 2

HISTÓRIAS DE NOVA IORQUE
de Martin Scorsese, Francis Ford Coppola e Woody Allen
(para maiores de 12 anos)
14.00, 16.45, 19.15 e 21.45h

SALA 3

TRAIÇOEIRAMENTE TUA
de Mario Vicario
(para maiores de 12 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.15h

7.ª ARTE

— T. 730715

ACADEMIA DE POLÍCIA VI
de Peter Bonerz
***Ver «As Estreias da Semana»**
(para maiores de 12 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.45h (segunda, sexta e sábado também às 23.45h)

STAR

— T. 804210

O CULPADO
de Michael Crichton
(para maiores de 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30h

TERMINAL

— T. 371573

ACADEMIA DE POLÍCIA VI
de Peter Bonerz
(para maiores de 12 anos)
13.00, 15.00, 17.00, 19.00, 21.30 e 23.45h

TURIM

— T. 706666

O SEU PERFEITO ALIBI
de Bruce Beresford
(para maiores de 12 anos)
15.00, 17.30 e 21.30h

XENON

— T. 368480

CORAÇÃO DA MEIA-NOITE
de Mathew Chapman
***Ver «As Estreias da Semana»**
(para maiores de 18 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30h

Os Seis MaiS

- **«Irmãos Inseparáveis»** *(David Cronenberg)*
- **«Mulheres à Beira de Um Ataque de Nervos»** *(Pedro Almodóvar)*
- **«Histórias de Nova Iorque»** *(Scorsese/Coppola/W. Allen)*
- **«A Leitora»** *(Michel Deville)*
- **«As Portas Giratórias»** *(Francis Mankiewicz)*
- **«Gente do Norte»** *(Ted Kotcheff)*

«Quando Uma Mulher Monta a Cavalo», de Khudjakuli Narliev

Margarita Kassymova

Cinema da Ásia soviética à conquista dos EUA

REALIZADORA TADJIQUE VENCE FESTIVAL DO CINEMA FEMININO DE S. FRANCISCO

Exclusivo Novosti/«DL»

O filme «Hoje e Sempre» da realizadora tajique Margarita Kassymova, arrebatou o Grande Prémio do Festival Internacional de Cinema Feminino de S. Francisco. O Cinema das mulheres cineastas das repúblicas soviéticas da Ásia esteve em foco no certame onde passou, extra concurso, uma retrospectiva de autoras do Tajiquistão, Usbequistão e Cazaquistão.

Devido ao êxito que obteve em S. Francisco, a mostra, integrada por longas e curtas metragens e um filme de animação, está a ser apresentada em diversas cidades norte-americanas.

Kassynova, a primeira mulher a dedicar-se à realização cinematográfica do Tajiquistão, realizou, ao longo de vinte anos de actividade, numerosos documentários e longas metragens, nomeadamente «A Fonte que Fala», «Motivos sobre a Nuvem», «Avicena» e «O Grito». Faz parte da geração que no início dos anos setenta renovou a cinematografia da república através da utilização de novas formas narrativas e de interpretação e da introdução do filme de aventuras.

O dinamismo e a intriga bem urdida distinguem o «western» tajique da época, centrado nas lutas que opunham «brancos» e «vermelhos» nos primórdios da revolução. Com vertiginosas perseguições a cavalo, raptos, e fuzilamentos, esse género de películas «refrescou» um cinema que produzia sobretudo comédias musicais que exportava para países do Oriente e obras épicas.

A realizadora integraria depois o pequeno número de cineastas que abandonou os filmes de acção para se concentrar nas realidades do quotidiano e tornar patentes, através de conflitos banais do dia-a-dia, graves problemas de carácter social.

Uma das películas mais representativas desta corrente é «Segredos Familiares», de Valeri Akhadov, vencedora do Festival de Manheim.

As epopeias históricas que no Tajiquistão tiveram a época de ouro nos anos sessenta adquiriram a sua máxima expressão com Boris Kimiagarov, que assinou uma tetralogia dedicada aos poetas medievais do Oriente que esteve na origem do renascimento da poesia persa-tajique. A sua película, «Destino do Poeta» venceu o Festival Internacional do Cairo, em 1960.

60 anos de história

A arte cinematográfica nasceu na maior parte das repúblicas asiáticas da URSS nos finais dos anos vinte. Nas respectivas capitais foram fundados estúdios dirigidos por realizadores formados na escola de Moscovo, muitos deles nas aulas de Eisenstein e de Kulechov.

O seu desenvolvimento seguiu um padrão algo semelhante. Aos filmes líricos das primeiras décadas sucederam-se os temas históricos, a adaptação de clássicos das literaturas nacionais, histórias de aventuras e a partir dos anos setenta os temas sociais.

Cineastas de diversas gerações contribuíram para a diferenciação das cinematografias nacionais que, embora esporadicamente, têm afirmado em festivais internacionais a sua originalidade e qualidade.

Alguns autores tornaram-se conhecidos dos meios cinematográficos ocidentais. Um dos mais reputados é Ali Khamraiev, do Usbequistão, criador de obras sublimes sobre a luta contra o feudalismo e a emancipação feminina na região onde as mulheres eram queimadas em praça pública já depois da vitória da revolução bolchevique, por ousarem tirar o véu.

Cada república asiática produz, anualmente, entre 8 a 10 longas metragens, cerca de meia centena de documentários e actualidades, assegurando a dobragem, para a língua materna, de 40 a 50 películas.

Na última década o cinema de animação conheceu um desenvolvimento significativo no Cazaquistão, na Turqueménia, na Quirguíz e no Tajiquistão. No Usbequistão, que possui a indústria cinematográfica mais desenvolvida das repúblicas soviéticas da Ásia, esse género nasceu há vinte e cinco anos.

As lendas e tradições do Oriente e as obras dos seus poetas clássicos são os temas preferidos dos realizadores usbeques que gozam de popularidade na URSS e no Ocidente.

Em Tachkent, capital do Usbequistão, realiza-se desde 1968 um festival de cinema internacional bienal aberto às cinematografias por países da Ásia, África e América Latina e muitas delas aí apresentaram as suas primeiras produções.

Depois de conhecer um período de ascensão, o certame começou a declinar na década de oitenta: o programa foi-se banalizando, acentuou-se a má organização e em 1988, com a redução do tempo de duração, que visava imprimir-lhes dinamismo e eficácia, a X edição foi ainda pior do que as antecedentes. Os organizadores não conseguiram superar a sua tradicional lentidão e levar a bom termo as iniciativas anunciadas.

Tendo em conta os graves problemas de carácter social do Usbequistão, trazidos para a ribalta pelo recente surto de violência que causou a morte a dezenas de turcos meskhetis, não é de esperar para Maio de 1990 o «renascimento» do Festival de Tachkent. (NOVOSTI).

AS ESTREIAS DA SEMANA

MALUCOS E LIBERTINOS

A partir de hoje no Condes, Londres e Las Vegas. Aventuras e desventuras de um casal americano que decide passar férias num castelo assombrado na Irlanda...
A realizar: Neil Jordan.
Principais intérpretes: Peter O'Toole, Daryl Hannah, Steve Guttenberg e Beveryl D'Angelo.

IMPÉRIO DA HONRA

A partir de hoje no Quarteto.
Mistério e drama num filme protagonizado por Ben Kingsley («Gandhi»).
A realizar: James Dearden.
Principais intérpretes: Ben Kingsley e Helen Mirren.

TEMPO DE JUVENTUDE

A partir de hoje no Mundial.
Filme inspirado numa história de SE Hinton. As cinematizações mais célebres das suas obras foram realizadas por Coppola.
A realizar: Christopher Cain.
Principais intérpretes: Emilio Estevez, Craig Sheffer e Frank Howard.

A MULHER AMEAÇADA

A partir de hoje no Politeama.
Diane Lane («Os Marginais», «Cotton Club», «Estrada de Fogo»...) interpreta o papel de uma decoradora de montras atormentada por algumas fantasias sexuais.
A realizar: Karen Arthur.

Principais intérpretes: Diane Lane, Michael Woods e Cotter Smith.

A ARTE DE MATAR

A partir de hoje no Eden.

Filme de acção de produção filipina.
A realizar: Andy Sidaris.

CORAÇÃO DA MEIA-NOITE

A partir de hoje no Xenon.
A história de Carol Rivers, herdeira de um estranho e aterrador clube nocturno...
A realizar: Matthew Chapman
Principais intérpretes: Jennifer Jason Leigh, Frank Stallone, Brenda Vaccaro e Peter Coyote.

ACADEMIA DE POLÍCIA VI

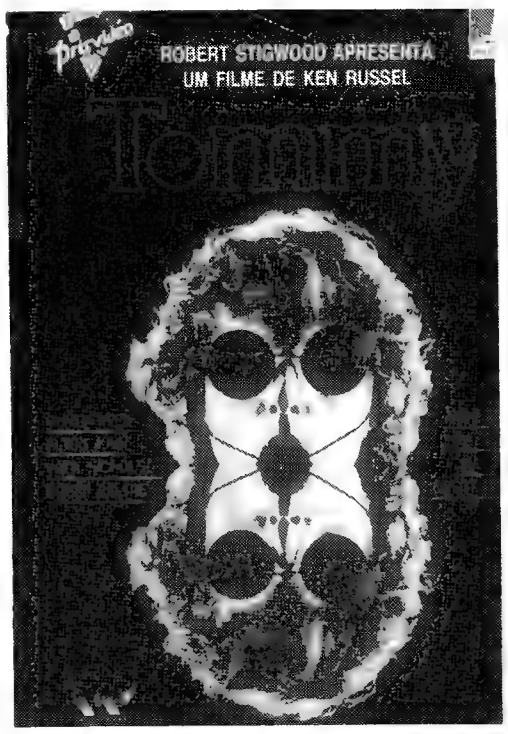
A partir de hoje no Terminal, Nimas, S. Jorge, 7.ª Arte, King Triplex e Amoreiras.
Mais um episódio da famosa saga...
A realizar: Peter Bonerz.

Principais intérpretes: Bubba Smith, Michael Winslow e Marion Ramsey.

CATÁLOGO

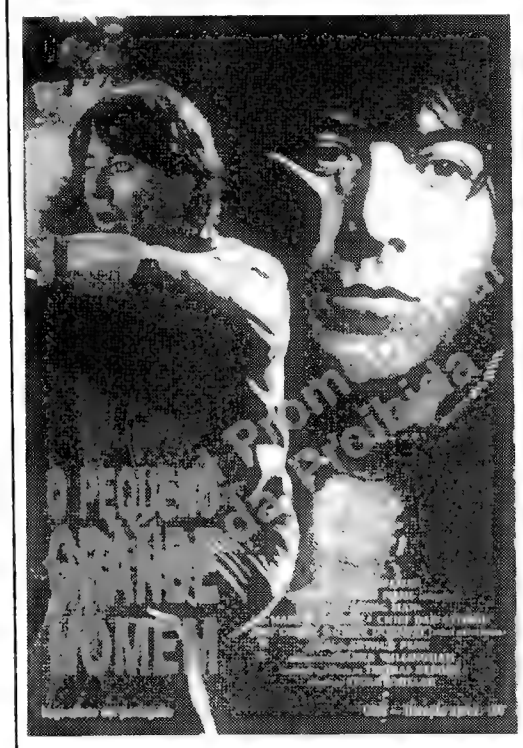
CHARLIE CHAPLIN

Mas que pena! Esperava-se esta edição como um belo acontecimento inevitável (os filmes de Chaplin estão editados no vídeo em muitos países), como quem deseja guardar a melhor recordação de um amigo eterno. E, diga-se a verdade, esta edição não vem colmatar tal espera.
É um sucedâneo inacreditável do produto original: uma selecção de filmes outrora mudos que um mau-gosto inexcedível transformou em filmes falados. Assim, vamos ouvindo uma voz imbecil que nos conta uma história imbecil em "off", do estilo "Cuidado, Charlie, vais levar com a tarte na cara!". Nem dá para desligar o som, pois temos as legendas. Inqualificável.
"His New Job" (1915); "The Jitney Leopard" (1915); The Champion (1915); "The Tramp" (1915). EUA, 1915. Realização: Charles Chaplin. Interpetação: Charlot, Ben Turpin, Charlotte Mineau, Edna Purviance, Fred Goodwins, Leo White, Bud Jamison, Lloyd Bacon. Cor. 80 minutos. Maiores de 6 anos. Edição Prisvideo.



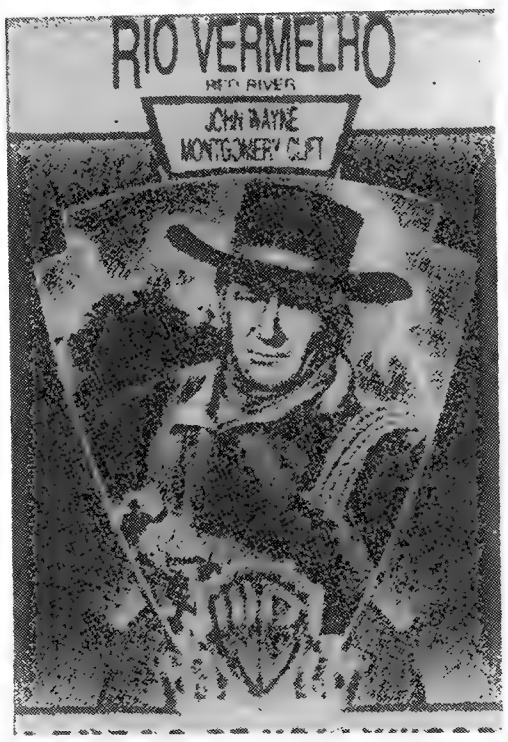
TOMMY

Duas horas de caóticas imagens dão-nos a interpretação que Ken Russell tem duma ópera-rock. Apesar do universo barroco e das eniquívocas evocações de Bosch ou Max Ernst, "Tommy" pode depurar-se na excelente obra musical que sempre foi, mesmo antes de chegar ao cinema. Haverá, claro, quem opine que a versão gravada alguns anos antes com a Orquestra Sinfónica de Londres é melhor do que esta amálgama de canções distribuídas a "estrelas" várias. Mas o filme confere à peça uma unidade nova e um sentido perdido do melodrama. Tal como Mahler ou Lizt, o herói do "pinball" é, para Russell, um logotipo, um "gadget" cultural que os fans podem massacrar a caminho da caixa registadora. A moral da história é cáustica, em plena década de 70; e "Tommy" continua um "cult-movie" para o público do rock. Cópia bastante boa.
Tommy. Inglaterra, 1974. Realização: Ken Russell. Interpretação: Roger Daltrey, Ann-Margret, Oliver Reed, Robert Powell, Elton John, Tina Turner, Jack Nicholson, Eric Clapton, Paul Nicholas e os Who. Cor. 107 minutos. Maiores de 12 anos. Edição Prisvideo.



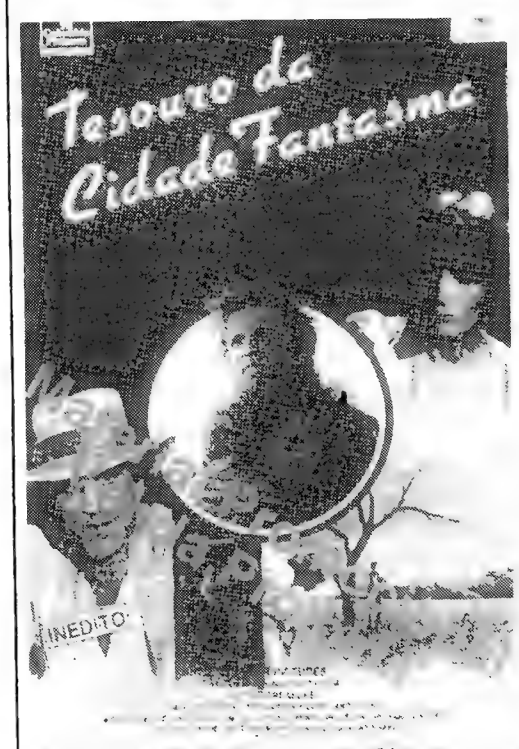
O PEQUENO GRANDE HOMEM

Baseado num romance quase humorístico e povoado de figuras lendárias do velho oeste, "Little Big Man" foi filmado em 70 milímetros nos magníficos cenários do estado de Montana. Na época, quando os anos 60 chegavam ao fim, o filme foi inevitavelmente levado demasiado a sério como uma história justa em que os índios eram bonzinhos.Ensinou, por exemplo, que "Cheyenne" queria dizer "ser humano". Deve ter sido uma experiência e tanto para quem o viu num grande cinema, com o seu écran imenso e uma moral que contrariava décadas de "westerns". Hoje, é um filme insípido, de personagens confusas e mal definidas, a que o vídeo não retira a magia que não tem. Cópia bastante boa.
Little Big Man. EUA, 1970. Realização: Arthur Penn. Interpretação: Dustin Hoffman, Faye Danaway, Martin Balsam, Chief Dan George, Jeff Corey. Cor. 150 minutos. Maiores de 12 anos. Edição CBS-Fox/Publivideo.



RIO VERMELHO

A série "Legends of Hollywood" é internacional e conta com, por exemplo, quase todos os filmes de Humphrey Bogart, Bette Davis, Errol Flynn; em suma: tudo o que de melhor passou pela Warner. "Rio Vermelho" foi escolhido como primeiro título editado em Portugal e prometem-nos para breve o celebérrimo "Quanto Mais Quente Melhor" (Billy Wilder, 1958). Este clássico de Hawks é um dos grandes "westerns" de sempre, e as filmagens atingiram, também elas, o estado épico: 9000 cabeças de gado em cena, uma equipa de mais de mil actores, filmagens que decorreram simultaneamente num raio de de 15 quilómetros. Clift, filho adoptivo de Wayne, assume alternativamente o papel do herói. O público está dividido entre a emoção privada e o choque do provável (notabilíssimo, este "peso" psicológico num "western"). Hawks leva o seu barco a bom porto e "Red River" é um prazer raro, um filme de antologia e de colecção. Boa cópia.
Red River. EUA, 1948. Realização: Howard Hawks. Interpretação: John Wayne, Montgomery Clift, Walter Brennan. Preto e Branco. 125 minutos. Maiores de 12 anos. Edição Kodak/Warner Home Video para venda directa (c. 3.200$00).



TESOURO DA CIDADE FANTASMA

Mesmo como namorada do "Superman", Margot Kidder viu melhores dias antes deste filme. Esta história encosta-se ao sucesso fácil dos filmes sobre tesouros escondidos e não tem nada que se lhe recorde meia hora após sairmos do cinema. No vídeo, essa margem de tempo deve ser dividida por dois. A cena final, com o simulacro do vestido de noiva, é atroz. O título original, que é o único "achado" nesta confusa moral de conto de fadas, perdeu-se algures na tradução. Cópia razoável.
Little Treasure. EUA, 1984. Realização: Alan Sharp. Interpretação: Margot Kidder, Ted Danson, Burt Lancaster. Cor. 95 minuots. Maiores de 12 anos. Edição: Columbia/Publivideo.

QUO VADIS?

Sob o reinado de Nero, Roma será incendiada... O público sempre respondeu ao apelo da superprodução histórica. A crítica sempre a desancou. A décadas de distância e à sombra de subprodutos como "Rambo", estes respeitáveis dinossauros assinalam a coerência de Hollywood que, na época, dificilmente exportava obras indignas. "Quo Vadis?" foi já, nesta sua última versão, filmado fora de Hollywood (na "Cinecittà" italiana). A beleza de Robert Taylor fez épocas anteriores a este tardio ressurgimento. O filme funciona -como seria de esperar - pelos cenários espectaculares e pela inumerável figuração. O esplendor estava melhor no écran do Monumental ou do Tivoli do que neste escasso quadradinho doméstico, mas a cópia é muito boa e o technicolor mantém-se intacto.
Quo Vadis?. EUA, 1951. Realização: Mervyn LeRoy. Interpretação: Robert Taylor, Deborah Kerr, Peter Ustinov, Leo Genn, Patricia Laffan. Technicolor. 171 minutos. Maiores de 6 anos. Edição M.G.M-U.A./Legal Video.

A REVELAÇÃO DE «RED RIVER»

«Rio Vermelho» assinala o primeiro ano da carreira cinematográfica de Montgomery Clift. Contracenando com o então já consagrado John Wayne, Clift apostava, aparentemente, num papel pouco carismático e num futuro incerto (o «western» sempre foi, para quase todos os actores, terreno escorregadio).

A década de 50 acabaria por consagrá-lo, ligado a uma imagem de marca próxima da sua personagem neste filme de Howard Hawks: inconformado, inconformista, entre a mágoa e o desprezo pelo mundo. Jovem, eleito dos deuses. Morto aos 45 anos, Clift fez parte de uma geração de actores que assistiu ao declínio dos grandes estúdios e ao aniquilamento das últimas «estrelas».

Teve o bom-senso de se distanciar dos factos. Conquistou um lugar no coração dos cinéfilos «mais sérios», recusou papéis como lhe aprouve, alimentou no seu público a paixão pelo novo «Cinema de autor».

Não morreu demasiado jovem, como James Dean; morreu todavia na flor da carreira, prometendo sucessos futuros, depois duma lenta agonia que passou por crises nervosas e por um gravíssimo desastre de automóvel.

Montgomery Clift deixou, enfim, o seu nome escrito entre os novos actores que fizeram a última geração das grandes estrelas: Bogie, Marilyn, Dean... todos os que mais tarde se conheceriam por «those who died young». A sua escassa e muito (por ele mesmo) seleccionada filmografia é um suceder de personagens neuróticas e falhadas; contestatárias ou desapontadas. Um ciclo simbólico fica cumprido entre a sua criação em «Rio Vermelho» e os filmes mais tardios, como «The Misfits» (1960) ou «Freud» (1962). Entretanto, a força e o «pathos» da imagem projectada abriram caminho aos anti-heróis da década seguinte: Warren Beatty, Jon Voight, Dustin Hoffman. Aquilo que Clift ainda herdou dos melhores tempos de Hollywood permitiu-lhe criar uma lenda que o tempo torna mais densa. Os seus primeiros passos, numa trajectória já possível de adivinhar, constituem um dos maiores encantos de «Rio Vermelho».

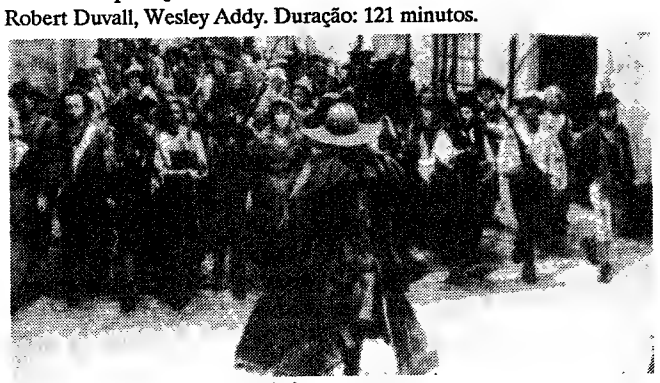
Não é apenas dentro deste filme que John Wayne simboliza outra geração. Clift está já (em 1948) muito longe do herói que se sente bem na sua pele. Marilyn Monroe guardaria para ele uma das suas frases antológicas: «Não conheço mais ninguém em pior estado do que eu.»

MTD

SABADO

RTP 1

09.00 - Juventude e Família
12.05 - O Trânsito
13.00 - Notícias
13.10 - Os Espectaculares Records Guiness
13.35 - Parlamento
14.05 - Sessão da Tarde
«Um Anjo de Verdade», de Marvin J. Chomsky (EUA-1987), com interpretação de Susan Dey e Bruce Boxleitner.
15.40 - Gala dos Pequenos Cantores
17.00 - Crime, Disse Ela
17.45 - Vivamúsica
18.30 - Lisboa
19.10 - Sete Folhas
19.45 - Totoloto
20.00 - Jornal de Sábado
21.15 - O Tempo
21.35 - Noites de Belgrado e Lisboa
23.05 - Noites Revolucionárias
Estreia
00.05 - Cinema da Meia-Noite
«Escândalo na TV», de Sidney LUmet (EUA-1976): Uma cadeia de televisão americana luta arduamente para superar as suas concórrentes nos índices de audiência. E parece ter encontrado um trunfo decisivo: um dos seus comentadores começa a adquirir o estatuto de verdadeiro profeta do pequeno ecran. Tudo serve para surpreender e agarrar os espectadores. Interpretação: Peter Finch, William Holden, Faye Dunaway, Robert Duvall, Wesley Addy. Duração: 121 minutos.



«As Noites Revolucionárias»

RTP 2

10.00 - A Malta de Bronx
10.45 - Vestígios
11.45 - A Nossa Turma
12.45 - Compacto Brega & Chique
16.00 - Estádio
19.30 - Quem Sai aos Seus...
19.55 - Music Box Especial
20.50 - Elogio da Leitura
21.20 - A Saga do Padrinho
22.15 - Segredos e Mistérios
23.50 - Ténis

DOMINGO

RTP 1

10.00 - Juventude e Família
11.15 - Eucaristia Dominical
12.05 - 70 X 7
12.30 - TV Rural
13.00 - Notícias
13.10 - Por Todo o Ouro do Transvaal
14.05 - Alô, Alô
14.30 - Terra X
A segunda fase da expedição tem como ponto de partdia Piruro, cidade-fantasma de Yaro, seguindo depois para Norte, rumo às selvas dos trópicos. Chega a Gran Pajatén, cuja descoberta, em 1965, causou grande sensação nos meios ligados à arqueologia. A expedição aproxima-se da cidade em ruínas em busca de vestígios da tribo do Chunchos, os maiores rivais dos Incas e cujo rasto se perdeu ´há muito. Os seus restos arqueológicos permaneceram até hoje algures na Cordilheira dos Andes, num lugar onde só muito poucos brancos conseguiram chegar.
15.30 - Gala dos Pequenos Cantores
17.00 - Jogos de Verão
Estreia
19.00 - O Justiceiro
20.00 - Jornal de Domingo
20.30 - O Tempo
20.35 - Alf, uma Coisa do Outro Mundo
21.15 - O Barco e o Sonho
22.15 - Domingo Desportivo

«Juventude e Família»

RTP 2

«Derrick»
10.00 - Troféu
13.00 - Caminhos
13.00 - Novos Horizontes
13.30 - Troféu
18.00 - Derrick
18.55 - O Mundo em Extinção
19.45 - 17 Obras de Grandes Autores
20.45 - Lusitânia Expresso
21.15 - Artes e Letras
«David»
22.20 - Cineclube
«O Testamento de Orféu», de Jean Cocteau (França-1959): O poeta, vestido à maneira do século XVIII, quer entrar no fluxo do espaço-tempo. O seu objectivo é superar os artifícios e as ilusões e encontrar, ou mesmo construir, a sua identidade. Vagueando através de uma paisagem inóspita, encontra algumas figuras estranhas que o confrontam com a dificuldade da sua tarefa. Interpretação: Jean Cocteau, Édouard Dermit, Henri Crémieux, maria Casarés, François Périer, Yul Brynner, Jean-Pierre Léaud e Jean Marais. Duração: 83 minutos.

SEGUNDA

RTP 1

09.00 - Bom Dia
10.00 - Às Dez
12.15 - Brega e Chique
13.00 - Jornal da Tarde
13.27 - Bolsa Dia a Dia (Porto)
13.30 - A Rota de Howard
14.15 - A Brigada Falcão
14.40 - Os Que Não Voltaram
15.05 - Festival Ankara
16.05 - América Selvagem
16.30 - Ponto por Ponto
17.25 - Brinca Brincando
18.20 - P'ra Variar
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.05 - O Tempo
20.20 - Sassaricando
21.15 - A Grande Empresa
23.00 - Portugal ao Encontro da sua História
Estreia
23.30 - 24 Horas
00.00 - Remate

RTP 2

15.00 - Filhos e Filhas
15.25 - Agora, Escolha!
16.55 - Sinhá Moça
17.30 - Solução Desesperada
Jed fica bastante abalado quando o seu melhor amigo, Charlie, se suicida. Começa então a relembrar alguns momentos que passaram juntos, numa tentativa desesperada de conseguir encontrar uma pista que lhe explique o acto desesperado de Charlie.
18.30 - Desporto
Meeting Internacional de Nikaia
21.30 - Jornal das Nove
22.00 - Acerto de Contas
22.25 - Bailado
«Jirikyllian»

«Solução Desesperada»

TERÇA

RTP 1

09.00 - Bom Dia
10.00 - Às Dez
12.15 - Brega & Chique
13.00 - Jornal da Tarde
13.27 - Bolsa Dia a Dia (Porto)
13.30 - Dallas
14.15 - Os Filhos dos Flinstones
14.40 - Um Certo Sorriso
15.10 - Rose Royce
16.05 - América Selvagem
16.35 - Ponto por Ponto
17.25 - Brinca Brincando
18.20 - P'ra Variar
19.30 - Telejornal
20.00 - A Bolsa Dia a Dia
20.05 - O Tempo
20.20 - Sassaricando
21.15 - Era uma Vez um Polícia...

«Era Uma Vez Um Polícia...»
22.15 - Primeira Página
23.15 - Armadilhas
23.40 - 24 Horas
00.10 - Remate

RTP 2

15.00 - Filhos e Filhas
15.25 - Rumo aos Céus
16.25 - Música Portuguesa do Séc. XVI ao Séc. XX
16.55 - Sinhá Moça
17.30 - Trinta Minutos Com...
18.00 - Music Box - Via Rápida
19.00 - Music Box
19.55 - Os Intocáveis
20.45 - Cem Grandes Quadros
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Cine Magazine
21.55 - Cinemadois
«Saco de Gatos», de Rainer Werner Fassbinder (RFA-1969), com interpretações de Hanna Shygulla, Rudolf Waldemar Brem, Lilith Ungerer, Elga Sorbas, Doris Mattes. Duração: 90 minutos.

QUARTA

RTP 1

09.00 - Bom Dia
10.00 - Às Dez
12.15 - Brega e Chique
13.00 - Jornal da Tarde
13.27 - Bolsa Dia a Dia (Porto)
13.30 - Colt em Acção

«Colt em Acção»
14.15 - Os Campbells
14.45 - Festas e Romarias de Portugal
15.10 - Chet Baker
16.05 - América Selvagem
16.30 - Ponto por Ponto
17.25 - Brinca Brincando
18.20 - P'ra Variar
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.05 - O Tempo
20.20 - Sassaricando
21.10 - Vamos Jogar no Totobola
21.30 - Lotação Esgotada
«Yang-Tsé em Chamas», de Robert Wise (EUA-1966), com interpretações de Steve McQueen e Candice Bergen. Duração: 179 minutos.
00.55 - 24 Horas
01.25 - Remate

RTP 2

15.00 - Filhos e Filhas
15.25 - Agora Escolha!
16.55 - Sinhá Moça
17.30 - Trinta Minutos Com...
18.00 - O Rio Amarelo
19.00 - Music Box
19.55 - Os Intocáveis
20.45 - Cem Grandes Quadros
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Grande Sertão-Veredas
22.15 - Som da Surpresa

QUINTA

RTP 1

09.00 - Bom Dia
10.00 - Às Dez
12.15 - Brega e Chique
13.00 - Jornal da Tarde
13.27 - Bolsa Dia a Dia (Porto)
13.30 - Um Anjo na Terra
14.15 - Desconhecidos
14.40 - Os Anos que Contam
15.05 - Commander Cody & the Airman
16.05 - América Selvagem
16.30 - Ponto por Ponto
17.35 - Brinca Brincando
18.20 - P'ra Variar
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.05 - O Tempo
20.20 - Sassaricando
21.15 - À Conquista da Última Fronteira
22.15 - Pisca-Pisca
Estreia
23.15 - Portugal Está a Mudar
23.45 - 24 Horas
00.15 - Remate

RTP 2

15.00 - Filhos e Filhas
15.25 - Grande Sertão-Veredas
16.30 - Lá em Casa Tudo Bem
16.55 - Sinhá Moça
17.30 - Trinta Minutos Com...
18.00 - TV 101
19.00 - Music Box
19.55- Os Intocáveis
20.45 - Cem Grandes Quadros
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Maude
21.55 - A Hora da Verdade
22.55 - Hitchcock Apresenta...
Reconhecido e respeitado nos meios artísticos de Manhattan como pintor de talento, Arthur Hollister conseguiu construir a sua reputação sem o seu público suspeitar da sua fraude: na realidade é a sua mulher que pinta os «seus» quadros. Quando é assassinado, as suspeitas recaem sobre a dona da galeria onde expunha a sua obra e com quem mantinha um caso amoroso.
23.20 - Primeiro Andamento

SEXTA

RTP 1

09.00 - Bom Dia
10.00 - Às Dez
12.15 - Brega & Chique
13.00 - Jornal da Tarde
13.27 - Bolsa Dia a Dia (Porto)
13.30 - Gloss
14.25 - Imagem e Imagens
15.05 - Gloria Estefan & Miami Sound Machine
16.05 - América Selvagem
16.30 - Ponto por Ponto
17.20 - Brinca Brincando
17.55 - P'ra Variar
19.00 - Telejornal
Inclui «Bolsa Dia a Dia (Lisboa)» e «O Tempo»
19.35 - Sassaricando
20.30 - Homenagem à Marselhesa
23.35 - 24 Horas
00.05 - Remate

«Um Estranho na Minha Cama»
00.35 - Pela Noite Dentro
«Um Estranho na Minha Cama», de Larry Elikan (EUA-1987), com interpretações de Lindsey W. e Armand Assante. Duração: 96 minutos.

RTP 2

15.00 - Filhos e Filhas
15.25 - Agora Escolha!
16.55 - Sinhá Moça
17.30 - Trinta Minutos Com...
18.00 - A Aventura do Impossível
19.00 - Haja Música
19.55 - Os Intocáveis
20.45 - Cem Grandes Quadros
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Um Homem dos Diabos
Voltaire
22.30 - Rumo aos Céus
23.20 - Entre Barreiras
23.50 - Rotações

CLUBE DE VIDEO

video 1000

ALUGUERES DESDE
100.00

Loja 1 — R. Barão de Sabrosa, 78-A — Tel. 83 83 03 — LISBOA
Loja 2 — C. do Monte (à Graça) — Tel. 87 82 78 — LISBOA
Loja 3 — R. da Filarmónica, 38 — Tel. 411 66 — Vestiaria — ALCOBAÇA
Loja 4 — Av. de Madrid, 14-B (ao Areeiro) — LISBOA
Loja 5 — R. José Galhardo, 7-A (Quinta do Lambert) — LISBOA
Loja 6 — R. Nova, Pederneira — NAZARÉ

SISTEMA INÉDITO • SEM JÓIA • 4.AS FEIRAS 1 ALUGUER GRÁTIS

SEMANADA

As atenções desta semana dispersam-se por vários lados, a começar pela Graça onde o Teatro Hoje estreou, finalmente, o seu novo espectáculo, **O Filho do Ar,** *sobre textos de Jean Cocteau, Eugene O'Neill e Anton Tchekhov, encenação de Carlos Fernando (ver 1.ª pág.). Atenção também para as Caldas da Rainha onde o Teatro da Rainha estreou um espectáculo com um título estranho:* **Barry, Ensaio no T. Zero,** *peça e encenação de Fernando Mora Ramos (ver foto). E, além disso, claro, há os festivais: as Festas do Teatro.*
A VI Festa de Almada este ano internacionalizou-se ainda mais, como pode ver pelo programa que publicamos; atenção também ao programa do Festival da Chamusca.
Para os distraídos, lembramos que está a chegar ao fim o espectáculo do Teatro da Cornucópia com **O Público** *de Lorca, encenação de Luís Miguel Cintra, espectaculo que ainda recentemente mereceu elogiosas referências por parte da prof.ª Maria Clementa Millán, autora de uma edição crítica do texto.*
Outros espectáculos em cena, como pode ver pelo roteiro que se segue.

LISBOA

COMUNA
Praça de Espanha
Tel. 726 08 18
(Sábados e segundas, às 22.00.)
Festival da Otite, de Carlos Paulo.
Espectáculo de Café-Teatro da Comuna.

RITZ CLUBE
Rua da Glória, 57
Tel. 32 51 40
(De terças a domingos, às 22.00.)
Comunidade, de Luís Pacheco. Enc.: José Carretas. Cen.: João Brites. Mús.: Luís Pedro Faro. Int.: Cândido Ferreira.
A vida, a literatura e o teatro.

TEATRO ABERTO
Praça de Espanha
Tel. 77 09 69
(Terças e sábados, às 21.30; domingos, às 16.00.)
A Marmita de Papin, de Clara Pinto Correia, pelo **Novo Grupo** Enc.: Fernando Gomes. Cen.: António Filipe/Fernando Gomes. Mús.: Eduardo Paes Mamede. Int.: Isabel Ribas, Fernando Luís, Teresa Sobral, Paula Fonseca, Paula Bicho, Élio Correia, António Filipe, Zita Esteves, Luís Óscar, Jorge Gonçalves, Melim Teixeira, Joaquim Monchique, Paulo d'Araújo, João Baião, Cristina Carvalhal, Rui Brás e Carlos Gomes.
Clara Pinto Correia à procura de uma peça que Fernando Gomes não encontra.

TEATRO DO BAIRRO ALTO
Rua Tenente Raul Cascais, 1-A
Tel. 66 15 15
(Terças a sábados, às 21.30; domingos, às 16.00.)
O Público, de Federico Garcia Lorca, pelo **Teatro da Cornucópia.** Enc.: Luís Miguel Cintra. Cen.: Cristina Reis. Mús.: Paulo Brandão. Int.: Adriano Luz, António Fonseca, Fernando Heitor, Gilberto Gonçalves, José Manuel Mendes, Luís Lima Barreto, Luís Lucas, Luís Miguel Cintra, Luísa Cruz, Manuel Cintra, Pedro Pinto Nogueira, Rogério Vieira e Teresa Madruga.
Só até dia 16 de Julho, um grande espectáculo.

TEATRO DA GRAÇA
Trav. de S. Vicente, 11 (à Voz do Operário)
Tel. 87 56 26
(De terças a sábados, às 21.00; domingos, às 17.00.)
O Filho do Ar, sobre textos de Jean Cocteau, Eugene O'Neill e Anton Tchekhov, pelo **Teatro Hoje**. Enc.: Carlos Fernando. Cen.: Dalton Salem Asseff. Int.: Elisa Lisboa, Fernanda Coimbra, Fernando José Oliveira, Isabel de Castro, Manuel Mendes, Paula Só, Ruy Furtado e Teresa Mónica. Mús.: Carlos Curto e Joana Bagulho.
O novo espectáculo do Teatro Hoje.

TEATRO IBÉRICO
Rua de Xabregas, 54
Tel. 38 21 31
(Terças e sábados, às 21.30; domingos e feriados, às 17.00.)
A Castro, de António Ferreira. Enc./Cen.: Xosé Blanco Gil. Int.: Francisco Soromenho, Alina Vaz, Teresa Corte-Real, Ana Saragoça, Ana Enes, Álvaro Faria e Francisco Brás.

FALAS

que me continua a fazer muita impressão e pena é a inexistência de textos dramáticos portugueses. Claro que não podemos saltar 50 anos de censura e de um momento para o outro aparecerem pessoas a escrever imenso teatro. Hoje tenho alguma dificuldade em ver teatro, talvez porque não me apetece gastar o dia de folga dessa maneira, mas tenho pena de ver assuntos que podiam ser tratados à nossa maneira, abordados nos nossos palcos exclusivamente por autores estrangeiros. Há da minha parte uma frustração muito grande de não ver e não ler peças portuguesas que goste.

Luís Lucas
entr. a Carlos José — («Vida Mundial«/28-6-89.)

TEATRO MAIZUM
Rua dos Poiais de São Bento, 75-B
Tel. 60 18 66
(Quartas a sábados, às 21.30; domingos, às 16.00.)
Um Demónio na Vitrine, de Fialho de Almeida. Dram.: Manuel João Gomes. Enc.: Silvina Pereira. Cen.: Federica N. Ferreira. Fig.: Mariana Sá Nogueira. Mús.: Rui Luís Pereira. Int.: Filipe Petronilho, Isabel Fernandes, Pedro de Freitas Branco e Silvina Pereira.
Um grande escritor e um espectáculo rigoroso.

TEATRO MARIA MATOS
AV.ª Frei Miguel Contreiras
Tel. 89 70 17
(Terças a sextas, às 21.30; sábados: às 21.30 e 23.00; domingos e feriados, às 16.00 e 21.30.)
Quem Tramou o Comendador?, de Mário Zambujal, Carlos Cruz, Fialho Gouveia e José Duarte. Enc.: Virgílio Castela. Int.: Eugénio Salvador, Henrique Viana, Delfina Cruz, Graça Brás, Luísa Barbosa, Dulce, Carlos Gonçalves, Nuno Emanuel, Fernando Ferrão.

TEATRO DA TRINDADE
Rua da Trindade
Tel. 32 00 00
(Terças a sábados, às 21.30; domingos, às 16.00.)
Artistas e Admiradores, de Alexandre Ostrovsky, pelo **Teatro Estúdio de Lisboa.** Enc.: Luzia Maria Martins. Cen.: Fernando Filipe. Int.: Helena Félix, Lia Senna, Maria José Baião, Célia David, Fernanda Garção, Joaquim Rosa, Carlos Santos, José Brás, António Machado, Manuel Mendonça, Vítor Hugo e Artur Mendonça.
Primeira representação de Ostrovsky em Portugal.

TEATRO VARIEDADES
Parque Mayer
Tel. 32 60 37
(Terças a sábados, às 20.30 e 23.00; domingos, 16.00 e 21.30.)
A Prova dos Números Novos, de Henrique Santana, Francisco Nicholson, Augusto Fraga e N. Nazareth Fernandes. Enc.: Maria Helena Matos. Int.: Henrique Santana, Florbela Queirós, Manuel de Azevedo Coutinho, Fernando Mendes, Luís Aleluia, Maria João Abre, Carlos Ivo, Eva Cristina, Cristina Areia, etc.

TEATRO VILLARET
Av.ª Fontes Pereira de Melo, 31-A
Tel. 53 85 86
(Terças a sábados, às 21.30; domingos e feriados, 16.00.)
O Leitinho do Nené, de Alfonso Paso. Enc.: Francisco Nicholson. Cen.: Miguel Sá Fernandes. Int.: Carlos Miguel, Maria Dulce, António Montez, Manuela Carlos, Rui Luiz, etc.

ALGÉS
1.º ACTO — CLUBE DE TEATRO
Rua Eduardo Pedroso
Tel. 211 50 33
(De terças a sábados, às 21.30; sábados e domingos, às 17.00.)
D. João de Alvarado, o Criado de Si Mesmo, de Nicolau Luís, pelo **Grupo Persona — Teatro de Comédia**. Enc.: Paulo Lages. Cen.: Luís Martins. Fig.: Guilherme Filipe. Int.: Miguel Menezes, Guilherme Filipe, Carlos Borges, Jorge Alonso, Custódia Gallego, Paula Sá Nogueira e Paulo Lages.
Descobrir o teatro de cordel.

ESTORIL
TEATRO MUNICIPAL MIRITA CASIMIRO
Av.ª Fausto Figueiredo (ao Cruzeiro)
(Terças a sábados, às 21.30; domingos, às 17.00.)
Lisístrata, de Aristófanes. Trad.: Manuel João Gomes. Enc.: Carlos Avilez. Cen./Fig.: Ana Silva e Sousa. Mús.: Luís Pedro Fonseca. Int.: Anna Paula, Lia Gama, Zita Duarte, Alexandra Lencastre, Fernanda Neves, António Marques, Santos Manuel, Luís Rizo, Carlos Freixo, Paulo B. e Sérgio Silva.

CALDAS DA RAINHA

CASA DA CULTURA
Tel. 2 20 57
Barry, Ensaio no T. Zero, Arg./Enc.: Fernando Mora Ramos. Int.: Vítor Santos.

SETÚBAL

TEATRO DE BOLSO
Rua Dr. Aníbal Álvaro da Silva, 9
Tel. 2 91 30
(Sextas a domingos, às 21.30; sábados e domingos, também às 16.00.)
Assim se fazem as Coisas... Dentro das Tripas do Paço, de Gil Vicente, pelo **TAS.** Enc.: Carlos César. Int.: Maria Simões, Isabel Ganilho, Maria Sobral, João Manuel, Carlos Rodrigues, Asdrúbal Teles, Fernando Guerreiro, etc.

ALMANACH

DOS

THEATROS

PARA O ANNO DE 1901

Teatro no Tivoli

Agora que a defesa do edifício do Cinema Tivoli se tornou um imperativo para todos nós, vem a propósito lembrar que aquela casa de espectáculos está ligada à história do teatro novo em Portugal, pelo menos, através de dois acontecimentos. Um deles, mais próximo de nós, consistiu na apresentação dos primeiros espectáculos do Grupo 4 (Irene Cruz, João Lourenço, Morais e Castro e Rui Mendes), um dos empreendimentos pioneiros para a existência do teatro independente, nos anos 60.

O outro é muito anterior (1925) e marcou a existência efémera de uma companhia que se chamou precisamente Teatro Novo e à qual esteve ligada gente como Almada Negreiros, José Pacheco, Leitão de Barros, António Ferro, Joaquim de Oliveira, etc.

Foi então apresentada uma versão da peça de Jules Romains **Knock ou A Vitória da Medicina**, grande êxito da época, espectáculo que provocou uma prolongada polémica anterior e posterior à estreia, tal como relata Joaquim de Oliveira no seu livro » O Teatro Novo» de que transcrevemos uma passagem em que o autor refere os preparativos para apresentação do espectáculo.

Knock ou a Vitória da Medicina

(...) O escândalo foi sempre o melhor disfarce dos vaidosos. A António Ferro, no encapelado mar alto das suas ambições, abria-se o futuro na tentativa de mentor-empresário, a exemplo dos **Pitoeffes** e outros. E supôs chegado o momento para fazer eclodir o movimento revolucionário de teatro na sala da conjuração, no Tivoli, na Avenida da Liberdade, hoje com o n.º 184, cave. (...)

Tinha o dedo do destino a indicar-me aquelas bandas. Pois não foi sem surpresa que vi, na emaranhada e descompassada polémica, o meu nome à frente da tentativa.

Foi debaixo da saraivada de despropósitos que ensombravam o ambiente e mais responsabilidades criavam aos dirigentes, que fui convidado para interpretar a personagem Knock, de Jules Romain, convite feito por Lino Ferreira, experimentado homem de teatro, e há muito meu admirador por tudo o que eu fazia dentro da profissão.

Dei por resposta que não gostava de aventuras e temia as responsabilidades para com o público, por essa época muito exigente e que não era para graças, tanto mais que estava desconfiado do escândalo da controvérsia.

Lino Ferreira insistiu comigo, apelando para a nossa amizade, para a consideração que me dispensava, e pedia-me que tivesse em atenção o capital comprometido na tentativa. Esclareciame que tanto ele como o dr. Ricardo Jorge entravam à experiência, mais por simpatia pessoal pelo jornalista do que propriamente pela ideia. Como recurso de renúncia ao convite, considerei pouco feliz a actuação num cinema. Então segredou-me a confidência máxima: «Aos tipo do cinema convém esta iniciativa para que ela caia pela base, para não **chatearem** o negócio das fitas. Para mim, Joaquim de Oliveira, são fantasias que me fazem perder uns **cobres**, mas como já lá vão muitos... É mais um!...»

Lino Ferreira vinha a ter razão. **Era mais um**. Mais... Knock... Mais um negócio, quereria ele dizer no seu habitual pitoresco. E uma tarde para lá nos dirigimos, e descemos à cave do Tivoli. Lá encontrámos somente a ideia e uns senhores de **boa vontade**...

O **bar** é que era já um facto de consumação; e o serviço de escritório estava organizado.

Papel, cartões, sobrescritos, em variadíssimos formatos e com os timbres de «Administração», «Conselho de Arte», «Cercle», morada de um lado, do outro o número do **telefone 5474,** tabelas para serviço do palco (?) com espaço ponteado para assinarem o **director artístico, ensaiador e director de cena.**

(...) Em verdade, já há algum tempo estava da posse da cave do Tivoli e lá actuava uma direcção composta por várias pessoas, entre as quais o dr. Celestino Soares, José Pacheco, Almada Negreiros, António Ferro e sua mulher Fernanda de Castro, Paula Bastos, jornalista, Leitão de Barros e creio que outros. (...)

António Ferro chegou a acentuar que o «Teatro Novo» sem mim não se justificaria, pois era considerado o único actor com as qualidades modernas requeridas. Para aceitar tais encargos eu imporia condições essenciais. Primeiramente, ler a peça que me destinavam; plenos poderes, discricionários, para a sua realização; intérpretes escolhidos ou aceites por mim; plantação da cena, montagem, iluminação e tudo concernente à apresentação do espectáculo, debaixo da minha inteira responsabilidade. Que ninguém se intrometeria, nem me daria ordens.

Assim compreendido pelos principais dirigentes e resolvido a meu favor.

Com a devida autorização do Comissário do Governo do Teatro Nacional Almeida Garrett, sr. Santos Tavares, do capitalista oculto Lino Ferreira e do Administrador da Sociedade Artística daquele teatro, o cenógrafo Augusto Pina, fui dispensado dos ensaios subsequentes, trabalhando, à noite numa peça em que estava fazendo grande êxito na interpretação dum papel.

Depois dum profundo estudo da peça **knock**, fiz a escolha dos intérpretes. Enquanto seguia de perto a construção do palco, de dimensões muito exíguas, e de cuja boa aplicação dependia o êxito da tentativa, defendendo a situação de prestígio de António Ferro e ainda os **cobres** de Lino Ferreira e dr. Ricardo Jorge, punha também à prova prática a dificílima marcação, no primeiro ensaio, na tarde de 17 de Março de 1925, no corredor principal à esquerda do Tivoli, que dá para a rua transversal.

Ao sistema de iluminação do palco eram pela primeira vez adaptadas lâmpadas tubulares, que dariam unificação ao tom de luz, eliminando as sombras nas caracterizações dos artistas. Resistências, focos especiais, etc.

O «automóvel» do 1.º acto já estava num dinheirão, porque cada um tinha dado a sua sentença, e com a agravante de ser dum tamanho inconcebível, de tal maneira que não dava arrumação nem lugar ao cenário do 2.º acto. Mandei-o cortar e dividir em três partes, baixando por um alçapão para a cave.

Os ensaios prosseguiram bem e fiquei satisfeito ao verificar que a marcação era duma certeza absoluta, dentro do acanhadíssimo palco de três metros lineares. (...) Nunca em Portugal se tinha apresentado em cena uma rotunda negra que neutralizasse fundo em proveito da concentração do espectáculo, da síntese do cenário e do efeito da iluminação sobre as figuras. Propus que o palco para o caso do 1.º acto fosse rotundado de flanela negra, as árvores tivessem movimento de saída sobre uma calha, ao mesmo tempo que se movessem as rodas do «automóvel». De acordo com a ideia, José Pacheco e Almada Negreiros, para quem apelei, deram as pinceladas de cores vivas, de vários formatos geométricos no «automóvel», iluminado suavemente pelos tubulares da ribalta, enquanto dois focos laterais compunham o resto do quadro.

Knock ou a Vitória da Medicina, de Jules Romains. Trad.: Fernanda de Castro. Enc.: Joaquim de Oliveira. Cen. /Fig.: Leitão de Barros. Guarda-Roupa: Castelo Branco. Cabel.: Víctor Manuel. Int.: Joaquim de Oliveira, Gil Ferreira, Carlos Abreu, Joaquim Miranda, Aurélio Ribeiro, José Henriques, Barroso Lopes, João de Almeida, Carlos Barros, Luz Veloso, Regina Montenegro, Rachel Moreira. Amélia Trajano, Irene Benamor.

2.ª Parte: Quatro números de bailado por Florêncio. Nos intervalos concerto pelo quarteto dirigido por José Bonnet.

Joaquim de Oliveira
«O Teatro Novo»

Isto é que é uma cacha: a Schaubuhne de Berlim, em Portugal, em 1890 com 2 Tchekhov's

Na Chamusca

Festa de Teatro do Tejo

Teve início no passado dia 1 de Julho, na Chamusca, a Festa de Teatro do Tejo, organizada pela Companhia de Teatro do Ribatejo. Depois do Teatro da Rainha **(Amorosos),** A Barraca **(O Baile),** Alunos da Esc. Sec. 1 de Abrantes **(Pedido de Casamento,** de Tchekhov), segue-se o seguinte programa:

8/7 — **A Mar Mulheres,** de Alves Redol, Jorge Amado, etc., pelo Trigo Limpo (Parque Mun.).

9/7 — **O Casamento,** de Gogol, pela CTR (Parque Mun.).

11/7 — **Devocionaria,** pelo Teatro del Norte (Parque Mun.).

14/7 — **Casamento à Força,** de Molière, pelo ATE-Ereira (Parque Mun.).

15/7 — **My Little Country,** pelo Teatro Maya/Polónia (Parque Mun.).

16/7 — **Marido Ausente,** de Norberto Ávila, pelo Teatro de Portalegre (Parque Mun.).

18/7 — Teatro de Rua, pelo Teatro La Gotera/Espanha.

21/7 — Um olhar crítico sobre o teatro português — colóquio.

22/7 — **Não Andes Nua pela Casa,** pelo Intervalo (Parque Mun.).

23/7 — **Estilhaços,** de Mário de Carvalho, pelo Bando.

27/7 — **A Estalajadeira,** de Goldoni, pelo CDIAG.

28/7 — **Auto da Índia,** de Gil Vicente, pela CTR (Almourol).

29/7 — **As Palavras Não Têm Escamas,** pelo CDIAG (Teatro de Bolso). Concerto de Música Clássica.

30/7 — A função social do Teatro — colóquio — (Teatro de Bolso).

1 — 1 a 15 de Julho: Exposição de Mário Alberto; exposição de Cenografia.

VI Festa de Teatro de Almada

Sábado, 8, 22.00 — **Hamlet** (mímica) — Teatro Anfas — URSS.
Domingo, 9, 21.30 — **Barnum** — Marionetas de S. Lourenço.
Domingo, 9, 23.00 — **Devocionário**/Etelvino Vasquez — Teatro del Norte-Espanha.
Segunda, 10, 22.00 — **O Marido Ausente**/Norberto Ávila — Teatro de Portalegre.
Terça, 11, 21.00 — **Estilhaços**/Mário de Carvalho — O Bando.
Terça, 11, 22.30 — **Espectáculo de Mímica**/Peter Roberts — Inglaterra.
Quarta, 12, 22.00 — **O Casamento**/Gogol — C.ª do Teatro do Ribatejo .
Quinta, 13, 22.00 — **Riego**/Francisco Prietto Benito-Margen-Espanha .
Sexta, 14, 21.00 — **Concerto**/Orquestra Gulbenkian.
Sexta, 14, 23.00 — **Todos os Anos o Mesmo**/Eduardo de Fillipo — Centro Cultural de Évora.
Sábado, 15, 22.00 — **A Ópera dos Três Vinténs**/Brecht-Weill-Studentine — Teatro-Bulgária.
Domingo, 16, 22.00 — **O Triunfo do Arlequim**/Dina Vezanni-Scalzacani — Itália.
Segunda, 17, 22.00 — **Hacemos la Calle** — La Gotera — Espanha.
Terça, 18, 22.00 — **Marco/Milhão**/Eugene O'Neill — C.ª Teatro de Almada.

Os espectáculos realizam-se no Palácio da Cerca, na Incrível Almadense e no Teatro Mun. de Almada.

NOVIDADES

Julho é mês de algumas novidades nas ondas hertzianas. Ainda não é a vaga de fundo que costuma acompanhar o aparecimento do Verão, como «grelhas» mais leves e descontraídas; ainda não é o tempo do som «funky» e dançável invadindo as praias, através dos «cantantes» que os adolescentes carregam ao lado das pranchas de «surf». Mas é já o tempo da Rádio Cidade e de algumas outras novidades:

Não discutindo a (pouca) validade de um modelo popularucho e pouco original, forçoso é reconhecer a sua popularidade e a sua adaptabilidade.

A água e o sol, o calor e o ritmo brasileiro, a vivacidade e a dança, casam-se com (alguma) perfeição nos verões quentes da costa lisboeta.

«Rádio Cidade» só no Verão, diria eu. Mas há outras coisas para ouvir... e recordar.

Comece-se pela Rádio Comercial, que mais uma vez deu a mão à cultura, e mais especificamente à literatura, através da dramatização radiofónica de «Mau Tempo no Canal», de Vitorino Nemésio.

O romance do grande escritor açoriano, tido habitualmente como uma das obras-primas da ficção portuguesa deste século, e que retrata magistralmente a vida nas ilhas centrais dos Açores, nomeadamente do Faial e do Pico, e do canal que as separa, não é facilmente tratável e transformável em material sonoro.

Um sem-número de personagens, ainda que rodando em torno de um triângulo (ou quadrado) amoroso, com um vértice esplendoroso (Margarida), múltiplos lugares e sentires, classes e camadas sociais distintas, tudo contribui para dificultar a adaptação do romance. Mas a obra já aí está e é ouvi-la, para poder falar...

Valerá a pena entretanto ir (re)descobrindo espaços em que a música não é um mero somatório de canções de discos e intérpretes avulsos.

Vale a pena visitar, por exemplo, o «Terna é a Noite» de Ana Luz, que preenche as noites da semana da RGT/Radiogeste, e ter a surpresa de ouvir uma sucessão de faixas» do belíssimo «Away Street» dos Crosby, Stills, Nash Young, como já me aconteceu, por mais de uma vez.

Valerá ainda a pena ouvir a música instrumental, mais ou menos próxima do jazz, com mais ou menos «fusão» de estilos e géneros, que Miguel Cruz, diligentemente, vai divulgando no CMR, nas noites de sábado, às 20 horas.

Para sugestões, já basta assim...

Rui Cartaxo

Miguel Cruz: um deserto pleno de sabores...

PROGRAMA 2

DICIONÁRIO SONORO DO TEATRO — ÀS 6.ªs., quinzenalmente, às 17 (repete às 2.ªs., às 11); programa de Carlos Porto, com realização de Luís Filipe Costa

Chega-se à letra R, letra de »...réplica, reportório, representação e retórica».

HISTÓRIAS DA MÚSICA... E OUTRAS — Às 5.ªs., às 21 (repete aos sábados às 10); programa de António Cartaxo.

Atenção redobrada ao último programa da série dedicada à **Revolução Francesa,** de que destaco a audição integral da orquestração da **Marselhesa** por **Hector Berlioz.**

RÁDIO COMERCIAL - FM ESTÉREO

À VOLTA DA MEIA-NOITE — Aos sábados, das 0 às 2; realização de José Duarte.

Inicia-se um magnífico ciclo de programa sobre **Jazz de filmes,** com uma estreia ambiciosa: a banda sonora de **Siesta,** da autoria de **Miles Davis** e de **Marcus Miller,** e a de **À Bont de Souffle (Godard),** da autoria do grande pianista francês **Martial Solal.**

RFM

RIOS NEGROS — Aos sábados, das 20 às 22; realização de Teresa Mesquitela e Rui Neves.

Passagem integral, na 2.ª hora, da versão CD do último álbum de **António Pinho Vargas,** «Jogos do Mundo», em que tocam músicos de alto gabarito como **José Nogueira, Mário Barreiros** e **Rui J**

A ILHA DOS ENCANTOS — De 3.ª a sábado, da 1 às 3; realização de Amílcar Fidelis.

Os **American Music Club** e os **Current 93** são os grupos em destaque na rubrica «Os Tesouros da Ilha», de 3.ª a 4.ª-feira, respectivamente, depois das 2 horas.

RÁDIO COMERCIAL - FM ESTÉREO

A COMPANHIA DA MÚSICA — Aos sábados, das 15 às 18; realização de Fernando Luís.

Em 96.6 Mhz a força das novidades, das notícias, e da música rock, pela voz de um dos mais promissores talentos da nossa Rádio.

ROCKÁUTICA — Aos sábados, das 18 às 19; realização de Alexandre Miguel.

Interessante e entusiasmante balanço e apresentação das canções da década; por ora vamos nos anos de 1982 e 1983, anos de transição do rock «urbano-depressivo» para o pop mais ou menos computarizado.

TSF

GRANDE JÚRI TSF — Aos sábados, das 12 às 13; participação de Clara Ferreira Alves, Helena Sanches Osório e Fernando Alves, com realização de Emídio Rangel e José Mário Costa.

Rui Mingas, que na minha infância vi encher as pistas do Estádio da FNAT e do Estádio Nacional (quase 30 anos depois ainda integra a lista dos 20 melhores atletas «portugueses» nos 110 metros barreiras), que na minha adolescência encheu os nossos corações com belas músicas como **Monongambé,** é hoje embaixador da República Popular de Angola em Portugal.

Numa altura em que a paz se avizinha é mais que legítimo deixar falar esta grande figura de África.

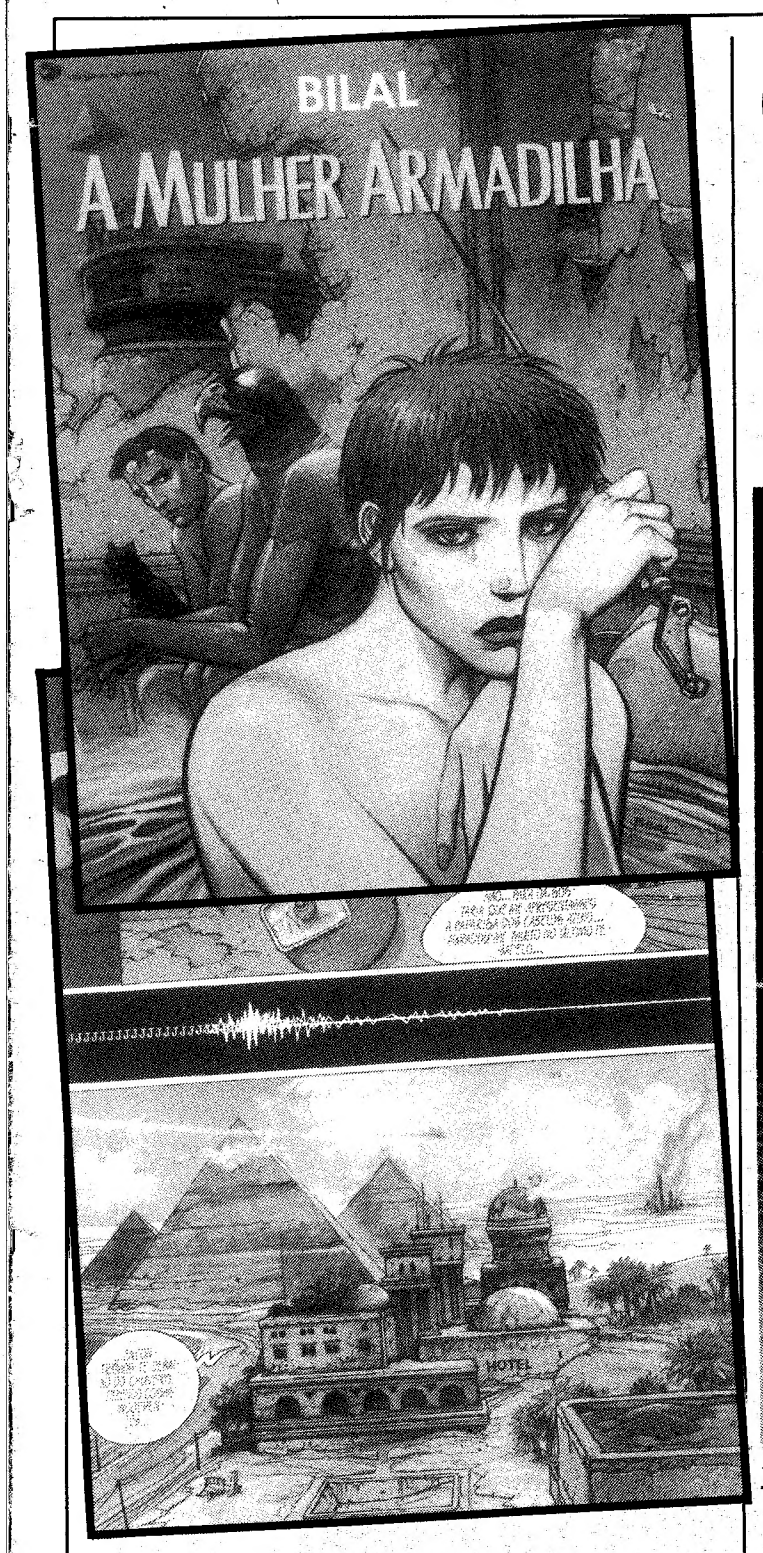
FRENTE A FRENTE — Aos domingos, das 11 às 13; realização de Emídio Rangel e José Mário Costa.

Inicia-se um ciclo, em colaboração com a SEDES, de discussão sobre Portugal e o seu futuro próximo.

Neste domingo, sob o título de **Que Portugal na Europa de 93?,** economistas como **Constâncio e Salgueiro,** jornalistas como **Nogueira Pinto** e **Peres Metelo,** analistas como **Joaquim Aguiar** e **Guilherme de Oliveira Martins,** e o eurodeputado **Joaquim Miranda** trocam ideias e levantam questões.

CONVERSA DE VIZINHAS — De 2.ª a 6.ª, às 16.30; participação de Lídia Franco e Rita Ribeiro.

Duas das grandes actrizes portuguesas dialogam animadamente com base nos textos humorísticos, sarcásticos, de **Filipe La Féria.**



Bilal, o justo

Valerá a pena escrever e reescrever sobre esse fenómeno da B.D. que dá pelo nome de BILAL. É que este senhor rompeu muitos círculos que se fecham à volta da B.D.; daqueles círculos concêntricos que cada autor de qualidade sempre cria à volta de si próprio e da arte onde produz. De facto (e por exemplo), considerando o **Asterix** ou o **Tintin** logo nos deparamos com modelos que parecem definir, para sempre, o que se deve fazer para se obter a almejada qualidade e o ambicionado sucesso.

Encarando o desenho da B.D., ele mesmo, como uma espécie de realismo — imaginário e situando como elemento fundamental no encaminhamento para o imaginário do global do seu trabalho, BILAL acrescenta-o de uma qualidade pictórica fundamental.

Nos seus trabalhos, mais ou menos evadidos do real, encontra-se sempre presente a violência sádica que o autor pretende esconjurar. Assim, se em A CAÇADA a realidade espreita em cada desenho, constituindo o desenho a evidenciação dessa realidade, em A MULHER ARMADILHA o realismo funciona como encaminhamento para o imaginário total. No entanto, quer numa situação como na outra, a ligação é estreita e permanentemente contínua entre os dois planos e a resultante é de grande coerência. Mas uma outra faceta é de sublinhar: BILAL fala de dramas (ou tragédias) individuais, com o indivíduo que sobre torturado e manipulado por forças superiores à sua individualidade. E essas forças, se por vezes apresentadas quase que como desígnios dos deuses, têm sempre pontos de referência às grandes tragédias da história contemporânea e os deuses assumem-se como homens que de grande só tiveram as maldições que geraram.

BILAL, criador do protesto e da revolta e severo juiz de homens e de sociedades.

P.A.P.

O RETORNO DA MATÉRIA

Porque estas coisas não são diferentes de tudo o mais; porque em arte também a evolução é feita sobre a tradição, nela se alimentando e com ela rompendo; porque no lento processo de inventividade humana a linha produtora não apresenta linearidade, antes um gráfico de sobressaltos e agitação; por tudo isto assistimos a permanentes retornos, sempre diversos e sempre referentes ao passsado.

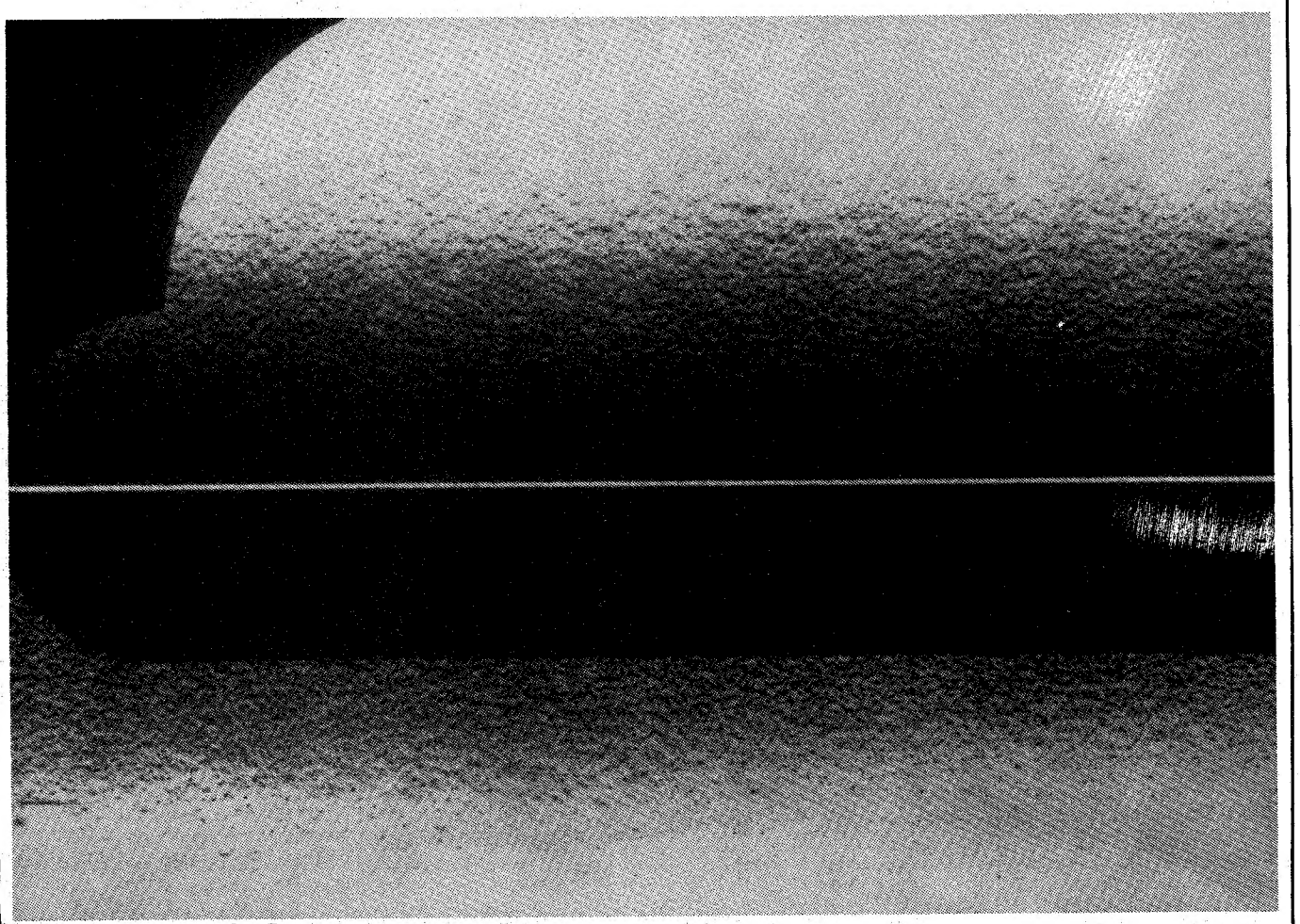
A matéria está de volta ao mundo das artes plásticas. Matéria trabalhada e matéria afeiçoada e respeitadora dos materiais. Já não é a expressão violenta do génio intempestivo do criador (que isso já se fez).

É antes uma situação de mútuas cedências e mútuos acordos, a partir do momento em que o material de suporte é escolhido. O papel deve apresentar-se como papel, a pedra tal como é, ou o metal, ou o tecido, ou os plásticos. Cada um apresentando propriedades que lhe permitem individualização no mundo das formas, cores e texturas, essas propriedades são conduzidas na linha da sua lógica intrínseca e o resultado surge como perfeitamente natural.

Não se força a realidade. Conduz-se a matéria no sentido de um acordo de coerência, ganhando-se áreas do sentimento prélógico e da experiência vivencial.

É o suave retorno da matéria.

Porfírio Alves Pires



Desenho de Fernando Cruz

□ **ALMANCIL**
• **DAVID DE ALMEIDA**
Centro Cultural S. Lourenço
Pintura

□ **ALMADA**
• **RIBEIRO FARINHA**
Almadarte, Shoping Center Marimar, Av. Gen. Humberto Delgado, 3-B
Pintura

□ **ALVOR**
• **STELLA DE BRITO**
Hotel Alvor Praia
Pintura

□ **CASCAIS**
• **SÃO ROMÃO e JEAN ESPIEUX**
Vértice, Av. Eng. Adelino Amaro da Costa, 71-A
Pintura

□ **ESTORIL**
• **ANA BRANCA**
Arcadas do Parque
Pintura

□ **LISBOA**
• **ANTÓNIO RAMOS ROSA**
Clube Cinquenta, R. de S. Mamede (ao Caldas) 9, 1.º
Desenho

• **AR.CO**
Galeria João Hogan, R. Voz do Operário, 13.
Escultura

• **COLECTIVA**
Galeria Miron, R. do Mirante, 14, r/c, esq.
Autores contemporâneos portugueses

• **CARLOS CARNEIRO**
Alliance Française. R. Braancamp, 13, 1.º
Pintura

• **COLECTIVA**
Galeria S. Francisco. R. Ivens, 40
Pintura

• **COLECTIVA**
Galeria Altamira, R. Filipe Folque, 48-A.
Pintura

• **ENCONTROS LUSO-AMERICANOS**
Fundação Gulbenkian, Av. de Berna, 45.
Escultura, arquitectura, cinema e vídeo.

• **GRACIETE ROSA ROSA**
Galeria Tempo, R. Nova de S. Mamede, 17-A.
Tapeçaria

• **GUILLERMO VÉLEZ-MEJIA**
Galeria de São Bento. R. do Machadinho, 1
Pintura

• **JOÃO DA ROSA**
Galeria Quadrum. R. Alberto de Oliveira, 52
Pintura

• **JOSÉ PEDRO CROFT e RUI SANCHES**
Galeria Alda Cortez, Largo de Santos, 1-F
Escultura

• **JOÃO QUEIROZ**
Monumental/Bertrand, R. Anchieta, 23
Pintura

• **MANUELA DE SENA**
Galeria Barata, Av. de Roma, 11-A
Pintura

• **PAULA REGO**
Galeria 111 Campo Grande, 113.
Pintura

• **SÉRGIO TABORDA**
Galeria Tapeçaria de Portalegre R. Academia das Ciências, 2-J.
Escultura

• **RUI DE AZEVEDO e JOÃO HONÓRIO**
Centro Comercial Libersil, Loja 48, Av. da Liberdade, 38
Pintura e escultura.

• **TERESA TORRES**
Galeria Tempo, R. Nova de S. Mamede, 17-A
Cerâmica.

□ **PORTO**
• **Rui PAES**
Galeria Módulo, Av. da Boavista, 854
Pintura e Desenho

• **STEPHAN RESE**
Galeria Roma e Pavia, R. D. Manuel II, 346-B
Fotografia

• **TIAGO MANUEL**
Galeria Quadrado Azul, R. Costa Cabral, 777, loja 8.
Desenho.

□ **SETÚBAL**
• **MANUELA PINHEIRO**
Galeria Voragem, Av. da República Guiné-Bissau, 28-A
Pintura.

CLÁSSICA

LISBOA

Aula Magna
Universidade de Lisboa
Dia 7, pelas 21.30 h. **Gwyneth Jones** em concerto com a **Orquestra Sinfónica do Teatro Nacional S. Carlos.** Direcção musical: **Jan Latham-Koenig.** Obras de: Verdi, Puccini, e Wagner.

Fundação Calouste Gulbenkian
Entrada livre.
Anfiteatro de Ar Livre
Dia 8, pelas 17.00 h. «Bandas de Música no Anfiteatro» com a **Filarmónica de Amizade Visconde de Alcácer.**
Dia 9, pelas 17.00 h «Bandas de Música no Anfiteatro» com a **Banda da Guarda Nacional Republicana.**

Museu Nacional de Arte Antiga
Entrada livre.
Dia 8, pelas 15.30 h — Concerto pelo **Coro de Câmara de Lisboa,** sob a direcção de **Teresita Gutierrez Marques.** Obras de compositores renascentista e românticos.
Teatro de S. Carlos
«Festival de Música dos Capuchos»
Dia 8, pelas 21.30 h — **Milva** canta Brecht, com **Beppe Moraschi** ao piano. Encenação de **Giorgio Strehler.** Obras de Kurt Weill e Hans Eisler: extractos da «Ópera dos Três Vinténs», «Happy End», «Requiem Berlinense» e «Ascensão e Queda da Cidade de Mahagonny»; e «Canções de Embalar para Mães Trabalhadoras», «O Soldado Schweick na II Guerra Mundial» e «Miserere Alemão», respectivamente.
Ruínas da Igreja do Carmo
Dia 8, pelas 21.30 h — Concerto integrado nas Comemorações dos 600 Anos do Convento do Carmo pelo **Coral Publia Hortênsia e Polyphonia Schola Cantorum.**
Sociedade de Geografia
Dia 7, pelas 21.30 h — Concerto pela **Nova Filarmonia Portuguesa** dirigida pelo maestro Jack Abell. Obras de Mozart, Brahms e Mendelssohn. Este concerto inaugura oficialmente o XV Festival de Música da Costa do Estoril. É solista Janos Czocs.

QUELUZ

Palácio Nacional
Dia 7, pelas 21.30 h — Integrado no «XXIV Festival de Sintra». «O Piano e o Romantismo» — **Michel Beroff** interpreta obras de Bach, Brahms, e Chopin entre outros.

SINTRA

Quinta da Penha Longa
Dia 9, pelas 18.00 h — Integrado no «XXIV Festival de Sintra» — «O Piano e o Romantismo». **António Rosado** — Interpreta obras de Grieg (Sonata em mi menor, op. 7) Granados (Goyescas, suite).
Palácio Nacional da Pena
Dia 11, pelas 18.00 h — Integrado no «XXIV Festival de Sintra» — «O Piano e o Romantismo». **Jean-Yves Thibaudet** — Interpreta Obras de Chopin (Vinte e Quatro prelúdios, op. 28), Liszt (Jeaux d'Eaux a la Villa d' Este, Balada n.º 2 em si menor), e Verdi Paráfrase sobre Rigoletto).

LIGEIRA

Hot Clube de Portugal
Praça da Alegria, 36
Dias 7, 8 e 9: **Tommy Halferty Trio** Dias 11 a 16: **Dudas Quinteto,** composto por **Rui Luís Pereira** (guitarra), **José Carrapa** (guitarra), **Alexandre** (teclados), **Yuri Daniel** (baixo eléctrico) .e **Alexandre frazão** (bateria).
Cinema Alvalade
Dia 8 à noite: **Sigue Sigue Sputnik.**
Teatro de S. Carlos
R. Serpa Pinto, 9. T. 368408.

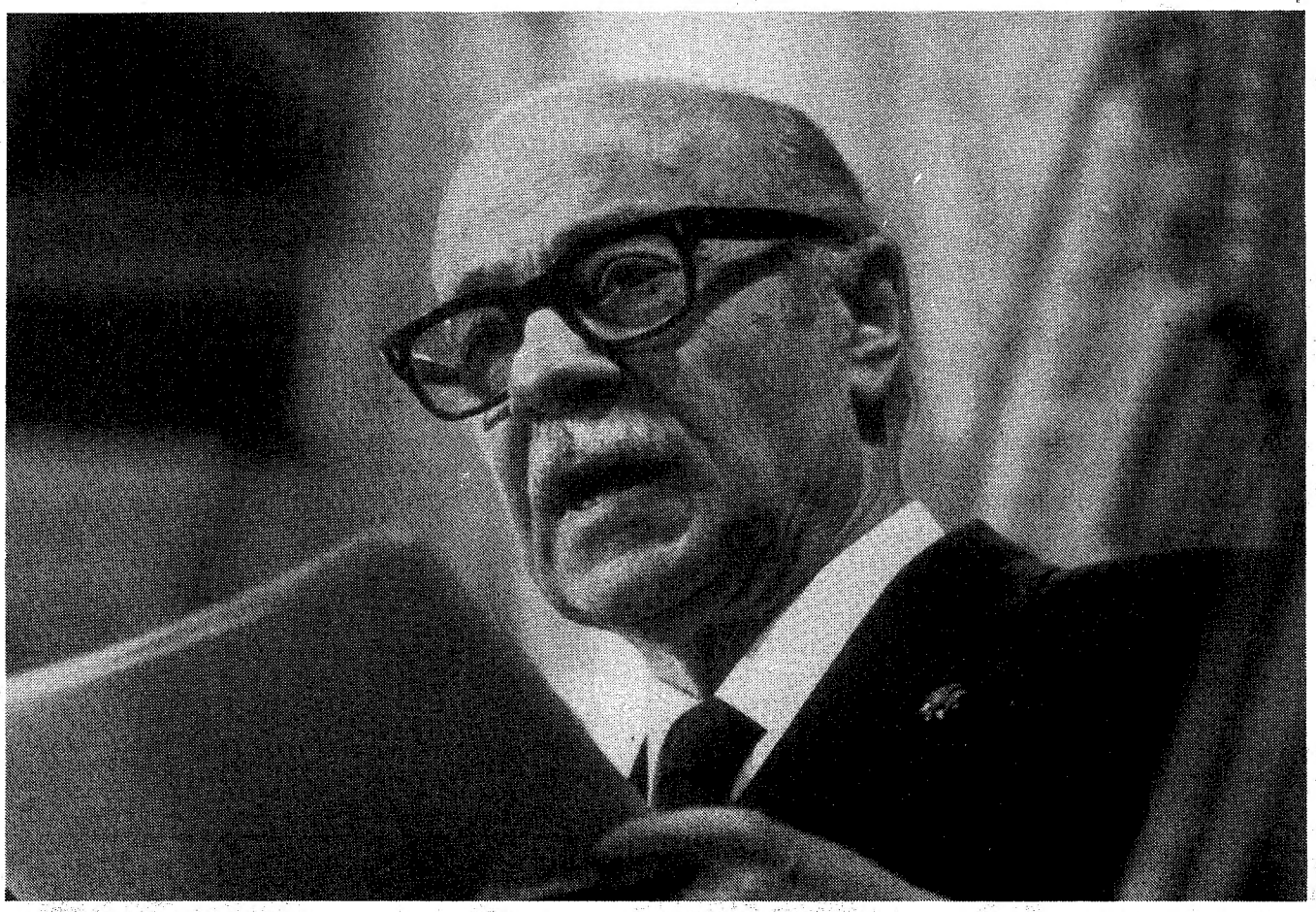
Dia 12, pelas 21.30 h — «Jazz no salão São Carlos» pela orquestra «**Tailler de Musics**», de Barcelona com **Tete Montolú.** Director: **Zé Eduardo.**

BAILADO

Lisboa
Fundação Calouste Gulbenkian
Dias 12, 13, 14 e 15, pelas 22.00 h — «Dança no Anfiteatro do Ar Livre» — **Karole Armittage Ballet.** Programa: Contempt (versão II). Música de Chet Baker, Thelonius Monk, Duke Ellington, James Brown, J.S. Bach, Chostakovitch, Jimi Hendrix e Public Ennemy. Figurinos: David Salle e Jeff Koons.

SINTRA

Adega Regional de Colares
Dia 8, pelas 21.30 h — **A Companhia Nacional de Bailado do TNSC** apresenta «Carmina Burana», numa coreografia de Armando Jorge.



ERNESTO SABATO

«O CASTELHANO NÃO É UMA LÍNGUA MORTA»

Santiago Solis
Serviço Agência EFE/«DL»

O grande escritor argentino Ernesto Sabato, autor de El túnel eAbbádon el exterminador, **esteve em Espanha e falou para o público, encontrando-se igualmente com personalidades diversas para debater reflexões interessantes sobre a diversidade e vigor da língua espanhola «esse efeito transcendente da Conquista que produziu uma das literaturas mais importantes de todos os tempos».**

Pela primeira vez na sua vida, o escritor argentino dissertou na Real Academia Espanhola e destacou a diferença entre a actual instituição e a anterior, a qual criticara nos seus ensaios de juventude por querer impor uma língua rígida.

Sabato — que chegou a Espanha proveniente de França onde foi homenageado pelo seu trabalho narrativo — foi nomeado doutor «honoris causa» pela Universidade de Murcia e apresentou em Madrid a colecção **Archivos,** a qual publicará 120 edições críticas de clássicos da literatura latino-americana.

Ensaios da juventude

Este homem da literatura que nos últimos dez anos se dedicou à pintura, confessou ter recebido uma das suas maiores lições literárias há cerca de um ano, quando o homenagearam na Universidade de Nova Iorque durante um simpósio sobre a sua obra.

«Na minha juventude escrevi vários, duros e irónicos ensaios contra a Real Academia. Falava da Academia punitiva e policial que tentava impor uma língua rígida no vasto império linguístico espanhol.»

O autor de «sobre heróis e túmulos» assinalou que tem grandes amigos nas academias de Espanha e Argentina, mas até agora recusara os seus convites, não por arrogância, mas por lhe parecer inconsequente com aqueles ensaios críticos baseados em obras dos grandes linguístas e filólogos.

«Sempre pensei que os ensaios que escrevi quando era jovem eram essencialmente válidos. O que nunca pensei foi que um dia em Nova Iorque um grande filólogo como Manuel Alvar, director da Real Academia, faria um estudo valorativo e profundamente generoso desses ensaios. Isso demonstrou-me que tudo mudara e que o velho Hieraclito tinha razão.»

Sabato assinalaria que a língua é um facto vivo, tumultuoso, caótico, que pode ser pura porque nada do que se refere aos seres humanos é puro. «A pureza existe estrictamente no universo platónico composto de objectos incorruptíveis e eternos.»

Recordou que quando era criança estudou matemática porque amava a beleza desse universo e procurava uma ordem alheia ao mundo dos homens, torpe, violento, casual e contingente. «Homens concretos que falam uma língua que se altere constante e inevitavelmente.»

A língua, segundo Sabato, compõe-se de dois pólos opostos: o indivíduo e a comunidade. É uma interacção entre o homem e o mundo em que vive, já que se faz de paixões e sentimentos, ódios e ressentimentos.

Herança de conquista

O autor de **El Túnel** assinalou que esta língua — que não descende em linha recta do latim de Cícero, mas sim do latim das tropas romanas — evoluiu em Espanha até chegar o momento da conquista: «bárbara, cruel e terrível como todas as conquistas.

Mas a conquista deixou um tesouro transcendente: esta língua de 1000 anos que estamos a falar actualmente e que produziu uma das literaturas mais importantes de todos os tempos».

Sabato assinalou que nenhum império da antiguidade ou modernidade, salvo o espanhol, produziu uma literatura tão importante nas suas colónias: «Kipling era filho de ingleses, mas creio que é o único exemplo do império britânico. Espanha deixou o germe fertilizante da sua língua».

Também declarou que conhece as atrocidades cometidas durante a conquista que «agora é moda recordar em alguns países da América Latina, esquecendo que os impérios autoctones também as cometeram».

Sabato mencionou que existe uma prova «à posteriori» de que a «lenda negra» sobre esse fenómeno trágico mas fértil não é a única e total verdade.

«Se assim fosse, como explicaríamos que dois dos maiores poetas de todos os tempos, Ruben Dario e César Vallejo, mestiços e descendentes de índios, não só não se tenham ressentido contra a língua imposta, mas tenham escrito admiravelmente e cantado poemas memoráveis a Espanha?»

Diversidade linguística

Sabato assegurou que a língua é diversificada, porque os homens também o são. «Cada espanhol fala o seu próprio dialecto. A língua de Cervantes não é a mesma de Góngora ou Quevedo nem a de um argentino é igual à de um mexicano.»

Para o grande autor argentino, «as línguas são diversas mas únicas.

Uma unidade maravilhosa na diversidade, acrescentaria. «Só um demente faria uma orquestra composta apenas por oboés. Uma orquestra existe porque há oboés, violinos, violoncelos e percursão que toca uma mesma e harmoniosa partitura. É isto o que se passa com o caso do castelhano.

Não nos devemos envergonhar das nossas variedades e diferenças. Afinal de contas, não somos nada dentro do mundo poderoso da língua castelhana. Não há variações sintácticas, mas apenas lexicais... Ninguém pode travar a língua, o seu curso incessante, vivo e confuso. É a língua viva que falam os soldados que foram para a guerra ou as crianças que jogam futebol. Assim se fazem as línguas: com tristezas, paixões e amores.»

«A língua de Castela não é um cadáver: foi mudando ao expandir-se na conquista desmesurada de tão vastos territórios.»